Cancioneiro de Musicas Populares

CANCIONEIRO

DE

MUSICAS POPULARES

CONTENDO

LETRA E MUSICA

DE

CANÇÕES, SERENATAS, CHULAS, DANÇAS, DESCANTES, CANTIGAS DOS CAMPOS E DAS RUAS, FADOS, ROMANCES, HYMNOS NACIONAES, CANTOS PATRIOTICOS, CANTICOS RELIGIOSOS DE ORIGEM POPULAR, CANTICOS LITURGICOS POPULARISADOS, CANÇÕES POLITICAS, CANTILENAS, CANTOS MARITIMOS, ETC. E CANÇONETAS ESTRANGEIRAS VULGARISADAS EM PORTUGAL

COLLECÇÃO RECOLHIDA E ESCRUPULOSAMENTE TRASLADADA

PARA

CANTO E PIANO

POR

CESAR DAS NEVES

COORDENADA A PARTE POETICA

POR

Gualdino de Campos

PREFACIADO PELO EX.^mo SNR.

DR. THEOPHILO BRAGA

e com uma apreciação critica do Ex.^mo snr. dr. Sousa Viterbo no 2.º volume

---

VOLUME III

COM UMA APRECIAÇÃO CRITICA DO EX.^mo SNR. MANUEL RAMOS

PORTO

EMPRESA EDITORA

CESAR, CAMPOS & C.ª

116 — Rua de D. Pedro — 116

1898

Cancioneiro de Musicas Populares

Em 1892 elaborou o auctor d'estas linhas uma pequena memoria, que foi presente ao congresso pedagogico realisado em Madrid por occasião das festas colombinas, em que se procurava defender uma these, que, embora velha e geralmente acceite, não fizera ainda entre nós, nos espiritos, o seu caminho, graças aos preconceitos de toda a ordem que teem embaraçado tenazmente a sua adopção.

Esse opusculo — A musica portugueza — tendia a fazer sentir a necessidade de criar uma arte musical autonoma sobre a base do folk-lore, isto é, do cancioneiro popular.

Não ha um só paiz na Europa que não tenha procurado esta autonomia em todas as secções da sua actividade creadora. O romantismo outra coisa não foi senão um largo movimento de descentralisação e emancipação mental, operado a principio na Allemanha e successivamente propagado ás outras nações, como reacção contra o unitarismo da Renascença. Este movimento encontrou nas guerras napoleonicas, que despertaram e provocaram o sentimento da nacionalidade nos povos subjugados, um estimulo d'ordem politica poderoso e energico que muito contribuiu para a differenciação operada, activando-a e dando ao mundo europeu o caracter polymorpho que reveste actualmente.

Esta especialisação realisou-se em todos os dominios da arte — artes plasticas, poesia, musica — evocando as tradições locaes, fazendo d'ellas o objecto de uma resurreição erudita e piedosa.

Dois factos citaremos apenas para exemplificação do movimento referido — o preraphaelismo inglez, e a formação da musica nacional russa.

Ha pouco mais de quarenta annos a Inglaterra estava ainda esmagada pelas tradições greco-romanas, ou enfeudada á imitação italiana ou franceza, nas artes da construcção, decoração, mobiliario, etc.

Um grupo de homens admiraveis, Ruskin, Morris, Burne Jones, e Rossetti (tres d'elles poetas illustres da era victoriana) resolveu reagir contra um tal estado de coisas e provocar um movimento d'opinião em prol d'um estylo nacional.

E principiaram por buscar a formula da *habitação ingleza*, como eixo e nucleo d'attracção onde viessem agrupar-se, enquadrar-se, todos os motivos e accessorios da decoração. Uma geração d'architectos notaveis resolve o problema, renovando o estylo da rainha Anna, *Queen Anne Style*, que tão harmoniosamente se casa com a tonalidade da paizagem ingleza. Estava encontrada a chave: o resto viria naturalmente, logicamente.

Os maravilhosos papeis pintados de Morris, os seus estofos, pannos, tapeçarias, cretonnes, a ceramica e as faianças esmaltadas de Morgan, a pintura em vidro, a arte do livro, da impressão, as incomparaveis gravuras em madeira de Crane, o mobiliario, tudo surge, como por encanto, para revestir e embellezar á *casa ingleza*, que o genio de Webb e Blomfield foi buscar ao fundo inexgotavel, proteiforme, das velhas tradições historicas e populares.

Um facto equivalente se deu na evolução musical contemporanea da Russia.

Os compositores russos do seculo XVIII (como os dos outros paizes, com raras excepções) viveram da influencia italiana, verdadeiramente predominante graças á admiravel geração de musicos que a Peninsula então produziu, e á seducção exercida pela limpidez, a graça, e o brilho da inspiração dos Cimarosa, Martini, Paisiello, etc.

A musica russa não pôde subtrahir-se a esta acção, e só com Vertowsky em 1835, dá um passo timido no caminho do nacionalismo.

Com Glinka, porem, a fusão entre o elemento popular e o culto opera-se decisivamente, e surge, pela primeira vez, a opera nacional russa, com a «Vida pelo czar», e «Rousslan e Ludmilla». Com a «Kamarinskaïa» inicia na Russia a rhapsodia sobre motivos populares.

Depois d'isso os compositores russos «sempre que «tiveram de tractar assumptos nacionaes, diz o cri-«tico francez A. Soubies (Précis de l'historie de la

« musique russe — Paris, 1893) ligaram a maior im-
« portancia aos cantos populares slavos; póde affir-
« mar-se que fizeram d'elles a base da sua arte. Estes
« cantos teem um brilho caracteristico, uma sonori-
« dade, um colorido raro, um *quid* profundo e inde-
« finivel. A variedade de compassos, rythmos e modos,
« augmenta-lhes o valor e a riqueza. São de longa
« data as compilações d'estes cantos. Uma das mais
« antigas é a de Pratch, de Praga, cuja segunda edi-
« ção conta dois volumes e abrange 149 melodias.
« D'esta compilação, digo-o de passagem, é que Bee-
« thoven extrahiu os themas dos seus quatuors dedi-
« cados ao conde Razoumoffski. Não contentes em
« tractar cantos d'esta natureza, os novos composito-
« res slavos deram-se ao trabalho de reunil-os e edi-
« tal-os. Assignalemos as collecções Balakireff, e so-
« bretudo a de Rimsky-Korsakoff. »

Estes dois eminentes compositores da « nova escola », como os seus companheiros Cesar Cui, Moussorgsky, Borodine, como Tschaïkowsky e Glazounoff, como os successores immediatos de Glinka — Dargomijsky, Seroff — impregnaram-se fortemente do elemento popular, accentuando cada vez mais o caracter indigena da arte russa, tão vigorosa, original e inconfundivel.

Para lembrar trechos musicaes conhecidos em Portugal, bastará citar o celebre andante do 1.° quartetto de Tschaïkowsky (em surdina) e a peça symphonica de Borodine « Scenas nos esteppes », tão extranhamente colorida e d'uma tonalidade tão áparte. O proprio Rubinstein, mau grado o seu ecletismo, e as reminiscencias de Chopin, Liszt e Schumann que atravessam, como uma obcessão, toda a sua obra, é muitas vezes um compositor bem russo.

O que deixamos referido quanto á evolução musical slava, é litteralmente applicavel ao movimento artistico scandinavo (Grieg e Svendsen na Noruega, Niels Gade na Dinamarca), á Bohemia (a obra de Dvorak), etc.

Hoje, como em todos os tempos (porque não se tracta de um phenomeno peculiar á nossa epoca), a verdadeira arte e os verdadeiros artistas são fortemente embebidos de nacionalismo. Ninguem dirá que Eschylo, Dante, Shakspeare, Beethoven, não séjam a mais profunda e intima emanação do genio da propria raça, sem detrimento do universalismo das suas obras.

E' a conclusão a que se vem dar, inductivamente, estudando a genese da arte e do artista como um phenomeno natural.

Mas, deductivamente, não poderá inferir-se do proprio conceito da obra d'arte o seu caracter nacionalista, como uma condição *necessaria?*

Toda a obra d'arte é um producto da subjectividade pessoal vasado n'um molde plastico — e a musica é tambem, sob um ponto de vista psychologico, uma arte plastica. Ora d'onde poderão provir os materiaes sobre que tem de trabalhar a faculdade creadora? não a faculdade creadora, em sentido theologico (ex-nihilo), mas a transformadora, pois que não ha outra? Nas artes litterarias esse material é a lingua, cristallisada nos monumentos oraes d'origem popular, ou nos escriptos, de fonte culta. São as unicas origens, por exemplo, do theatro moderno. Nós não podemos sentir, nem pensar fóra das formas da lingua popular ou do symbolismo popular. Succede, com effeito, o contrario nas civilisações em que o povo está separado profundamente das classes cultas, mas então é um phenomeno de desaggregação e decadencia. Fóra d'estas condições pathologicas, a arte vem do povo, soffre nas mãos do artista de genio uma elaboração superior, transcendente, sem perder o travo da sua origem, e volta ao povo. Fóra d'isto ha o preciosismo, o cultismo, o academismo, o byzantinismo — ou o falso popular, feito para o povo mas sem raizes n'elle, productos ficticios na origem e no intuito, mas nada d'isto, indiscutivelmente, é arte.

Nas artes *visuaes,* a invenção artistica elabora sobre as formas seculares, e reduz-se, como sempre se reduz a invenção, a mudanças infinitesimas, operadas lentamente na linha ou na côr. Sempre que uma transformação subita se dê, podemos estar certos de que se tracta ou de um producto teratologico ou d'uma transplantação exotica. Não teem origem diversa d'estas duas as extravagancias decorativas da Europa moderna, filhas do japonismo, ou das exacerbações subjectivas. Todo o progresso é, n'este campo, *regular,* organico, quando não sobrevêm taes anomalias.

Na musica da-se precisamente o mesmo. As emoções traduziveis em formula musical, nascendo n'um ser *vivo* como o homem, (que decididamente não é uma abstracção) hão de revelar o seu temperamento. Ora este temperamento vem-lhe da raça, do meio, de um conjuncto de factores que o condicionam, definindo as suas faculdades d'expressão artistica, e delimitando o campo da inventiva individual. Até onde se extende a acção dos elementos populares, collectivos (outra integração d'infinitamente pequenos) sobre o artista, ou o poder transformador d'este sobre aquella materia prima?

Ha quem julgue que o elemento popular fornece apenas o *episodio,* a *côr,* o motivo de decoração e nada mais. E cita-se a este respeito a serie de quartettos *russos* de Beethoven, dedicada a Razoumffoski.

Em cada um d'estes quartettos apparece effectivamente com um caracter *episodico* o thema russo, intercalação propositada e justificada na dedicatoria d'um compositor allemão a um titular russo. E' uma gentileza do artista, se assim quizerem, mas não é um processo d'arte, nem a isso visou o assombroso auctor da nona symphonia.

Nós suppomos, pelo contrario, que o elemento popular fornece o fundo e a forma, e que não é apenas a paixão da côr, a chromophilia moderna, que determina por toda a parte a fusão da arte musical culta com a canção popular. Não é accessoriamente que esta penetra em toda a arte moderna, mas essencialmente, dando o esqueleto e a carne, como succede com Chopin, que achou nos modulos do cancioneiro polaco a base para o desenvolvimento da sua inconfundivel, rica e vigorosa inspiração. Dissemos *base* e insistimos na palavra. A arte culta deve effectivamente inspirar-se na arte popular, impregnando-se da sua indole e caracter, o que affasta toda a ideia de escravisação, imitação ou reproducção, contradictoria da propria noção do genio in-

ventivo. Os themas nativos podem servir de pretexto a desenvolvimentos como intercalação episodica (nos quartettos citados de Beethoven) ou a agrupamentos puramente pittorescos como nas rhapsodias, de que Liszt foi o maior mestre, recamando e imbricando as melodias hungaras com intuitos de puro ornamentismo. Mas intercalação episodica, ou rhapsodia, são casos muito especiaes que não entram propriamente na these geral que desenvolvemos e tende a estabelecer que a arte, como as instituições de toda a ordem, as linguas, religiões (pois não são os deuses feitos á nossa imagem?) são productos de natureza social, e consequentemente subordinados a condições ethnicas, regionaes, nacionaes, etc., concretos e differenciados e não abstractos e unos como os productos do puro raciocinio ou da logica: que os primeiros tendem a revestir formas multiplas e caracteristicas, ao passo que os segundos, e só elles, são susceptiveis de uma expressão geral, como a figurada pelos symbolos mathematicos.

Começámos esta explanação referindo-nos á memoria que elaborámos em 1892 e temos de voltar a ella como ponto de referencia para o caminho desde então andado, e balisado por obras de valor artistico incontestavel, devidas á nova geração musical nacionalista.

E' curioso notar-se que no anno anterior, em 1891, o notavel critico e compositor hespanhol Filippe Pedrell, publicava em Barcelona a sua brochura — Por nuestra musica — tomando por divisa esthetica o pensamento do jesuita hespanhol Eximeno: «Todos os paizes deverão estabelecer o seu systema musical sobre a base do canto popular nacional» ([1]).

O notavel estheta realisou as suas theorias em obras de larga envergadura, como a sua trilogia «Los Pireneos» e a sua influencia na renovação artistica do seu paiz mereceu o estudo e a attenção de Chavarri (Le Guide musical), de A. Soubies (Musique russe et musique espagnole), Tebaldini (Filippo Pedrell ed il dramma lirico spagnuolo). Nos numerosos trabalhos porque se tem assignalado a sua actividade conta-se a compilação dos cantos populares hespanhoes.

Comtudo a Hespanha acha-se, como nós, nos primeiros passos da sua renovação musical: o elemento popular pouco tem sahido do genero ligeiro, da zarzuella, e as tentativas para o introduzir em concepções mais largas não satisfazem. A «Dolores» de Breton, que tem um pittoresco e brilhante episodio na jota que fecha o primeiro acto, por pouco mais se recommenda, sendo certo que n'aquelle genero o theatro hespanhol tem coisas muito mais bellas, caracteristicas e simples, como a *jota* final do 1.° acto da Bruja, de Chapi.

Entre nós, antes de 1892, havia apenas a inventariar o «Arco de Sant'Anna» de Sá Noronha, as 3 rhapsodias sobre motivos populares, para violino, de Marques Pinto, e uma rhapsodia symphonica de J. Francisco Arroyo, alem dos coraes de João Arroyo, *A morena, Flores sobre um tumulo,* a barcarolla coimbrã *Maria a canoa virou,* etc.

No theatro, um compositor tão habil como espirituoso, Cyriaco de Cardoso, lançou as bases da opereta portugueza com um exito excepcional, e a consagração da mais justa e merecida popularidade.

Ao tempo em que escrevemos a memoria citada, ainda Vianna da Motta, o maravilhoso pianista e notavel compositor nos era desconhecido, não se tendo apresentado ainda ao publico do seu paiz.

Comtudo n'essa data já publicára a 1.ª Rhapsodia portugueza, as Scenas portuguezas (4 peças para piano), e 5 canções portuguezas.

Depois d'isso, em 1894 e 1895, publicou mais tres rhapsodias portuguezas, e escreveu a sua symphonia «A' Patria», porventura a mais notavel concepção symphonica que ainda brotou da inspiração d'um compositor portuguez. A sua dança popular «Vito» é talvez a peça mais genuina e caracteristicamente potugueza que saiu da sua penna. As rhapsodias, que são, sob o ponto de vista technico, como peças de piano, muito bem feitas, teem talvez o pequeno senão de se resentirem dos processos de Liszt o que até certo ponto desnacionalisa e afoga os themas. A «Serenata», o *scherzo* da *Patria* e do quartetto são trechos de côr bem nacional.

A melancolia tão resignada e lyrica da alma portugueza, foi poeticamente traduzida por Colaço, o impeccavel e delicado pianista, nos seus seis fados, d'um sabor tão popular e uma factura artistica tão perfeita, e que constituem ao mesmo tempo uma deliciosa serie de peças para piano; nada mais justo que o exito enorme que estas composições alcançaram no paiz. Encantadora, a «Canção do Mondego» do mesmo compositor.

Com a enumeração daa rhapsodias do distincto violinista e professor bávaro, Victor Hussla, (peças para piano e peças para orchesta), e a menção da «Serrana», opera portugueza de A. Keil, cuja representação se annuncia para breve, temos esboçado, rapidamente, o inventario do movimento musical nacionalista.

E' evidente que todo o movimento nacionalista presuppõe o conhecimento do cancioneiro, cuja inventariação constitue o preludio indispensavel de toda a renovação musical.

Não ha na Europa paiz mais atrazado sob esse ponto de vista, do que o nosso. Todos, ou por iniciativa particular (folk-loristas, critico d'arte, os proprios musicos) ou pela inicativa governamental, reuniram e organisaram as suas collecções de cantos populares.

Em Portugal apparecem as primeiras transcripções, muito provavelmente, nos dois — «Jornaes de modinhas» do principio d'este seculo, que o sr. J. Vasconcellos cita nos seus «Musicos portuguezes.

Seguidamente apparecem:

— A velha collecção do professor João Antonio Ribas.

— O Jornal de modinhas com acompanhamento de cravo pelos melhores auctores, dedicado a Sua Alteza Real, o Principe do Brazil por F. D. Milcent,

([1]) Veja-se o interessante e primoroso artigo que o snr. Antonio Arroyo inseriu no «Amphion» de 30 de novembro de 1897. A este artigo devemos o conhecimento de Pedrell e da sua obra.

Lisboa, in-folio — (veja-se «On introduction to the study of national music — London — 1856, de Carl Engel, que o reputa «a large and interesting collection.»

Não pudemos verificar a identidade ou não-identidade d'este «Jornal», com os que o sr. J. de Vasconcellos cita sob a mesma designação).

— The Lusitanian Garland: twelve portuguese melodies, arranged with portuguese and english words, and accompaniment for the Piano-forte, by madam F. M. London (Ewer and Co), folio.

— Musicas e canções populares colligidas da tradição por Adelino Antonio das Neves e Mello — Lisboa — Imp. nacional — 1872.

Contém a letra de 45 canções, sendo 25 de Coimbra, 5 do Minho, 5 de Traz-os-Montes, 4 dos Açores, e 6 canções do berço. D'estas 45 canções, 30 são acompanhadas da respectiva musica.

— Canções populares da Beira, por Pedro Fernandes Thomaz, com uma introducção por J. Leite de Vasconcellos — Figueira da Foz — 1896.

Consta de 52 canções regionaes, letra e musica, e um grande numero de canções locaes (só letra). E' uma das mais interesantes e formosas collecções portuguezas, e feita com a escrupulosa exacção que distinguem o notavel compilador. (¹)

O presente cancioneiro, de que já vão publicados dois volumes, não obedeceu simplesmente e puramente aos intuitos de folk-lore. Por necessidades de meio teve d'ampliar o material da sua inventariação, abrangendo no plano, um tanto heterogeneo (sem que por isso perca do seu interesse), ao lado das cantigas populares, as d'origem culta que a moda ou gosto da multidão apropriou, com ou sem variantes, a collecção dos hymnos nacionaes que em nenhuma outra compilação apparecem reunidos e que em todo o caso são documentos curiosos, algumas canções antiquissimas (a do Figueiral, v. g.) d'incontestavel valor historico, e ainda uma ou outra composição individual (a Marilia de Dirceu), etc.

A parte publicada encerra 335 numeros, sendo portanto o mais extenso repositorio até hoje realisado entre nós. N'esse numero vão incluidas 21 canções das 30 que compõem a collecção Neves e Mello, com variantes em alguns titulos e algumas rectificações que o sr. Cesar das Neves introduziu na parte musical, em virtude das investigações a que procedeu directamemte — e 22 das 52 que constituem o cancioneiro Fernandes Thomaz. (¹)

Consideramos de capital importancia o serviço prestado pelos compiladores do presente cancioneiro á arte portugueza. Alguns dos nossos primeiros compositores devem-lhe o conhecimento de muitos motivos populares que serviram de base ás suas rhapsodias, ou de estimulo suggestivo á elaboração inventiva.

De futuro, quando concluido, poderá sobre elle fazer-se, por eliminação e recensão cuidadosas, o cancioneiro selecto e definitivo, como, por uma escolha racional, se deverão extrahir d'elle os choraes que a eschola primaria portugueza reclama ha tanto tempo como uma das suas necessidades espirituaes mais imperiosas.

Manuel Ramos.

(¹) O snr. A. X. da Silva Pereira, o infatigavel bibliographo da imprensa portugueza, cita ainda no seu livro «O jornalismo portuguez» (Lisboa, 1895) as seguintes publicações musicaes: — Jornal de modinhas com acompanhamento de cravo pelos melhores auctores — 1796, Lisboa.

— Divertimento musical ou collecção de modinhas — 1801, Lisboa.

— Collecção de novas modinhas para honesto recreio das madamas e apaixonados do armonioso canto — 1836, Lisboa.

— Album de musicas nacionaes — 1858, Porto.

A julgar pelos titulos, datas e logares d'impressão, parece-nos que a primeira das publicações citadas será a collecção Milcent; que esta collecção e a de 1801 deverão ser os dois jornaes de modinhas do «principio do seculo» a que se refere o snr. Vasconcellos; que o «Album de musicas nacionaes» publicado no Porto será a compilação Ribas, editada pela antiga casa Villanova. Damos estas supposições pelo que valham a titulo provisorio, pois que até hoje não pudemos examinar aquellas publicações, que só conhecemos de referencia.

(¹) As canções communs no nosso *Cancioneiro* e aos dois cancioneiros citados são as que constam da relação que se segue:

Titulos no **Cancioneiro**	*Titulos que tem no* **Cancioneiro** *de Adelino de Mello*
3 — Canna Verde.	
35 — Carrasquinha.	
53 — A vida do marujo.	O marujo.
60 — A Ramaldeira.	Chula de Ramalde.
99 — Cavaco do Rio	
124 — Esta Calçadinha.	
149 — Afasta, janota.	
150 — O Pésinho.	
168 — Constancia.	
175 — Oh vindima.	
185 — A Cantadeira.	Não canto por bem cantar.
187 — O Preto.	
194 — Moreninha.	Morena (*variante*).
198 — Trigueirinha.	
204 — O Derriço.	
218 — Ao levantar ferro, canção maritima.	O Marujinho.
266 — Folgadinho.	
306 — Os olhos da Mariannita.	
307 — A Rolinha.	
313 — Chamarrita nova.	
313 — Chamarrita velha.	
331 — Magericão.	

	nas ***Canções da Beira*** *de F. Thomaz*
35 — Carrasquinha.	Matilde.
50 — Carinhosa.	
63 — Manuel.	
69 — Ciranda.	Siranda (*variante*).
85 — Malhão.	(*Variante*)
88 — Coradinha.	
93 — Padeirinha.	
112 — Sericoté.	Tim, tim. arraial.
141 — Quitolles.	Semana Santa.
151 — Pombinha.	
157 — Luizinha.	(*Variante*).
194 — Morena.	
197 — Farrapeira.	Farrapeirinha (*Variante*).
222 — Marianna.	(*Variante*).
229 — Cannavial.	
276 — Amelia.	(Está com a musica da Gentil Serrana).
281 — Gualdir e gualdar.	Galdir e galdar (*Variante*).
299 — Meu bemzinho.	Vou-me embora.
362 — Pavão.	
311 — Laranja ao ar.	
326 — O nó da gravatinha.	
336 — Mangerico.	

A DESPEDIDA DO MARUJO

CANÇÃO MARITIMA

A S. A. R. Infanta de Portugal D. Antonia Maria, Duqueza de Saxe-Coburgo-Gotha.

Ora adeus, ora adeus,
Que me vou a embarcar;
Se a fortuna permittir
Algum dia hei de voltar.

Todos filhos da fortuna
Que quizerem embarcar,
A catraia está no porto,
A maré está baixa mar.

Quando Deus formou o navio
Com seu letreiro na pôpa,
Tambem formou o marujo
Com sua calça de estopa.

Ora, adeus, bellas meninas,
Que a Lisboa hei de volver;
Ai, não pensem que embarco,
Para nunca mais as ver!. . .

Quando Deus formou o navio
Com seu traquete de lona,
Tambem formou o marujo
Lá no pau da bujarrona.

Quando me for d'esta terra
Tres coisas quero pedir:
Uma é um mal d'amores
P'ra quando tornar a vir.

Esta canção deve ser muito antiga; ainda se canta em Sergipe, no Brazil, nos bailados dos marujos, onde foi recolhida, a parte melodica, pelo Ex.mo Snr. Silvio Romero.

MIRANDUM

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a Duqueza de Palmella.

(a) Ouvimos, ha annos, cantar esta canção a uma velhinha, que a principiava assim: *O meu bem foi para a guerra...*; e tambem não lhe applicava o estribilho *Mirandum* no segundo distico como o Ex.mo Snr. Deusdado recolhera, o que nos obriga a intercallal-o n'este ponto.

A GUERRA DE MIRANDUM

Chama-se, em terras de Miranda do Douro, *guerra do Mirandum* á guerra do *pacto de familia* de 1762, durante a qual esta cidade foi tomada pelo general hespanhol Marquez de Sarria. N'uma extensa lenda historica sobre episodios locaes d'esta guerra, publicou, ha annos, o Cavalleiro de Miranda, o Ex.^mo Snr. dr. Ferreira Deusdado, a lettra da celebre *canção do Mirandum*, escripta na propria lingua mirandeza, e com o commentario que se lhe segue:

LA CANTIGA DEL MIRANDUM

Mirandum se fui a la guerra
Mirandum se fui a la guerra
Mirandum, Mirandum, Mirandella,
Num sei quando benerá.

Se benerá por la pasqua
Se benerá por la pasqua
Mirandum, Mirandum, Mirandella,
Se por lá trênidade.

La trênidade se passa
La trênidade se passa
Mirandum, Mirandum, Mirandella,
Mirandum num bene iá.

Chubira-se a hûa torre
Chubira-se a hûa torre
Mirandum, Mirandum, Mirandella,
Para ber se lo abistaba.

Bira benir um passe
Bira benir um passe
Mirandum, Mirandum, Mirandella,
Que nobidades trairá?

Las nobidades que tráio
Las nobidades que tráio
Mirandum, Mirandum, Mirandella,
Bos ande fazer chorar.

Tirae las colores de gala
Tirae las colores de gala
Mirandum, Mirandum, Mirandella,
Ponei bestidos de lhuto.

Que Mirandum iá ié muôrto
Que Mirandum iá ié muôrto
Mirandum, Mirandum, Mirandella,
Jou bien lo bi anterrar.

Antre quatro ouficiales
Antre quatro ouficiales
Mirandum, Mirandum, Mirandella,
Que lo iban a lhebar. (1)

(1) Esta canção é publicada em Portugal pela primeira vez, tem um sabor medieval tanto no espirito como na fórma. Existe em francez sob o titulo de *canção da ama de Luiz XVI*, porque foi esta que a levou á côrte. Maria Antonietta gostou d'ella, sendo depois moda a musica e a lettra, não só em França, mas n'outros paizes. Ha criticos que suppõem que data da *guerra da successão*, sendo composta depois da batalha de Malplaquet, na qual o duque de Malbrough inflingiu a terrivel derrota á França. Em francez, pelo emprego archaico de algumas phrases, tambem parece ser romance do tempo das cruzadas.

Foi em França adaptada ao general Malbrough com o accrescento de algumas estrophes de mau gosto, como entre nós foi adaptada ao *capitão do Mirandum* sem accrescentos.

Chateaubriand ouviu cantar esta musica aos arabes da Syria. Outros affirmam que tambem a cantaram os mouros de Granada; mas tudo isto é incerto. O estribilho em francez é uma toadilha sem significação, emquanto que em portuguez, ou melhor, em mirandez, está nacionalisada e tem significação.

A canção franceza é a seguinte, recolhida por Larousse:

Eis a lettra da canção franceza, cujas repetições e estribilho já ficam indicados na musica:

Malbrough s'en vat'en guerre
Ne sait quand reviendra,

Il reviendra z'á Pâques,
Ou à la Trinité.

La Trinité se passe,
Malbrough ne revient pas.

Madame á sa tour monte
Si haut qu'ell peut monter.

Elle aperçoit son page,
Tout de noir habillé.

Beaux page, ah! mon beaux page,
Quell nouvelle apportez?

Aux nouvell's que j'apporte,
Vos beaux yeux vont pleurer.

Quitez vos habits roses
Et vos satins brochés;

Monsieur de Malbrough est mort;
Est mort et enterré.

J'l'ai vu porter en terre
Por quatre z'officiers.

L'un portait sa cuirasse
L'autre son bouclier.

L'un portait son grand sabre
L'autre ne portait rien.

A l'entour de sa tombe
Romarins l'on planta,

Sur la plus haute branche
Le rossignol chanta.

On vit voler son âme
A' travers des lauriers.

Chacun mit ventre á terre
Et puis se revela.

Pour chanter les victoires
Que Malbrough remporta.

La cérémoine faite
Chacun se fut coucher.

Les uns avec leurs femmes,
Et les autres tout seuls.

Ce n'est pas qu'il en manque
Car j'en connais beaucoup.

Des blondes et des brunes
Et des châtaign'aussi.

J'n'en pas davantage,
Car en voilà z'assez.

Em hespanhol tambem existe e começa assim:

Mambru se fué à la guerra...

Procuramos o romanceiro e o cancioneiro geral hespanhol de D. Agostin Durand, e com este começo não o encontramos. Cremos que este romance é hispanico, sobretudo portuguez, irradiando mais tarde para França e voltando de torna-viagem com o «Malbrough».

A FAMILIA DOS CARECAS

DESCANTE

A Miss Agnes Banfield Moreton.

Sapato e meia de seda
Nunca eu te comprarei:
Se quizeres andar descalço
Então, sim, eu casarei.

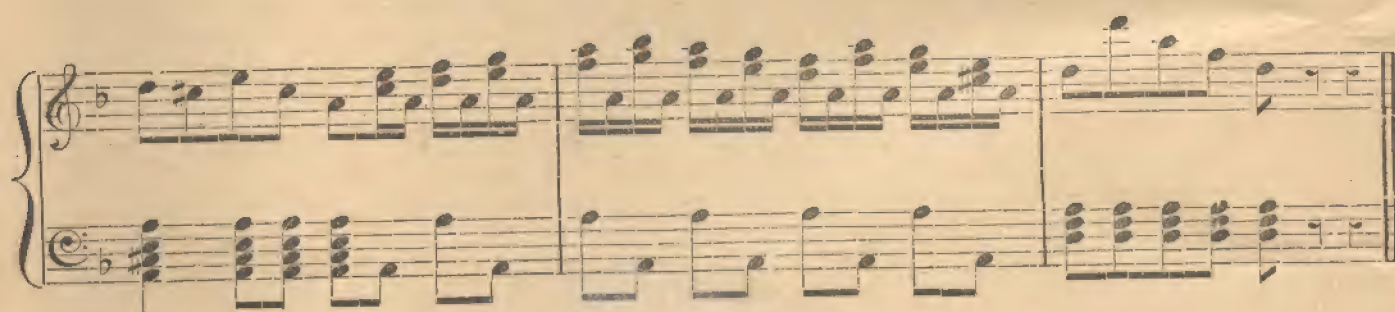
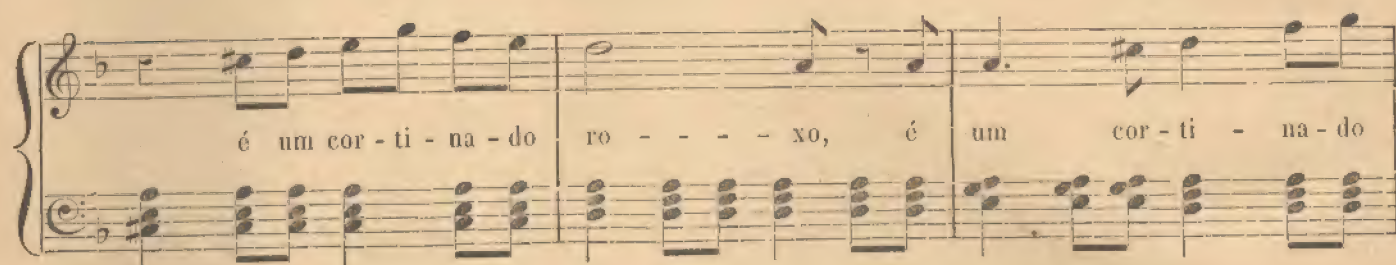
Careca o pae,
Careca a mãe,
Careca a avó
E os netos tambem,
Com toda esta familia
Não gastei nem um vintem.

Camisinha de setim
Nunca eu te comprarei:
Se a quizeres usar d'estopa
Então, sim, eu casarei.

Careca o pae,
Careca a mãe,
Careca a avó
E os netos tambem,
Com toda esta familia
Não gastei nem um vintem.

Esta cantiga pertence ao velho reportorio dos cegos ambulantes. Ha mais de cincoenta annos os cegos pobres que andavam de cidade em cidade e de feira em feira tocando e exibindo varias pantominas, entre outras apresentavam a dos fantoches; isto é, dois ou tres bonecos de engonços. O cego que ordinariamente tocava rebeca ou sanfôna e cantava, usava um grande capote ou gabão; o moço mettia-se debaixo d'esta capa, e fazia sahir pela gola ou capuz, junto do cachaço do cego, os bonecos que representavam, dançavam e fingiam cantar estas e outras cantigas, que eram alternadas entre o cego e o moço.

A SAUDADE

DESCANTE

A saudade é um lucto,
Uma dôr, uma paixão:
E' um cortinado roxo
Que cobre meu coração.

Uma saudade me mata,
Um suspiro me detem,
Uma esperança me anima
De tornar a ver meu bem.

A paixão tem uma filha
Que se chama saudade:
Eu sustento mãe e filha
Bem contra minha vontade.

Quem vive ausente, não póde
Dizer que logra ventura;
Porque uma saudade é morte,
Uma ausencia, sepultura.

Quem disser que a vida acaba,
Digo-lhe eu que nunca amou;
Quem deixou ficar saudades
Nunca a vida abandonou.

Puz-me a chorar saudades
Ao pé do verde jasmim;
E a flor me respondeu:
—Cala-te, tudo tem fim.

Recolhida em Angra do Heroismo.
Esta musica faz parte dos bailados insulanos.

OS RABELLOS

CHULA REISEIRA

A Miss Edith Mary Moreton.

Andante

340

f Nós vi - mos a - qui can - tar, com vi - o - las e fer - ri-nhos, Mas não nos de - vem di - zer: a pa - nel - la tem *có - mi - nhos.*

Nós che - ga-mos in-da a - go - ra No bar - co em que sou ar-raes, E a bar - qui - nha fi - cou presa lá en bai - xo nos Guin - da - es.

CORO

ff A gen - te bem lhe di - zi - a, vo - cê fi - ou - se nos mais, a - go - ra ven - da-lh'a cri - a, é bem fei - to *sêr* ar - ra - es. (a) D. C.

Nós tambem fizemos bôda
Como nunca ha de constar,
Senão fosse o desarranjo
Da panellica estoirar.

Tinhamos a ceia prompta,
Grita o moço da espadella:
— Senhor arraes, venha ver,
Cahiu a rata á panella!

Estava á prôa da barquinha,
Corri logo assustado;
Não que hoje é dia de festa,
Era cação ensopado.

Senhor arraes ora veja,
O que agora aconteceu;
Cahiu a rata á panella,
'Té a barquinha estremeceu.

Estava fogo no coqueiro,
Eu fugi então p'ra prôa;
E se não fosse os *Voluntairos*
Ardia a cesta da brôa.

Os prejuisos que houveram
Vota arriba d'um *corzado*
Entre panella e cebollas
E o cação ensopado.

Pois se não succede aquillo
Não vinhamos cá chorar,
Que o cação que a gente tinha
Dava muito que trincar.

Ai que era coisa tão rica,
Nenhum de nós a provou,
Eu ia a tirar a rata
E a panellica estoirou.

Agora dê-nos da ceia
Ou dinheiro pr'a fazer,
Que o *sôr* tambem está sujeito
Do mesmo lhe *assuceder*.

(a) N'esta nota elevam a voz um quarto de tom, aproximadamente. A lettra e musica d'esta chula é de Belmiro da Silva Porto (1893). Os marinheiros do rio Douro enfurecem-se quando lhes dizem: *a panella tem cóminhos*, ou *cahiu a rata á panella*, porque estes ditos envolvem, para elles, anedoctas pouco limpas.

QUE QUERES TE EU TRAGA?

CANTIGA

Á Ex.ma Snr.a D. Emilia Laura d'Oliveira e Silva.

Andantino

341

Que queres te eu traga,
Ah! ah!
Lá de Porto Rico?
Ah! ah!
Olé, olé, olé,
De real Porto Rico,
Traze-me um annassaio,
Mais um abanico.

Que queres te eu traga
Lá do Maranhão?
Traze-me canna doce,
Café e pirão.

Que queres te eu traga
Lá de Buenos Ayres?
Calção amarello,
Com seus alamares.

Recolhida nos Açores.

OH QUERIDA, GOSTO DE TI

CANTIGA

Á Ex.ma Snr.a D. Candida Augusta Lopes.

Uma simples amisade
Muita vez sem se pensar,
Oh querida eu gosto de ti.
Faz nascer a sympathia
Que em amor vem a acabar.
Oh querida eu morro por ti.

Eu hei de dar a meus olhos,
Um rigoroso castigo;
Já que elles por bem não querem
Tirar de ti o sentido.

Não posso viver sem ti,
Nem tu, lindo amor, sem mim;
Vem cá, minha rosa branca,
Vem cá para o meu jardim.

Na desgraça de não ver-te
Não faz meu amor mudança;
Quanto mais longe da vista,
Mais te trago na lembrança.

Tendes olhos de matar;
A bocca, compadecida;
—P'ra que mataes com os olhos,
Se com a bocca daes vida?

Oh olhos de amora preta,
Oh faces de rosa branca!
Houvera de me ter ido,
Mas o teu amor me encanta.

Recolhida em Coimbra, em 1878.

O MEU NOIVADO

PASSEATA

Á Ex.ma Snr.a D. Alice Grillo.

Meu amor está zangado,
Já não me tira o chapeu,
Passa por mim não me falla,
Rapariga,
Mostra-me cara de reu.

Se fores ao meu noivado
Leva saia de balão,
Para cantares esta moda,
Rapariga,
A's moças de S. Romão.

Recolhida no Alemtejo em 1893. Dança-se: os pares de braço dado passeando á bicha.

OH ADRO

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Antonia do Carmo Braga.

Hei de vestir a minh'alma
Das pennas d'um passarinho. . .
Até as pennas me servem
P'ra fazer um vestidinho.

Oh adro, oh adro, oh adro,
José.
Oh adro de Santa Cruz:
Os homens são o demonio,
José.
Santo nome de Jesus!

Se o meu amor fôra Antonio
Mandara-o engarrafar,
Em garrafinha de vidro
Para o sol o não crestar.

Oh adro, oh adro, oh adro,
José.
Oh adro de Santo Antonio,
Os homens são uns santinhos,
José.
As mulheres *são-n'o* demonio.

Dança.—Durante a cantiga é dança de roda; e no estribilho os cavalheiros dão uma volta com as suas damas, cantando: *Oh adro, oh adro, oh adro*; estas vão todas ao centro, e estendendo a mão dizem *José.*
Esta moda é antiga e muito em uso na provincia do Douro.

ADEUS, OH VAL' DE CORDEIS

DANÇA

Aqui tens a minha mão,
Ajunta palma com palma;
Domina meu coração,
Toma posse da minh'alma.

Adeus, oh val' de Cordeis,
Adeus villa de Palmella,
Já morreu o meu amor
Ao saltar d'uma janella.

Quando de ti me separo,
O que sinto nem eu sei:
Meu coração adivinha
Que nunca mais te verei.

Amanhã, por estas horas,
E' a hora da partida;
Eu me vou e tu te ficas,
Oh prenda da minha vida.

A alegria de meus olhos
Nem eu sei quem m'a levou;
Tão alegre que era d'antes,
Tão triste que agora sou!

Se ouvires dizer que eu morri
Não tenhas pena, meu bem;
Que a morte d'um desgraçado
Não causa pena a ninguem.

Recolhida no Alemtejo em 1893.

SENHOR DA SERRA

DESCANTE

Á Ex.ma Snr.a D. Laura d'Oliveira Lin.

Oh gentes da christandade,
Vamos ao Senhor da Serra,
A pedir-lhe que nos livre
Da peste, da fome e guerra.

Rapazes e raparigas,
Vamos ao Senhor da Serra:
Tem lá uma bella fonte,
Quem tem sêde bebe n'ella

Divino Senhor da Serra.
Vinde abaixo á ladeira:
Vinde buscar a mortalha,
Que eu já tive á cabeceira.

Divino Senhor da Serra,
Divino Senhor sejaes:
Não tenho nada de meu,
Vós, Senhor, tudo me daes!

Divino Senhor da Serra
Mandae Agosto mais cedo:
Que eu quero ir passear
Aos areaes do Mondego.

Ao Senhor da Serra vae
Gente de toda a nação;
Ninguem la vae que não chore
Da raiz do coração.

Ao Senhor da Serra vae
Gente de toda a comarca:
Ninguem lá vae que não chore,
Quando do Senhor se aparta.

Venho do Senhor da Serra,
Mais valente que cançada:
Se tivesse companhia
Inda para lá tornava.

Foste ao Senhor da Serra,
Nem um annel me trouxeste;
Nem os moiros da Moirama
Fazem o que tu fizeste.

Recolhida na Serra do Pilar em 15 d'Agosto de 1870. Este descante é muito antigo e vulgarissimo em todas as romarias. Tambem se dança como o *Vira*.

FAZ FAVOR PONHA O PÉSINHO

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria das Dores Grillo.

Allegro moderato

347

f

SOLO

p Faz fa - vor, faz fa -vor po-nha o pé-

zi-nho, Po-nha o pé -zi - nho faz fa - vor se o quer pôr,

CORO

f Faz fa - vor, faz fa-vor po-nha o pé- si-nho, po-nha o pe si-nho faz fa-vor se o quer

Faz favor, ponha o pésinho,
Faz favor, se o quer pôr:
Ao tirar do seu pésinho,
Meu lindo bem:
Fica sendo meu amor.

Faz favor, ponha o pésinho,
A' moda da gente rica:
Ao tirar o seu pésinho
Olhe como tão bem fica.

Faz favor, ponha o pésinho,
Ponha alli ao pé do meu;
Ao tirar do seu pésinho
Cada qual fica com o seu.

Faz favor, ponha o pesinho,
Ramo de mangericão:
Ramo que está sempre verde,
Quer d'inverno, quer de verão.

Faz favor, ponha o pésinho,
Sapato de setineta;
Que n'esta nossa amisade
Não haja quem se intrometta.

Ponha alli o seu pésinho,
A bulir e a brincar:
Se não quer pôr o pésinho,
Ponha o chapeu, póde andar.

Esta musica e dança é uma variante dos Açores e póde dizer-se Ribeirinha, pois era usada pelos marinheiros nos botequins e casas de orgia dos portos do continente e ilhas. A dança já a indicamos na musica numero 150, na variante do continente.

ESTOU PRESO

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Palmyra de Moraes.

Atirei a penna ao ar,
Cahiu no chão, fez um I:
Ande lá por onde andar
Nunca me esqueço de ti.

Estou preso aqui,
N'esta cadeia,
Por amor de ti.

Dentro do quarto que habito,
Andam as *pennas* voando,
Tantas são as que padeço
Que as disfarço cantando.

Atirei com a penna ao ar,
Atirei com a penna ao chão,
Em mà hora a atirei
Que entrou no meu coração.

Recolhida em Coimbra, em 1871.
Dança.—Os pares formam em grande roda ficando uma pessoa no centro, a roda gira durante a primeira parte; depois no estribilho forma cadeia e a pessoa que está dentro canta escolhendo a pessoa que a ha de substituir.

O ARTILHEIRO

CANÇAO MILITAR

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Miquelina d'Araujo Pimenta da Fonseca.

Sou soldado, valente, gerreiro,
Sou d'el-rei o mais bravo dragão:
Passo o vida em lucta constante,
Passo a vida com armas na mão.

Pela patria dou a minha vida,
O meu sangue e o meu coração;
Ao sentir o rufar dos tambores,
Entro em fórma no meu batalhão.

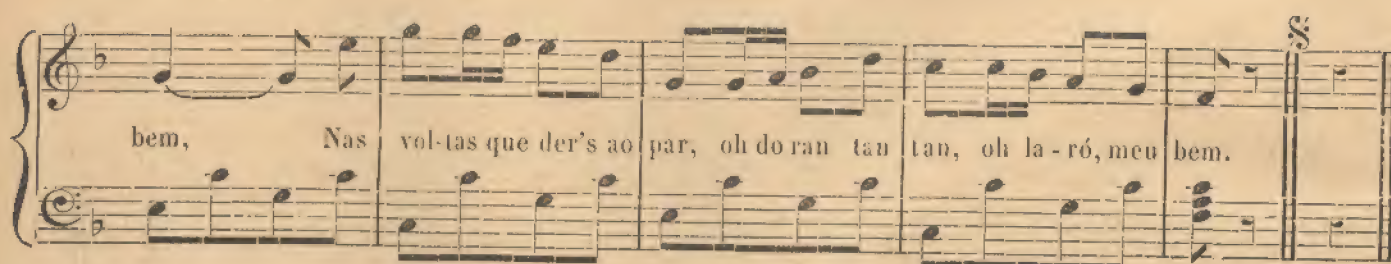
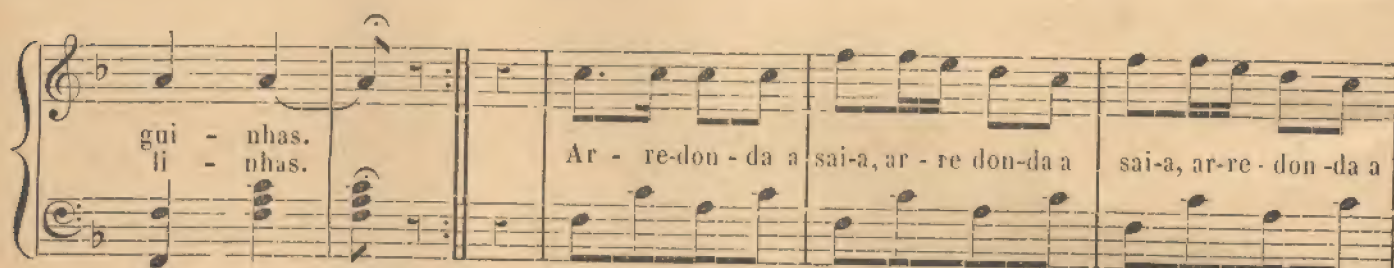
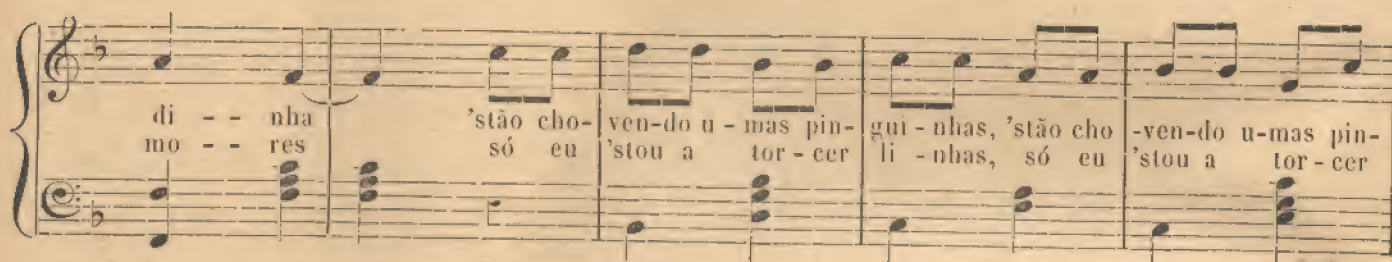
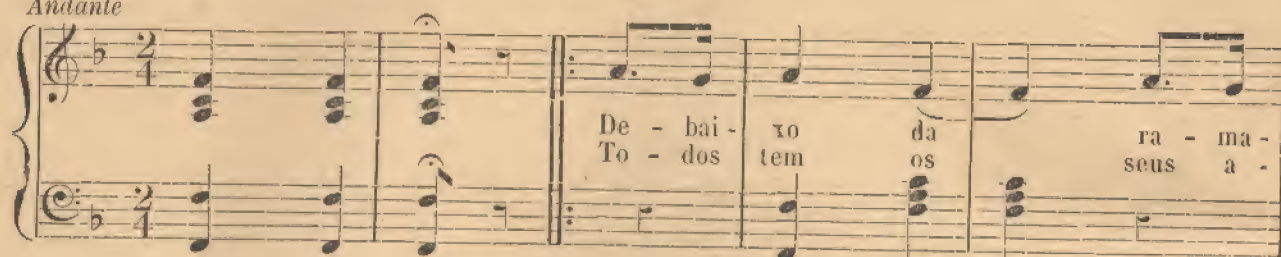
Vou dar fogo no campo da guerra,
Vou dar fogo com o meu canhão;
Ai que vida tão cheia d'encantos!
Ai que vida p'ra o meu coração!

Vou bater-me contra o inimigo,
Em defeza do meu batalhão;
Adeus filhas, adeus meus amores,
Adeus patria do meu coração.

Esta canção foi popularissima de 1849 a 1853. Recolheu-a o Ex.mo Snr. José Augusto Ferreira da Silva.

ARREDONDA A SAIA

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Estephania Alter Sotto Maior.

Debaixo da ramadinha
'Stão chovendo umas pinginhas:
Todos tem os seus amores.
Só eu estou a torcer linhas.

Arredonda a saia,
Arredonda a saia,
Arredonda-a bem:
Ás voltas que der's ao par,
Oh do ran, tan, tan,
Oh, laró, meu bem.

Coração perto da bocca,
Faz um peito que regala:
Em certas occasiões
Arrebenta se não falla.

De traz da roseira nasce
Fogo que abraza dois lumes,
Quem é rendeiro d'amores
Paga renda de ciumes.

Recolhida em Traz-os-Montes em 1890.
Dança.—Durante a quadra dança de roda; no estribilho, cada par dança em passo de polka lisa muito volteada.

O CANTOR COSMOPOLITA

ARIA

À Ex.ma Snr.a D. Carolina Bessa de Queiroz Vasconcellos.

Sou professor de musica,
Su stato em France, Hespanha,
In Corse, n'Allemanha,
Cantando n'ella Fá.
Ah, ah, ah, etc.
Cantando em n'ella Fá.

Vedi come son bello,
Estar derecho em pé non possi;
Di mi cacarossi,
Si mi faz enamorar.
Ah, ah, ah, etc.
Cantando em n'ella Fá.

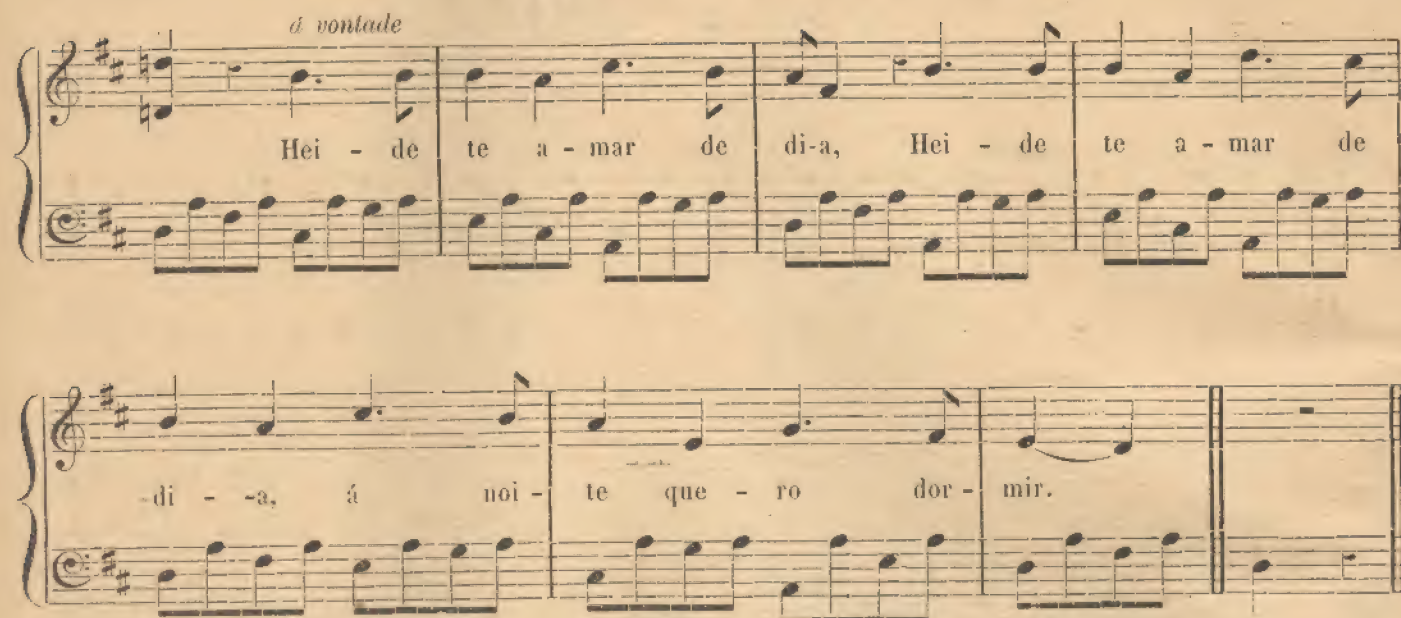
Il mio patron hez um asino,
He um mulo em casa tiene,
E quando me alha al mene,
Só mi fá Hin-hon, Hin-hon.
Ah, ah, ah, etc.
Cantando em n'ella Fá.

Esta aria é antiga e pertencia ao reportorio das salas; ainda hoje é muito vulgar.

VAREIRA DO DOURO

CHULA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Walter da Fonseca e Souza.

á vontade
Eu hei - de te a - mar, a - mar Eu hei -
de te a - mar, a - mar, Eu hei - de -te a - mar, a
con 8a
rir;
con 8a
con 8a

Eu hei de te amar, amar;
Eu hei de te amar a rir:
Hei de te amar de dia,
Que á noite quero dormir.

A candeia por estar baixa,
Não deixa de alumiar:
Assim o amor por estar longe
Não deixa de nos lembrar.

Ha silvas que dão amóras,
Ha silvas que não as dão:
Ha amores que são firmes
Mas ha muitos que o não são.

Abre-te peito e falla,
Coração, salta cá fóra:
Anda ver o meu amor
Que chegou aqui agora.

As pombinhas quando nascem,
Logo vem dando beijinhos:
Assim são os namorados
Quando se apanham sósinhos.

Oh coração, coração,
Quem t'atirara dois tiros:
Com uma pistola d'oiro
Carregada de suspiros.

Salsa da beira do rio,
De mimosa cae-lhe a folha,
Tenho um amor bem bonito
Se não houver quem m'o tolha.

O meu amor foi-se embora,
Se elle foi deixal-o ir:
Deixou-me prisioneira
Que não lhe posso fugir.

Vou-me embora do meu amo,
Não lhe devo nem um dia;
Antes m'elle deve a mim
As noites que eu não dormia.

Ando por aqui de noite,
A's escuras como o rato;
Ando de porta em porta
Não atino com o buraco.

Ando por aqui de noite,
Como o gavião perdido:
Accordo e adormeço
Comtigo no meu sentido.

Limoeiro do Brasil
Bota p'ra cá um limão:
Quero tirar uma nodoa
Que tenho no coração.

Minha mãe é minha amiga
Quando cose dá-me um bolo:
Quando se arrenega commigo
Dá-me com a pá do forno.

De que servem as esquinas
N'uma noite de luar,
Se ellas não hão de encobrir
Dois amantes a fallar?

O sol anda e desanda
Mil voltas em derredor,
Eu não ando nem desando
Sou leal ao meu amor.

Fallaes de mim, fallaes d'outros,
Sempre tendes que dizer:
Inda que o inferno está cheio,
Vós haveis de lá caber.

Onze horas, meio dia,
E o jantar arrefece,
Anda agora muito em moda:
Quem mais faz menos merece

Tenho quatorze namoros
P'ra conversar ás semanas:
Tres Marias, tres Josephas,
Tres Franciscas, cinco Annas.

Recolhida na Regua em 1874.

DANÇA.—Os pares ora se aproximam ora se afastam, dando voltas e reviravoltas a capricho. Tanto se dança nas eiras como caminhando em *compasso grave*.

SE FORES A CASTELLA

JOGO INFANTIL

À Ex.ma Snr.a D. Maria Bendicta d'Almeida.

Se for's a Castella
Traz-me uma saia,
Com fita amarella,
Barra por cima,
Barra por baixo,
Se trouxer fitaina.

Ai, ai, ai,
Chiri, biri, biri,
Guri, guri, guri,
Gare, gare, gare,
Quem a atar
Serandaina.

Se for's a Castella,
Traz-me um collete
Cor de canella.
Mas não te esqueça
O atacador
E o fivellete.

Se for's a Castella
Traz-me umas meias
De seda amarella.
Não te esqueça as ligas
Azues e vermelhas,
Que as outras são feias.

Este jogo é muito antigo.

Dança.—Grande roda de mãos dadas durante os primeiros 16 compassos. No estribilho soltam as mãos e imitam tocar instrumentos; no fim quando dizem: *Quem a atar serandaina,* cada par dá as mãos rodando sobre si.

BATE OS REMOS

CANTIGA DAS RUAS

À Ex.ma Snr.a D. Lucilia Hermenegilda d'Oliveira.

Se te vir e não te fallar
Não o ignores, amor;
Bate os remos,
Cachopinha,
Bate os remos,
Lá no mar
E' que nós andemos.
Que me trazem vigiada
Como o cão do caçador.
Bate os remos,
Cachopinha,
Bate os remos,
Lá no mar
E' que nós andemos.

Dizes que os falsos t'adoram.
Quem te quer bem que t'engana;
És leal a quem te é falso,
E traidora a quem te ama.

De que me serve eu dar ais,
Abrir os ceus com gemidos;
Se tão grande é a distancia,
Que meus ais não são ouvidos.

Amar-te, querer-te bem,
Tudo isso, amor, farei;
Mas andar a traz de ti,
Isso não, é contra a lei.

Segunda-feira te amo,
Na terça te quero bem;
Na quarta por ti espero,
Na quinta por mais ninguem.

Na sexta dou um suspiro,
Sabbado digo por quem,
No domingo vou à missa
Para ver quem me quer bem.

O sol anda e desanda,
Para tornar a nascer;
Eu não ando nem desando,
Sou fiel até morrer.

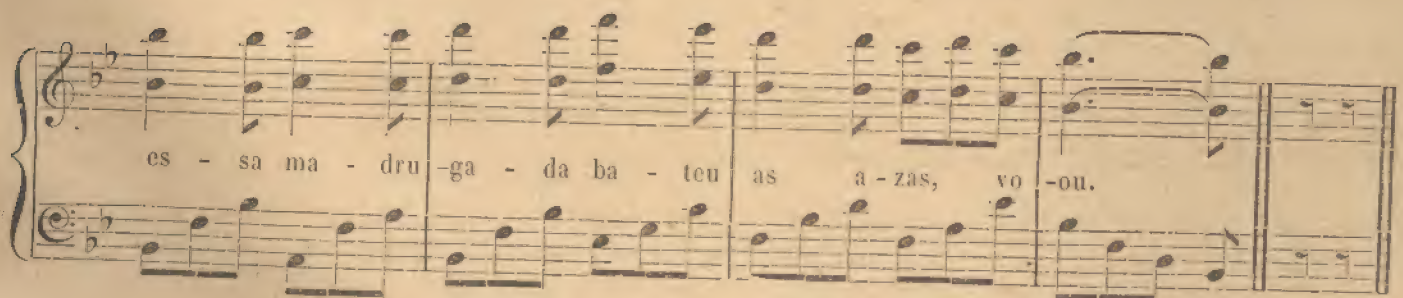
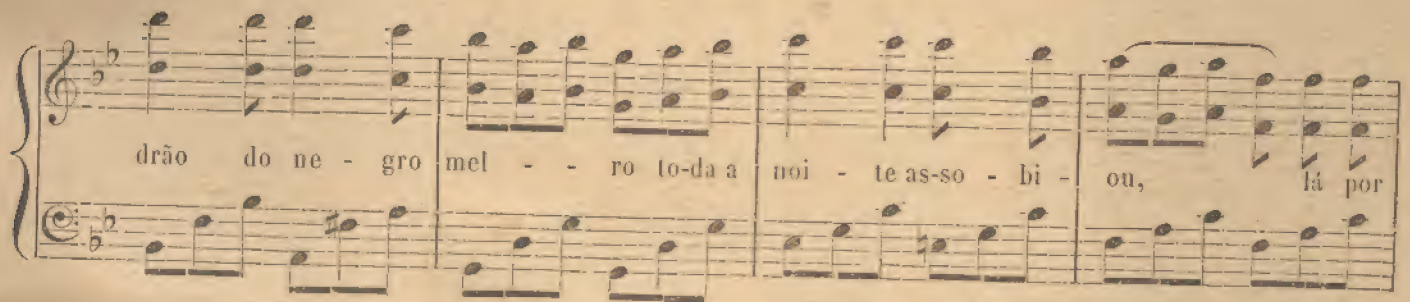
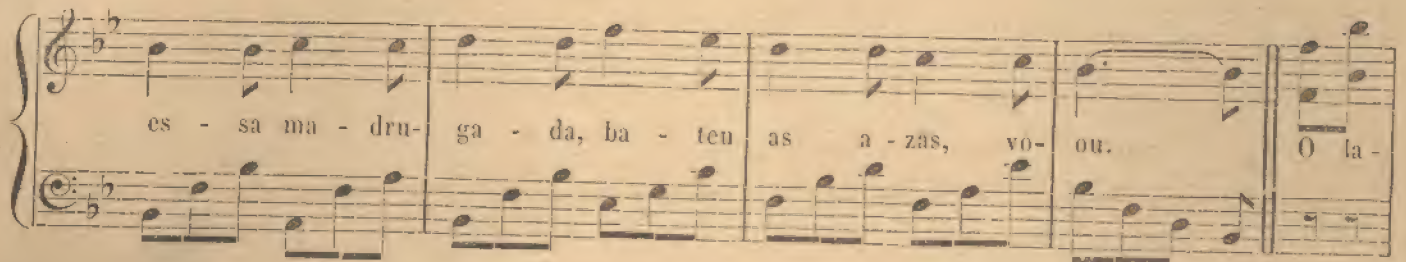
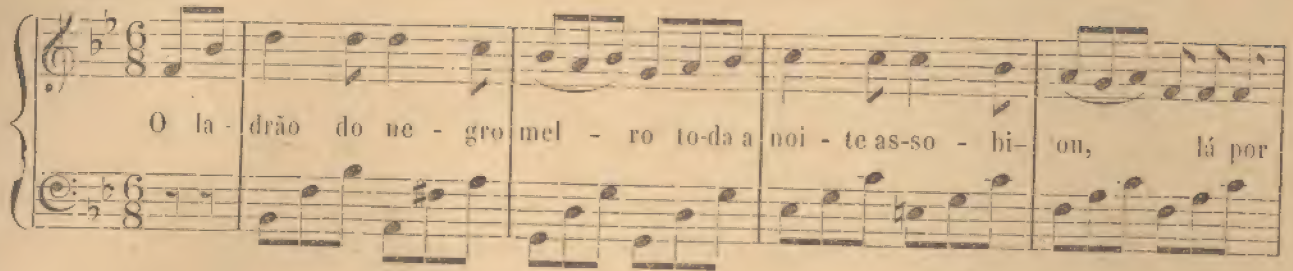
Esta cantiga appareceu pelos annos de 1848 a 1849. Era muito cantada no Porto com differentes versos, porém o estribilho foi sempre o mesmo.

NEGRO MELRO

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Adelaide Teixeira.

Andantino

355

O ladrão do negro melro,
Toda a noite assobiou,
Lá por essa madrugada
Bateu as azas, voou.

O ladrão do negro melro
Onde foi fazer o ninho!
Lá p'ra os lados de Leiria,
No mais alto pinheirinho.

O ladrão do negro melro
Toda a noite *requiquiu*,
Ao chegar a madrugada
Bateu as azas, fugiu.

O ladrão do negro melro
Foi-me á quinta ás ameixas,
Torna cá, oh negro melro,
Anda buscar as que deixas.

Esta canção foi popularissima no principio do presente seculo.

SERENATA A' MORENA

FADO

Á Ex.ma Snr.ª Condessa de Monsarraz.

Moderato

356

Eu | não te-nho on-de me a- | coi - te, oh | pom-ba dos meus a -

nhe - los! Que - | ro es-con-der-me na | noi - - te | pro-fun - da dos te-us ca -

bel - los. Que - | ro o teu ha-li-to ar | -den-te, as - | pi - rar a lon-gos | tra-gos; Que -

Quero o teu halito ardente
Aspirar a longos tragos;
Quero sentir os affagos
Da tua falla tremente.

Depois verás como eu canto
Na minha lyra de poeta,
Este amor que eu amo tanto,
Oh minha casta violeta...

Como eu te quero! No mundo,
Só eu sei e mais ninguem
O affecto immenso, profundo,
Que o meu coração contém.

A' noite, quando me deito,
Vejo o teu rosto, morena;
E, oh pomba casta e serena,
Tu poisas sobre o meu leito.

E na febre em que me abrazas,
Meu doce amor, até creio
Que roçam pelo meu seio
As pennas das tuas azas.

E que de manso ao ouvido
Me fallas do teu amor;
E que ouço perto o rumor
Das ondas do teu vestido.

Que a minha fronte descança,
A sorrir, nos teus joelhos:
E sinto os beijos, creança,
D'esses teus labios vermelhos.

Sou talvez um sonhador,
Talvez um louco, talvez;
Mas quero beijar-te os pés
Na febre do meu amor.

E tu, se accaso tens pena
D'este meu soffrer profundo,
Ri-te de Deus e do mundo,
E abre-me os braços, morena.

Esta musica que recolhemos na praia da Granja em 1875, quando era simplesmente executada em guitarras (instrumen predominante n'aquella epocha) por um grupo de academicos, acaba de reapparecer mas agora cantada com a bellissima poesia Ex.mo Snr. conde de Monsarraz.

AO SALTAR DO BARRANQUINHO

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Francisca de Souza Martins.

Andantino

357

Quando te eu peguei a amar,
Deitei sortes á ventura;
Quando me quiz retirar,
Já meu mal não tinha cura.

Ao saltar do barranquinho,
Francisquinho, dá-me a mão;
Que eu prometto de ser tua,
Mas por ora ainda não.

Do meu bem os lindos olhos,
Aquella engraçada bocca,
Com o sorriso d'um anjo
Faz andar minh'alma louca.

Diz-me, ladrão, p'ra que queres
Coisinhas tão pequeninas?
Tu, ladrão, que me roubaste
Dos meus olhos as meninas!

Desejava de saber
Onde a pena mais augmenta,
Se é no peito de quem fica,
Ou se é no de quem se ausenta.

Desejava ter comtigo
Mais alguma lidação...
Não atraza, nem augmenta
A nossa namoração.

Recolhida no Vimieiro (Alemtejo) pelos Ex.mos Snrs. J. M. Soeiro de Brito e Victorino d'Almada.

DANÇA.—Durante a quadra dança de roda; no estribilho cada par faz *balancé* e *tour de main*, e as damas passam ao par seguinte, repetindo o mesmo até tornar ao seu par.

ADEUS AREAL DO RIO

DESCANTE

Oh quanto melhor me fôra
Não conhecer amisade;
Que agora não soffreria
Os rigores da saudade.

Ainda que os ceus se abram,
A terra façam tremer,
Não hei de deixar d'amar-te,
Só se algum de nós morrer.

Eu sei que te vaes embora,
Flor do mangericão;
Se te vaes é porque queres,
Por minha vontade, não.

Tóma lá esta saudade
Que eu fui colher ao jardim,
Guarda-a sempre e quando a vires,
Meu amor, chora por mim.

Toda a noite tive frio,
Faltaste-me tu, amor,
Longe de ti tenho frio,
Se te aproximas, calor.

Tens no teu quarto alecrim
E a imagem de Sant'Antonio;
Será por causa de mim,
Ou por causa do demonio?

Recolhida em Coimbra, em 1880.

O ARROZ ESTA' CRU'

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Engracia da Silva Cruz.

Andantino

Alecrim da borda d'agua,
Deita cheiro que rescende;
Assim é o meu amor:
Onde chega logo prende.

A mim não m'enganas tu!
A panella ao lume,
O arroz 'stá cru!
'stá cru, deixal-o coser;
Dizem mal de mim
Deixal-o dizer!

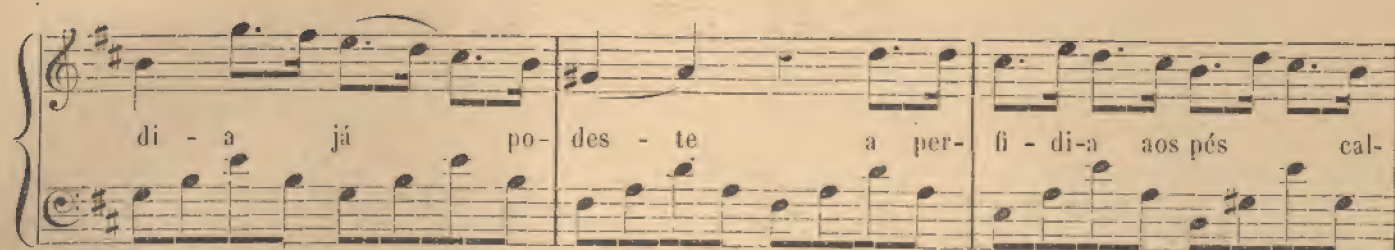
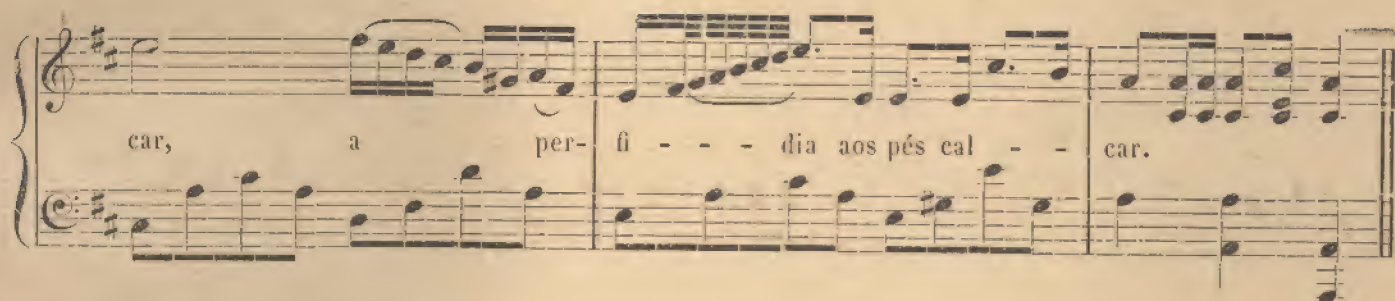
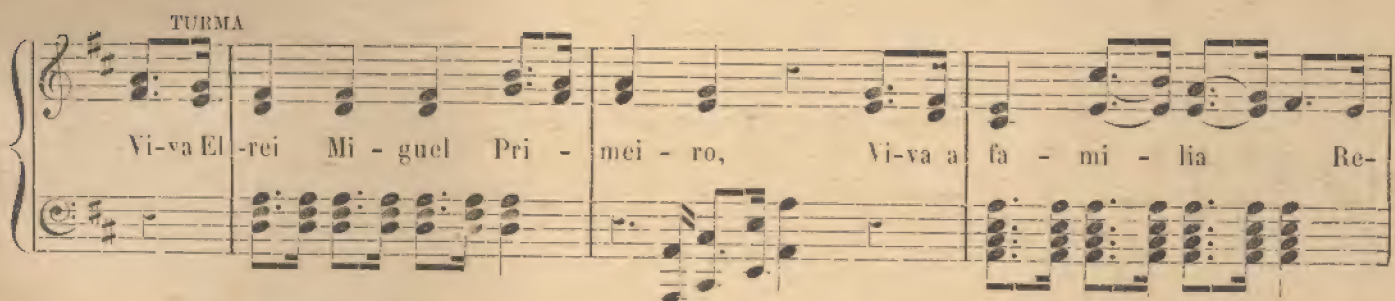
Esta noute choveu neve
Cahiu a folha ao feijão;
Hei de lograr os teus olhos,
Amor do meu coração.

Tu pediste a minha mão
Sem saber o voto meu:
Minha mãe governa tudo,
Mas em mim governo eu.

Se te quiz bem foi um sonho,
Se te amei, foi falsidade;
Foi emquanto não achei
Amor da minha vontade.

Se a lembrança de perder-te
Me atormenta o coração,
Que fará quando soffrer
A nossa separação.

HYMNO REAL DE D. MIGUEL I

A S. A. a Princeza de Loewenstein-Werteim.

di - a já po- des - te a per- fi - di-a aos pés cal-
car, a per- fi - - - dia aos pés cal - - car.
TURMA
Vi-va El-rei Mi - guel Pri - mei - ro, Vi-va a fa - mi - lia Re-
al, Vi-va o Deus, vi-va o Deus d'Af-fon-so Hen-ri - ques, E a Na-
ção, a na-ção fir-me e le- al, a na - ção fir - me e le -

al, a na - ção fir-me e le - al, a na -

o piano 8ª

ção fir - me e le - - al vi - va vi - va vi - va

o piano 8ª

vi - va. D. C. Final.

8ª sotto

Se Miguel nos vastos Ceus
Anjos maus fez confundir,
E' Miguel no throno Luso
Que os mações vae destruir.

E' Miguel anjo da paz,
E' o grande general;
E' o rei por Deus mandado,
Para reger Portugal.

As sabias leis que do throno
Miguel aos lusos dictar,
Farão Lisia recobrar
A perdida antiga gloria.

Na pag. 229 do 1.º volume d'este Cancioneiro já apresentamos uma variante da letra d'este hymno.
Na turma, pode-se-lhe juntar tenor e basso que são da seguinte fórma:

Este hymno foi introduzido em algumas missas solemnes fazendo parte da *Gloria*.

A partitura impressa d'onde extrahimos este hymno não traz os nomes dos authores nem data, que deve ter sido da acclamação (1828), por ter o titulo de *Hymno Real*; apenas indica ser impresso em Lisboa e vender-se na Portaria de Santa Clara de Coimbra; em Lisboa na de S. Vicente de Fóra e no Porto rua das Flores, defronte da Misericordia.

A MULHER DO NOSSO MESTRE

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Leocadia da Silva.

A mulher do nosso mestre,
Ai, ló,
Foi esta noite á levada,
Tim, tim, dones, dones.
Metteu as mãos pelo lôdo,
Ai, ló,
Picou-se no peixe espada,
Tim, tim, dones, dones.

Peixe espada era elle
Que lhe deu na dianteira,
. . . .
. . . .

Venha cá senhora comadre,
Sente-se n'essa cadeira:
. . . .
. . . .

Se fôr macho ha de ser frade,
Ai, ló,
Se fôr femea ha de ser freira;
Tim, tim, dones, dones, (1)
E se não tiver cabello
Ai, ló,
Põe-se-lhe uma cabelleira,
Tim, tim, dones, dones.

Esta musica é muito antiga. No reinado de D. Miguel I os partidarios d'aquelle principe, parodiavam-lhe a letra que é a seguinte:

Venha cá oh sôr *malhado*, (2)
Sente-se n'esta cadeira;
Diga: Viva D. Miguel!
Senão parto-lhe a caveira.

Venha cá, oh sôr malhado,
Tire já esse barrete;
Diga: Viva D. Miguel!
Senão dou-lhe com um cacete.

Venha cá, oh sôr malhado,
Metta a mão n'esta gaveta;
Diga: Viva D. Miguel!
Senão parto-lhe a corneta.

(1) Ha poucos annos reappareceu esta musica com umas allusões ridiculas ás irmãs de caridade, tendo por estribilho: *tim, tim, dá-lhe, dá lhe.*

(2) *Malhado* era um dos epithetos com que os miguelistas apperreavam os constitucionaes. Esta lettra já a citamos a pag. 230 do 1.º volume.

S. JOÃO DOS BORREGUINHOS

CHULA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Emilia da Assumpção.

Vamos levar um borrego,
Oh borrego, oh borrego;
Ao S. João da Lapa,
Cautella com o bicho
Que não vá cahir ao chão;
Isto foi promessa
Que se fez ao S. João,
Que já nos 'stá acenando
Co'a ponta da sua capa.

Já o S. João da Lapa,
Oh borrego, oh borrego,
Tem dois borreguinhos;
Cautella com o bicho
Que não va cahir ao chão;
Isto foi promessa
Que se fez ao S. João.
Com fitinhas ao pescoço
E com guisos nos corninhos.

Esta chula é moderna, e o author é o conhecido e já citado Belmiro.

OH SENHORA ANNA

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Clotilde de Castro.

Oh senhora Anna,
Reprehenda o seu gallo,
Que a minha gallinha
Anda a namoral-o.

Oh senhora Anna,
Oh senhora Iria,
O meu gallo canta,
O seu assobia.

Oh senhora Anna,
Oh senhora Helena,
Faça os caracoes
A' sua pequena.

O LADRÃO MORREU

CANTIGA DAS RUAS

O ladrão morreu
A comer tomates:
Meninas bonitas
Não são p'ra alfaiates.

Ai, ai, que me pica,
Ai, ai, que me arranha,
Ai, ai, que me ferra
Aquella aranha.

O ladrão morreu
A comer castanhas:
Meninas bonitas
Não são para aranhas.

O ladrão morreu
Em comes e bebes;
Meninas bonitas
Não são p'ra algibebes.

Estas cantigas appareceram pelos annos de 1848-49. O Visconde de Castilho serviu-se da musica applicando-a no seu methodo repentino de aprender a ler.

DIOGO CURRIENTES

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Theodora de Carvalho.

Diogo Currientes me chamo,
Natural d'Andaluzia:
Que aos ricos os roubava,
E os pobres soccorria.

Oh que vida eu passava!
Mesmo uma vida de rei;
Com o trabuco na mão,
Austero, dictava a lei.

Mas o diabo da justiça
Invejosa do meu estado,
Os seus arpéos me lançou,
E acabou o meu reinado.

Como fraco passarinho
Estou mettido na gaiola;
E áquelle a quem roubava,
Agora peço esmola.

Esta canção que é hespanholada, tanto na musica como na lettra, appareceu em 1860, aproximadamente, cantada pelos cegos mendicantes, tornando-se muitissimo vulgar.

AI O FRADE

JOGO INFANTIL

Á Ex.ma Snr.a D. Alzira Bessa Queiroz Vasconcellos.

Este jogo é muito vulgar em todo o paiz, porém com muitas variantes; esta que é de todas que conhecemos, a mais perfeita recolhemol-a em Arouca, em 1870.

DANÇA. — Os pares formam roda; no centro, sentado, está um cavalheiro (o frade); e por fóra da roda anda uma dama (a freira), e cantam conforme está na musica. No coro, quando se diz: *Venha a freira para o convento,* o par marcante solta as mãos, e os extremos do circulo voltando em cordão para o lado opposto fecham novo circulo, ficando a freira no centro e o frade do lado de fóra. A dança póde repetir invertendo os termos e applicando quadras diversas.

SANTO ANTONIO

DESCANTE DE ROMEIRAS

Á Ex.ma Snr.a D. Preciosa de Moraes.

Oh moças andae ligeiras,
A pedir a Santo Antonio,
P'ra vos alistar a todas
No livro do matrimonio.

Oh moças, se quereis noivo,
Ide esta noite á Ribeira,
Que os moços, em honra ao santo
Vão armar uma fogueira.

Sant'Antonio anima os mortos,
E dá saude aos doentes;
Não é muito que despache
Os sadios pretendentes.

Santo Antonio, Santo Antonio,
A's moças estende a mão:
Vamos, raparigas, vamos,
Fazer-lhe uma petição.

Casae-me meu santo Antonio,
Já que sois tão milagreiro;
Conhecido em toda a parte
Por grande casamenteiro.

Santo Antonio não queiraes
Ir ao poço mergulhar;
Se não fizeres o milagre
Das raparigas casar.

Fazei, santinho, que eu gose
Do casamento os prazeres,
Que este santo Sacramento
Legou-o Deus ás mulheres.

Não queiraes que eu leve á cova
Rosas, palmito e capella;
Que é coisa triste no mundo
Ver morrer uma donzella.

Não queiraes que as feições lindas
Que a natureza me deu,
Vão parar á terra fria
Sem deixar retrato seu.

Se me fazeis o milagre,
Prometto, Santo Antoninho,
Fazer mais uma fogueira
De alecrim e rosmaninho.

Se me fazeis o milagre,
Eu vos prometto, santinho,
Que o meu primeiro filho
Ha de chamar-se Antoninho.

Santo Antonio é nosso,
Santo Antonio é frade;
Para casar as moças
Tem habilidade.

Recolhida no Porto, em 1897. A musica é uma variante da já conhecida no S. João. A lettra é conhecida em todo o paiz.

VIRA AO NORTE

CHOREOGRAPHICA

Andante

368

Ra - pa - ri-gas can-tae to - das que in-da a -qui não ha tris- te - za; In- da a-qui não ha quem te - nha su - a li - ber - da - de pre - za.

ESTRIBILHO

O-ra, vi-ra ao nor-te, vi-ra ao nor-te, vi-ra ao sul; quan-do vi-ra ao nor-te, fi-ca o ceu a - zul, Vi - ra, vi-ra, tor-na-te a vi- rar: is - so são bei- ji-nhos que me es-taes a dar.

D. C.

Raparigas, cantae todas,
Que inda aqui não ha tristeza:
Inda aqui não ha quem tenha
Sua liberdade presa.

Ora vira ao norte,
Vira ao norte, vira ao sul:
Quando vira ao norte
Fica o ceu azul.
Vira, vira,
Torna-te a virar,
Isso são beijinhos
Que me estaes a dar.

Eu perdi o meu lencinho,
No terreiro a dançar;
Minha mãe não me dá outro,
Em cabello hei de andar.

Quando te encontro na rua,
Baixo os olhos n'um momento:
Olho p'ra a terra que pizas
E com isso me contento.

A folhinha do salgueiro
De amarella encar'colou:
Estavas p'ra mim tão firme,
Oh amor, quem te virou?

Esta dança é muito vulgar no districto de Coimbra.

DANÇA. — Durante a cantiga dança de roda, e no estribilho os pares viram-se e cada pessoa fazendo *balancé* vira sobre si conforme indica a palavra.

EU CA' SEI

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Arminda de Barros e Oliveira.

Oh minha bella menina,
Eu cá sei d'onde isso vem:
Vem da fonte do Cupido,
Do chafariz do meu bem.

Eu cá sei a quem disseste
Que me não podias ver;
Já não se me dá cá d'isso,
Gostei bem de o saber.

Eu cá sei e tu não sabes,
Tu não sabes o que eu sei:
Eu já vi andar a morte
A's costas d'um peixe-rei.

Esta musica faz parte dos bailados das ilhas Açorianas. A dança é de roda durante a cantiga e volteada durante a variação.

A CAMPONEZA

CHOREOGRAPHICA

À Ex.ma Snr.a D. Albertina Moraes Sarmento.

Antes que eu queira não posso,
Negar-te a minha amisade:
Eu, n'este mundo, não tenho
De ninguem maior saudade.

A rosa depois de secca
Foi-se queixar ao jardim;
Respondem-lhe as outras rosas:
«Tudo no mundo tem fim.»

A herva cresce no prado,
No jardim crescem as flores;
Assim cresce a sympathia
No coração dos amores.

Além vem a camponeza,
Além, além, além, além,
Já a vi, já lhe fallei,
Ora passe muito bem.

A saudade encoberta,
E' um valle de amargura;
Cantando, choro o meu mal,
Como quem não tem ventura.

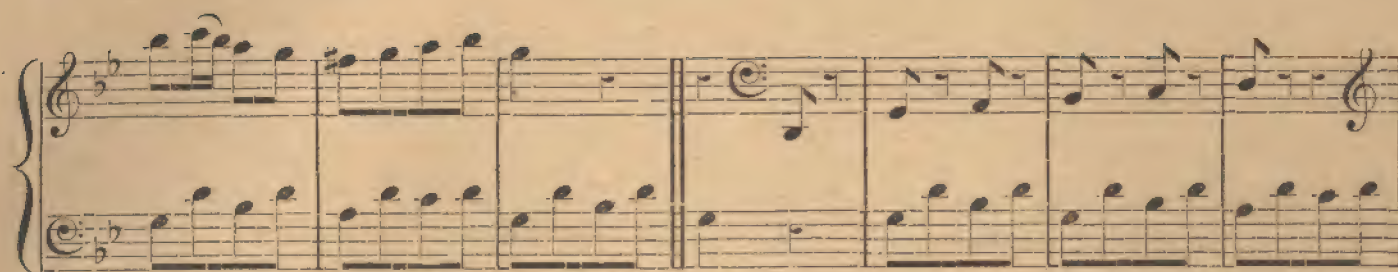
A traz do tempo vem tempo,
E o tempo tambem se muda...
Brada por quem te quiz bem,
Póde ser que inda te accuda.

Recolhida em Elvas pelos Ex.mos Snrs. J. M. Soeiro de Brito e Victorino d'Almada.

Dança. — Durante os primeiros oito compassos é dança de roda. No estribilho os pares fazem *demi-rond* e *balancé* e as damas passam ao cavalheiro seguinte.

FADO NACIONAL

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Alice de Moraes.

8a
cam - pos, mal - me - - que - res; Agu - a fri - a pa - ra a
8a
sê - de, Pa - ra os ho - mens as mu - lhe - res. A - gua
8a loco
fri - a pa - ra a sê - de, pa - ra os ho-mens, pa-ra os ho-mens as mu -lhe - res.

Se onde se mata um homem,
Pôr um cruz é preceito,
Já deves ter, oh menina,
Um cemiterio no peito.

Para a noite, lua e estrellas,
Para os campos, malmequeres,
Agua fria para a sêde,
Para os homens as mulheres.

Dize por quem trazes luto,
Que eu quero usal-o tambem;
Pois um triste e outro alegre,
Não parece ao mundo bem.

Inda que eu esteja defunto,
Na egreja, em cima da eça,
Se ouvir dizer o teu nome,
Levanto logo a cabeça.

Se a outro, quando me queres,
A mão, brincando, lhe dás,
Quando já me não quizeres
Dize então: que lhe darás?

Tens coração de leôa,
Assim ás vezes pareces;
Se te fallo, não me attendes,
Se choro, não te enterneces.

Quem publíca as suas penas
Talvez attendido seja,
Pois é raro o que consegue
Sem pedir, o que deseja.

— Divino impossivel meu,
Como é possivel ter vida
Quem como impossivel te ama,
Entre impossiveis mettida?

— Parece que cae resina
No fogo em que estou ardendo,
Porque mais avivo a chamma,
Em mais lagrimas vertendo.

— Quando me fosses prejuro,
Tão offendida ficava
Que se defunto te visse
Nem agua benta te dava.

Tive um passaro na mão,
Deixei-o fugir um dia;
Ai! se elle agora voltasse,
Nunca mais me fugiria!

Eu não te solicitei,
Foste tu que me buscaste,
Por gosto te foste embora
E, sem te chamar, voltaste.

Este fado foi recolhido em 1870 n'uma edição da casa Sassetti & C.ª, de Lisboa; porém sem lettra, que a não tem propria, addiccionando-lhe os cantadores, trovas populares.

OH MÃE DÊ-ME PÃO

DANÇA DE RODA

Á Ex.^mas Snr.^a D. Albertina Candida Sotto-Maior.

Quando eu não tinha
Comtigo amores,
Estava recolhida
No jardim das flôres.

Oh mãe dê-me pão;
Oh filha não tenho;
Estou peneirando,
Espera que eu já venho.

Saudade roxa,
Roxa saudade!
Deixa, que eu virei,
Mais cedo ou mais tarde.

Algum dia, era,
Agora já não,
Da tua roseira
O melhor botão.

Recolhida em Elvas pelos Ex.^mos Snrs. J. M. Soeiro de Brito e Victorino d'Almada.

DANÇA.—Em quanto se cantam os primeiros dois versos, repetidos, caminham os pares atraz uns dos outros, em roda para a direita, a dama do lado de dentro. A roda vira para a esquerda, sempre em marcha e as damas do lado de dentro, durante os ultimos versos da cantiga tambem bisados. No estribilho os cavalheiros voltam-se para o seu par e fazendo *balancé*, durante os primeiros dois versos, bisados, dando estalinhos com os dedos; nos ultimos dois versos faz-se um *tour*.

EPHIGENINHA

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Laura Rosa da Costa Nogueira.

A bocca da Ephigeninha
E' uma rosa fechada;
Hei de abril-a com um sopro
Depois d'aberta, beijal-a.

Os olhos da Ephigeninha
São bonitos, não se vendem...
São balas com que me atira
E são laços que me prendem.

Se os meus olhos lhe agradam
A meu pae os vá pedir;
Se elle lhe disser que não
Comsigo hei de fugir.

Recolhida em Avanca, em 1880 pelo Ex.mo Snr. Dr. Manoel Maria de Castro Corte Real.

LINDOS AMORES

CANTIGA DAS RUAS

À Ex.^ma Snr.^a D. Alice Rocha Martins.

Esta cantiga é muito vulgar em todo o paiz, e é antiga, porque já no tempo do cerco do Porto com esta musica se cantavam muitas satyras alusivas aos miguelistas e ao proprio D. Miguel.

Lá na serra de Vallongo
Uma velha apregoou:

Ai que lindos amores que eu tenho,
Os *caipiras* (1) já lá vão.

Quem quizer comprar, que eu vendo
As *armas* do *rei chegou.*

Ai que lindos amores que eu tenho,
Os caipiras já lá vão.

(1) *Caipira*, era nome insultuoso com que se provocavam constitucionaes e miguelistas; parece que esta palavra viera do Brazil, e significa pessoa despresivel.

A EXPULSÃO DOS JUDEUS

CANTIGA

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Judith da Silveira Pinto.

Esta cantiga foi conhecida em Portugal no reinado de D. Manuel, quando este monarcha, ou por fanatismo religioso, ou por influencia dos reis de Hespanha, ordenou a expulsão dos judeus; porém é de origem hespanhola, conforme diz A. Barbieri: «Quando em 1420 se deu, em Hespanha, o decreto da expulsão dos judeus, cantava o povo este *cantarcillo*, sobre cujo thema compoz Anchieta uma famosa missa (que não apparece).»

Ea, judios,
á enfardelar,
que mandan los reys
qne passeis la mar.

Os judeus expulsos de Hespanha vieram refugiar-se em Portugal, mas aqui tambem foram excessivamente perseguidos, chegando em alguns pontos do paiz, áquelles que não obedeciam immediatamente á ordem da expulsão, a sequestrar-se-lhes os bens e a bastonal-os ou a açoital-os. A este respeito é tradicional o seguinte conto vulgarmente conhecido:

Vindo de Hespanha, um judeu, a quem prenderam, depois de lhe sequestrarem todos os haveres, requereu ao rei, de sua justiça; passados dias foi mandado apresentar na praça publica onde lhe foi lida a sentença que elle interpretava a seu bel prazer, interrompendo-a com ápartes da maneira seguinte:

E nada mais se pôde ouvir por causa do ruido das bastonadas e dos apupos do povo, perseguindo o pobre homem que fugia desesperado para salvar a vida.

Eis a narrativa tradicional que podemos recolher.

O BRAVO

CANTIGA

A Fräulein Annette Hussla.

Esta cantiga é açoriana e tambem faz parte dos bailados d'aquellas ilhas.

Primeiro canta uma voz e o coro repete a mesma lettra com a mesma musica. Todas as outras quadras que se lhe podem juntar são desgarradas.

OH MEU BEM

CANTIGA

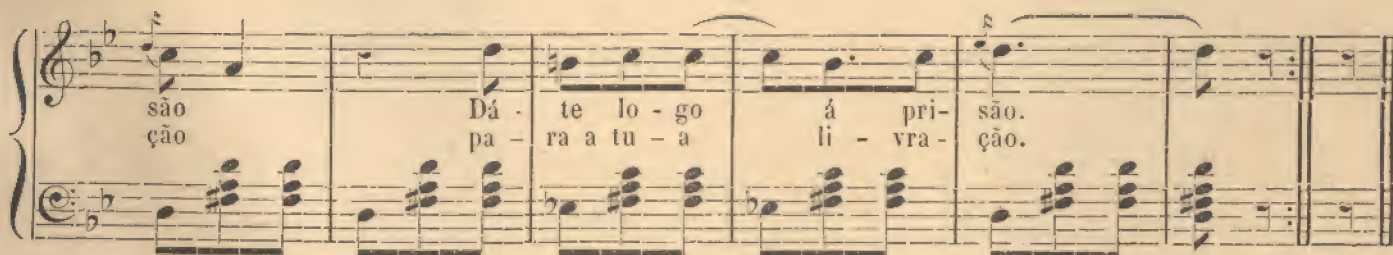
Á Ex.ma Snr.a D. Maria Leopoldina de Mattos Leite.

Allegretto

377

da 2.ª vez com 8ª

Oh meu bem se te pren- de - - - rem, Oh
In - da te-nho um an - nel d'oi - - - ro, In -

meu bem se te pren- de - - - rem dá te lo - go á pri-
da te-nho um an - nel d'oi - - - ro, pa - ra a tu - a li - vra-

Coitado, quem tem amores
E se deita sem os ver:
Toda á noite está sonhando
Quando ha de amanhecer.

A ribeira, quando corre,
No meio faz a zoada;
Quem tem amores não dorme
O somno da madrugada.

A pombinha chega o bico
Ao pombinho rolador:
São signaes que symbolisam
A doce união d'amor.

Noite escura, noite escura,
Quem ama não arreceia,
Quem quer bem ao seu amor
Pela porta lhe passeia.

Esta noite choveu oiro,
Diamantes orvalhou;
Lá vem o sol com seus raios
Enxugar quem se alagou.

Eu dei-te o meu coração,
Mas não t'o dei por libello;
Eu dei-te amor por amor,
Amor te dei, amor quero.

Esta cantig[illegible]çoriana e faz parte dos bailados da ilha; primeiro canta uma voz e o coro repete a mesma lettra e musica.

D. SANCHO

ROMANCE

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Selisa dos Santos Moraes.

D. Sancho era rico,
Avezava teca,
E nas horas vagas
Tocava rebeca.

E vae, senão quando,
Lhe foram dizer
Que sua mulher,
Falsa lhe quer ser.

Vae então D. Sancho
Poz-se a espreitar,
E viu seu rival
Alli a passear.

Em armas funestas
Pegou uma vez,
E deu ao gatilho—Pum!...
Matou todos tres.

Este romance é muito antigo (ouvimol-o em 1850) e conhecido em todo o paiz. A musica é um plagiato do thema da *Julia gentil*, vulgo *Gata Borralheira*. Tambem serve esta musica para a seguinte lettra:

O perú é velho,
Inda quer casar;
Pega na mantilha,
Vae-te confessar.

Esta quadra é applicada pelo rapazío para provocar os perús a grasnarem e a empavesarem-se.

OH GALAMBA

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Eugenia de Macedo.

Marcial

379

Oh Galamba, (1) avança, avança,
Já é tempo de avançar,
Pé esquerdo rompe a marcha,
Alto frente, perfilar.

Recolhida no Alemtejo pelos Ex.mos Snrs. J. M. Soeiro de Brito e Victorino d'Almada.
Esta cantiga data de 1864. Os amigos do celebre guerrilheiro cantavam-na. A soldadesca e os contrarios cantavam esta outra:

O maroto do Galamba
Usa calças sem presilha,
E anda roubando o que pode
Para pagar á guerrilha.

(1) Antonio Manuel Soares Galamba, rico proprietario de Pedrógam e celebre guerrilheiro popular, que em 1846 foi um dos chefes das forças progressistas no Alemtejo. Foi assassinado na villa da Vidigueira, por um sapateiro a que elle havia ameaçado de morte, e que se lhe antecipou.

FADO DO SOFFRIMENTO

FADO DO SOFFRIMENTO

Eu ando sempre a scismar,
Sem nunca comprehender,
Se o teu destino é chorar
E o meu destino é soffrer!

N'uma palma, oh feiticeira,
Fechei o teu coração:
Não é a palma da palmeira,
E' a palma da minha mão...

Enfeitiçaste-me, oh fada,
Nem sei como é que foi isso!
Tu és bruxa disfarçada
Que me deitou o feitiço...

O meu canto gemebundo
E' doce como um gorgeio;
Irá callar-se no fundo
Das quebradas do teu seio...

O meu amor, já desfeito,
Encerrei-o n'um caixão:
O caixão é o teu peito,
Tem por tampa o coração...

Os prantos que tu verteste,
Uma tarde, á beira-mar,
São per'las de luz celeste
Que andam nas ondas do mar.

Golconda tem diamantes,
Perolas tem-nas Ceylão:
Tambem os peitos d'amantes
Têm thesoiros de paixão...

Amor como o nosso é,
Não houve nem haveria,
Senão o de S. José,
Mail-o da Virgem Maria.

Longe de ti, cheio de magua,
Sempre a desejar-te em vão,
E' ter sêde e não ver agua,
E' ter fome e não ter pão!...

Antes fossemos p'r'a cova,
Alegres, de braço dado,
P'ra cantar a *missa-nova*
N'um celestial noivado!...

Este fado que tende a popularisar-se vem publicado no *Missal d'um crente*, poema lyrico de Mariano Gracías.

AQUI ESTA' A BOTA

PRELENGA

Meus senhores,
Aqui está a bota,
Que vinho leva,
Que vinho bota,
Que vinho leva
A' Ribeira Motta.

Meus senhores,
Aqui está a corda,
Que amarra a bota,
Que vinho bota,
Que vinho leva
A' Ribeira Motta.

Meus senhores,
Aqui está o cebo,
Que unta a corda,
* Que amarra a bota, etc.

Meus senhores,
Aqui está o rato,
Que roe o cebo,
* Que unta a corda, etc.

Meus senhores,
Aqui está o gato,
Que papa o rato,
* Que roe o cebo, etc.

Meus senhores,
Aqui está o cão,
Que morde o gato,
* Que papa o rato, etc.

Meus senhores,
Aqui está o pau,
Que bate ao cão,
* Que morde o gato, etc.

Meus senhores,
Aqui está o lume,
Que queima o pau,
* Que bate ao cão, etc.

Meus senhores,
Aqui está a agua,
Que apaga o lume,
* Que queima o pau, etc.

Meus senhores,
Aqui está o boi,
Que bebe a agua,
* Que apaga o lume, etc.

Meus senhores,
Aqui este a choupa,
Que mata o boi,
* Que bebe a agua, etc.

Meus senhores,
Aqui está o homem,
Que faz a choupa,
* Que mata o boi, etc.

Meus senhores,
Aqui está a justiça,
Que prende o homem,
* Que faz a choupa, etc.

Meus senhores,
Aqui está a Lei,
Que manda a justiça,
* Que prende o homem, etc.

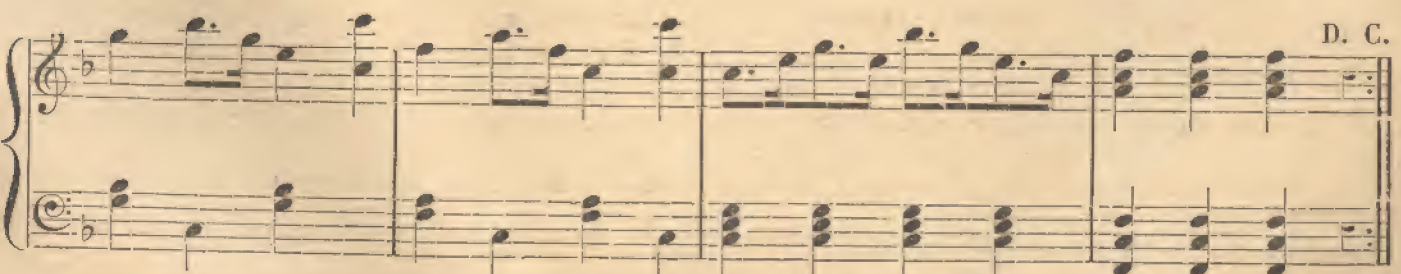
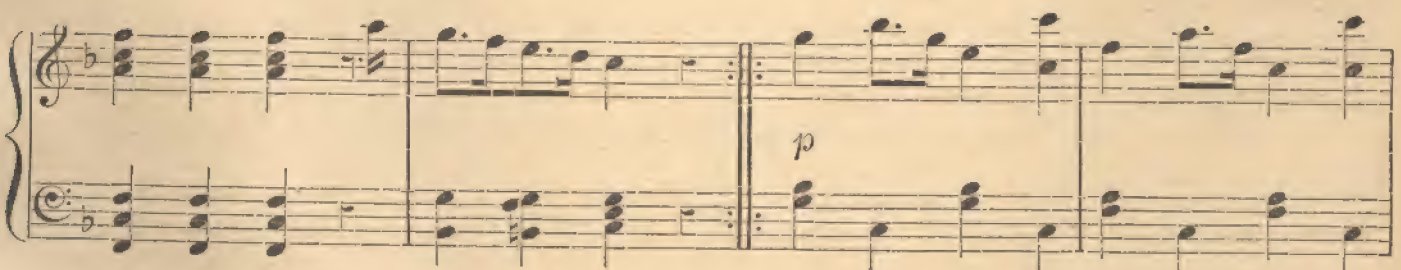
Esta prelenga ribeirinha é muito antiga. A *Bota* a que refere é o nome d'uma vasilha em fórma de tonel, que leva tres quartos de pipa.

* Vae repetindo sempre o resto da estrophe antecedente. Nas estrophes impares conclue como está indicado na 1.ª, e nas pares elimina-se o 1.º verso *Que vinho leva*, como está indicado na 2.ª estrophe.

E' tambem jogo recreativo: Cada pessoa da roda recita uma das estrophes e se se engana paga prenda. Ha diversas variantes, na lettra.

GAVOTA

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Adelaide Gomes de Sá.

Esta dança esteve muito em voga no principio d'este seculo. Actualmente torna a apparecer, por isso não damos a descripção choreographica.

MARCHA DOS CAVALLINHOS

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Victoria da Silva Mattos.

Eu amava-te, menina,
Se não fosse um senão:
Seres pia d'agua benta
Onde todos põe a mão.

Toca a caixa, toca a marcha,
A marcha dos cavallinhos;
Oh amor que vida a nossa,
Dar abraços e beijinhos.

Estrellas do ceu cahi,
Vinde fazer juramento,
Vinde dizer se me viste
Com alguem perder o tempo.

Dava-te o meu coração
Se m'o tiveras pedido;
Agora já t'o não dou,
Já o tenho promettido.

Esta cantiga que tambem é dança de roda, é vulgar no districto de Coimbra. Recolhida em 1893.

SAUDADES

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Esperança Candida Fernandes.

Que saudades eu tenho da infancia!
Que saudades eu tenho do lar! —
D'essa quadra passada, risonha,
Sem tristezas, sem dôr, sem pezar!

Minha infancia tão linda e tão bella,
Linda quadra dos tempos felizes;
Em que alegre correndo nos campos,
Eu das rosas colhia os matizes...

E dez annos eu tinha sómente,
Quando um dia os rochedos deixei;
E deixei as flores e os prados
E as rolinhas que tanto afaguei.

E depois, embalada nas ondas,
Eu deixei este meu Portugal;
Soluçando bem triste, coitada,
Com saudades da terra natal.

E dez annos depois eu voltava,
E meu pae um esposo me deu;
N'esse dia, a ventura que eu tinha,
No poder do himyneu se perdeu.

Sou esposa, sou mãe, sou escrava,
Já não vejo de Cintra os rochedos,
Já não vejo palmares nem montanhas
Onde á brisa dizia os segredos.

Recolhida em 1882 em Valença. Esta canção é muito vulgar em todo o paiz.

S. JOÃO DO ALEMTEJO

DESCANTE

Á Ex.ma Snr.a D. Lydia Augusta Vieira.

A vinte e quatro de junho,
Dia de grande funcção,
Todo o mundo se alegra
P'ra festejar S. João.

Alegrae-vos, raparigas,
Que ahi vem o S. João,
De longe se vem a rir,
Com a bandeira na mão.

Ajuntae-vos, raparigas,
Ao redor de S. João:
A mais nova d'este rancho
E' que o leva em procissão.

S. João p'ra se entreter
Foi passear ás Marinhas,
Encontrou-se com as moças,
Tudo são brincadeirinhas...

S. João p'ra ver as moças
Lançou ponte no Jordão,
Onde Christo é baptisado,
Onde se baptisa João.

Que lindo está S. João
No picotinho do monte,
A olhar p'r'as raparigas
Que vão beber agua á fonte.

A noite de S. João
E' a noite dos amantes;
Hei de ver se o meu amor
Inda é firme como d'antes.

Eu hei de ir ao S. João,
De noite, depois de ceia;
Que me faça mais bonita,
Já que dizem que sou feia.

Oh meu rico S. João,
Aqui me venho banhar;
Se eu cahir, abaixo, ao poço,
Vinde-me, vós, lá tirar.

Aonde vae S. João,
Descalcinho e sem chapeu?
—Vae ver o grande festejo
Que se faz hoje no ceu.

Lá vem o Baptista, abaixo,
Dep'nicando um cacho d'uvas;
Dando bagos ás solteiras,
E cangaços ás viuvas.

Lá vem o Baptista, abaixo,
Lá dos lados da Ribeira:
Vem ver como se diverte
A mocidade solteira.

S. João, de Deus amado,
S. João, de Deus querido,
Vós fostes santificado
Antes de teres nascido.

S. João foi companheiro
De Jesus crucificado;
Tambem nós vamos rogar-lhe
P'ra ser nosso advogado.

Adeus, oh meu S. João,
Que muito tenho folgado;
Ide p'r'a vossa capella,
Que eu vou deitar-me um bocado.

Recolhida em Gavião, no baixo Alemtejo, em 1877.

LANDINA

LUNDUM

Á Ex.ma Snr.a D. Alice de Magalhães.

Eu sou, landina, eu sou
Contra-mestre d'um vapor:
Fugiu-me a minha pombinha,
Já não sei do meu amor.

Oh rola, que vaes rolando,
A fugir do gavião;
Ella vae na veia d'agua,
Barqueiro estende-lhe a mão.

Fugiu-me a minha pombinha,
Já não tenho portador:
Já não tenho quem me leve
Uma carta ao meu amor.

Procurei a um lettrado,
Qual era a pena mais viva;
Se uma ausencia dilatada,
Se uma cruel despedida.

Se me amares a mim só,
Mais do que a rocha sou firme;
Em sabendo que amas outrem,
Sou um raio a despedir-me.

Se me amas, dá-me a vêr,
Quero amar teu lindo rosto,
Tenho muito quem me queira,
Mas só tu és do meu gosto.

A melodia d'este lundum, que é apenas de quatro compassos, é africana, (dos landins), porém applicada pelos nossos maritimos á lettra portugueza. Recolhida na Povoa de Varzim em 1890.

SIGA O FORTE

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Umbellina Julia d'Almeida.

Recolhida no Alemtejo. Póde applicar-se-lhe qualquer quadra desgarrada.

FADO DE CASCAES

Á Ex. Snr. D. Rita Augusta Alves Coelho.

Mares que vindes á praia,
Beijar a areia e morrer,
Podeis de manso gemer.
Mas de mansinho, cautella. . .
Trovadores namorados,
As vossas lyras calae,
Emquanto se evola e vae
Na aria d'amor a alma d'ella.

Harpas ethereas, silencio!
Na lyra d'um cherubim
Ella suspira por mim,
O que eu por ella suspiro!
Aves da noite escondidas,
Na folhagem do rosal,
Vinde ouvir vossa rival
Emquanto eu gemo e deliro!

Venha a natureza em extasis
Ouvir o harpejo subtil
D'aquella voz infantil,
Mysterio d'amor que adora,
Silencio, que a virgem sonha,
Sonhos d'amor ao luar!
Deixae, deixae-a cantar
Emquanto o mundo a não chora!

SIMÕES DIAS.

ANNO BOM

DESCANTE

Á Ex.ma Snr.a D. Emma Couto.

Bons annos e annos bons,
Dae-nos outros melhorados,
Christo Deus Nosso Senhor,
Perdoae nossos peccados.

Perdoae nossos peccados
Hoje n'este alegre dia,
Nado é o bom Jesus
Filho da Virgem Maria.

Filho da Virgem Maria,
Faz que dorme, está acordado;
Sempre de braços abertos
Para o mais desamparado.

As senhoras d'esta casa
Cobrem o rosto co'um veu;
Mandaram-me abrir a porta,
Deus lh'as abra assim no ceu,

Botei um arco de flores
Por cima das laranjeiras;
Deus lhe dê annos de vida
Mais ás meninas solteiras.

Estas meninas solteiras
São flores que estamos vendo,
Deus lhes dê uma boa sorte
Como ellas o estão merecendo.

E os meninos solteiros
Que não percam o cuidado,
Os que não têm pae nem mãe
Deus lhes dê um bom estado.

A par com Nosso Senhor,
Da figueira nascem figos;
Deus lhe dê muito bons annos
Para amparo de seus filhos.

Estas santas orações,
Que eu aqui tenho rezado,
Eu as offereço e entrego
Por quem me tem escutado.

Este descante é dos Açôres, sendo a lettra recolhida pelo Ex.mo Snr. Dr. Teophilo Braga.

REMAR... REMAR...

BARCAROLA

À Ex.ma Snr.a D. Albertina d'Andrade Mello.

No mar, no fundo,
Sobre as areias,
Dançam sereias
Quando ha luar...
O mar é lindo,
A noite é bella,
Desfralda a vela,
Remar... remar...

No mar, no fundo,
Sobre os aljofres,
Ha lindos cofres
Que te hei de dar.
O mar é lindo,
O ceu convida,
O amor dá vida,
Remar... remar...

No mar, no fundo,
Sobre as areias,
Dançam sereias
Ao meu cantar.
O mar é lindo,
A noite é bella,
Desfralda a vela,
Remar... remar...

E' esta barcarola, uma das canções orpheonicas do Mondego, hoje vulgarisada por todo o paiz.

FADO DOS ESTUDANTES

Á Ex.ma Snr.a D. Amelia Couto.

O amor do estudante
Não dura senão uma hora,
Toca o sino, vae p'ra a aula,
Vem as ferias vae-se embora.

Amor fere, quando fere,
Sem distinguir qualidade;
Fere o pobre, fere o rico,
O vassallo, a magestade.

O passarinho no bosque
Busca algum de sua côr,
Mostra em tudo a natureza
A doce união d'amor.

Estudantes são maganos,
Amigos de apalpar tudo;
Apalparam-me a jaqueta,
Se era de ganga ou veludo.

Estudante larga o livro,
Anda, vamos ao jardim;
Mais vale uma hora de gosto
Do que duas de latim.

O amor do estudante
E' emquanto está presente;
Vem as ferias, vae-se embora,
Fiem-se lá de tal gente.

O amor do estudante
E' muito, mas dura pouco;
E' como o milho vermelho
Que se aparta um do outro.

Rapariga, se casares,
Toma conselho primeiro:
Mais vale um rapaz sem nada,
Do que um velho com dinheiro.

A capa do estudante
E' um jardim de flores;
Toda cheia de remendos,
Botados por seus amores.

Este fado é dos estudantes açorianos; foi recolhido em 1871.

A BODA DOS PINTAINHOS

CANTILENA PASTORIL

Á Ex.ma Snr.a D. Alice da Conceição Fernandes d'Andrade Mello.

392

—«Pinto p'ra noivo
Temos nós já;
Agora madrinha
D'onde nos virá?»

Sahiu a cobra
Da sua toquinha:
—Aqui estou eu
P'ra ser a madrinha.

—«Boa madrinha
Temos nós já;
Agora, farinha,
D'onde nos virá?»

Sahiu a formiga
Do seu formigueiro:
—Aqui estou eu
Com um quarteiro.

—«Quarta de farinha
Temos nós já;
E amassadeira
D'onde nos virá?»

Sahiu a porca
Do seu lamaçal:
—Aqui estou eu
P'ra vir amassar.

—«Amassadeira
Temos nós já;
E agora, a lenha,
D'onde nos virá?»

Sahiu o lagarto
De rabo alçado:
—Aqui estou eu
Com um braçado.

—«Braçado de lenha
Temos nós já;
Agora, forneira,
D'onde nos virá?»

Sahiu a cadella
De dentro do lar:
—Aqui estou eu
P'ra vir fornejar.

—«Fornejadeira
Temos nós já;
Agora, a carne,
D'onde nos virá?»

Sahiu o lobo
De dentro do matto:
—Aqui estou eu
Com um chibato.

—«Carne de chibato
Temos nós já;
Agora, as moças,
D'onde nos virá?»

Sahiram as moscas
Do seu mosqueiral:
—Aqui estamos nós
P'ra vir bailar.

—«Moças p'ra bailar
Temos nós já;
E o tocador
D'onde nos virá?»

Sahiu o burro
Detraz d'um oiteiro:
—Aqui estou eu
P'ra tamborileiro.

Parece ser de origem mirandeza, esta antiga cantilena, que se acha vulgarisada por todo o paiz, com muitas variantes de lettra, mas que não primam nem pelo conceito nem pela decencia. Em todas as nações da Europa ha lenga-lengas similhantes.

VIVA A LARANJINHA

DANÇA DE RODA

À Ex.ma Snr.a D. Aurelia Benedicta d'Amorim.

« Oh senhora quintaneira,
Viva a laranjinha!
Quantas dá por um vintem?
—Eu dou cinco a quem me estima,
Viva a laranjinha!
Dou seis a quem me quer bem.

Toma, amor, esta laranja,
Tira-lhe o summo, que é tua;
Da casca faz um barquinho,
Embarca p'ra minha rua.

Toma, amor, esta laranja,
Tira-lhe o summo de dentro,
Da casca faz um navio
E embarca o meu pensamento.

Quem me dera um pão molle,
Co'uma laranja partida,
Para dar ao meu amor
Que anda de tromba cahida.

Toma lá esta laranja
Que ainda ha pouco foi colhida:
Quem te dá esta laranja
Deseja-te dar a vida.

Na mais alta laranjeira,
No raminho mais cerrado,
Está o nome do meu bem
N'uma folhinha assentado.

Recolhida no Alemtejo.

AI SIM, AI NÃO

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Guiomar da Silveira Torres.

Recolhida em Elvas. Póde applicar-se-lhe qualquer quadra desgarrada.

Dança. — Depois de rodarem os pares, de mãos dadas, para a direita, os homens dão volta ás damas e fazem *balancé*. Na segunda parte da cantiga, rodam os pares para a esquerda, com outra volta e *balancé*.

NÃO TE ESQUEÇAS

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Laura Adelaide Pinheiro.

Não te esqueças de mim quando a aurora
Desabrocha da côr do jasmim:
N'essa hora de ti me recordo,
Não te esqueças, meu anjo, de mim.

Não te esqueças de mim quando a rosa
Desabroche ou murchar no jardim:
N'essa hora de ti me recordo,
Não te esqueças, meu anjo, de mim.

Não te esqueças de mim quando a nuvem
No ceu vae, qual veloz bergantim:
N'essa hora de ti me recordo,
Não te esqueças, meu anjo, de mim.

Não te esqueças de mim quando á tarde
O poente se põe de carmim:
N'essa hora de ti me recordo,
Não te esqueças, meu anjo, de mim.

Não te esqueças de mim quando entrares
Em salão de pomposo festim:
N'essa hora de ti me recordo,
Não te esqueças, meu anjo, de mim.

Não te esqueças de mim quando oras
Como lindo e gentil seraphim:
N'essa hora de ti me recordo,
Não te esqueças, meu anjo, de mim.

Não te esqueças de mim quando sonhes
Mil venturas e gosos sem fim:
N'essa hora de ti me recordo,
Não te esqueças, meu anjo, de mim.

Não te esqueças de mim quando a morte
Negra e feia vier para mim:
N'essa hora de ti me recordo,
Não te esqueças, meu anjo, de mim.

Esta canção recolhemol-a em 1890, mas parece ser mais antiga e ter vindo do Brazil.

CASARÁ?

JOGO

Á Ex.ma Snr.a D. Adelina Magalhães.

Casará, com quem casará?
O snr. F. (1) com quem casará?
Deus o ponha a elle no raminho,
O snr. F. (2) para ser o padrinho,
Deus a ponha a ella na folhinha,
A snr.a F. (3) para ser a madrinha,
Deus a ponha a ella no Cancão,
A snr.a F. (4) para lhe dar a mão.

Alegrias e tristezas
Tudo por mim tem passado,
Por muito que eu tenha rido
Muito mais tenho chorado.

Algum dia, n'esta rua,
Tinha eu uma cadeira
Onde assentava meus olhos.
Agora vão de carreira.

A flôr da fava é branca,
Cae no chão, faz-se amarella,
Ninguem vá pedir a moça
Sem ter fallado com ella.

A' porta do meu telhado
Nasceu um amor perfeito,
Mas não tem tão linda côr
Como se fosse em teu peito.

Recolhida no Alemtejo.

Dança. — Oito compassos de roda; no estribilho (1) nomeia-se a uma pessoa conhecida que vão em marcha cumprimentar; nos numeros (2) e (3) nomeiam-se duas pessoas conhecidas; no numero (4) escolhem a noiva; a todas se dirigem do mesmo modo.

DA OUTRA BANDA DO RIO

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Julia da Cunha.

Todos os Josés são vários,
Franciscos, extravagantes,
Manueis são lisongeiros,
Joaquins firmes, constantes.
Da outra banda do rio
Tenho eu os meus marmellos;
O marinheiro não vem,
Lá se perdem d'amarellos!
Zoz, cata-troz, cata-troz,
Rem, conhem-nhem, conhem-nhem.

Amor, não fujas de mim,
Que não cômo gente viva...
Se me não queres amar,
Valha-te Deus, quem te obriga.
Da outra banda do rio
Tenho eu os meus melões;
O marinheiro não vem;
Lá m'os furtam os ladrões.
Zoz, cata-troz, cata-troz,
Rem, conhem-nhem, conhem-nhem.

Recolhida no Alemtejo.

SAN GONÇALO

CHULA

Á Ex.ma Snr.ª D. Eva da Costa Carregal.

San Gonçalo d'Amarante,
Casamenteiro das velhas,
Porque não casaes as novas?
Que mal vos fizeram ellas?

San Gonçalo d'Amarante
Feito de pau d'amieiro,
Irmão do pau dos meus socos,
Creado no meu lameiro.

Seis barricas d'alcatrão,
Grande orchestra de badalo,
Eis aqui a grande festa
Que se faz a San Gonçalo.

San Gonçalo
D'Amarante,
Quer que lhe baile,
Quer que lhe cante.

Oh meu San Gançalo,
Meu San Gonçalinho,
Eu quero casar,
Dae-me um maridinho.

Oh meu San Gonçalo,
Oh meu rico santo;
Attendei ás moças
Que vos pedem tanto.

O San Gonçalo teve por todo o paiz e ilhas, devotos e romeiros que lhe ergueram altares e lhe consagraram descantes e bailes a que pertence a musica que publicamos. Ainda no primeiro quartel d'este seculo concorriam á festa á Sé do Porto, a 10 de Janeiro, as regateiras dos mercados da Ribeira e da praça Nova (hoje praça de D. Pedro), e eram ellas que faziam toda a animação, importando-se pouco com a decencia da phrase, decoro de maneiras e reverencia ao orago; o fim unico era quem mais podia provocar a gargalhada e ruborisar as pessoas honestas. Porisso só publicamos a lettra mais inoffensiva que podemos recolher na tradição.

O GATO DA VISINHA

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Julia Freire.

Oliveira, pende, pende,
Pende para cá um ramo,
Que eu sou menina teimosa,
Duram-me as teimas um anno.

A visinha tem um gato,
E' um bicho valentão:
Vae á caça, vae ao matto,
Vem p'ra casa arranha o cão.

Vem p'ra casa, arranha o cão,
Vem p'ra casa, arranha a gente.
A visinha tem um gato
Que é um bicho mui valente.

Se é por *piques* não me piques,
Se é por *chasques* não entendo,
Se é por lograr cousa tua,
Recada, que não pretendo.

Sete estrello vae a pino,
A lua de banda em banda:
Quem me dera advinhar
Quem no teu sentido anda.

Tenho dentro do meu peito
Duas escamas d'um peixe:
Uma dis-me que te ame,
Outra diz-me que te deixe.

A flôr do carapêto
Ao longe a vista que faz,
Se me não levas ao geito,
A' força não és capaz.

Não ha flor como a da giesta,
Pela manhã ao abrir;
Nem amor como o primeiro
Que se vae e torna a vir.

A flor da oliveira
Ao longe parece renda;
Quem tem o amor á vista
Não póde ter melhor prenda.

Recolhida no Alemtejo pelos Ex.mos Snrs. J. M. Soeiro de Brito e Victorino d'Almada.

O LADRÃO DO GATO

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Beatriz Freire Pimentel.

Se eu soubesse ler,
Tinha-te escrevido,
Com penna de pato,
Tinteiro de vidro.

O ladrão do gato,
Comeu-me a morcella,
Já lá está em casa
Preso pela goella.

Se eu tivesse pena,
Se eu tivesse dó,
Ia a tua casa
Estar com tua avó,

O ladrão do gato
Comeu-me o toucinho,
Já lá está em casa
Preso pelo focinho.

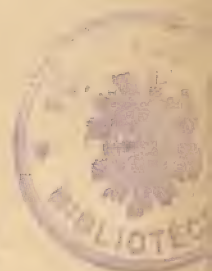
Se eu tivesse pena,
Se tivesse dôr,
Ia a tua casa
Estar comtigo, amor.

O ladrão do gato
Comeu-me o chouriço,
Já lá está em casa
Preso pelo toutiço.

O meu lindo amor,
E' alto e trigueiro,
E' o melhor moço
Que vae ao ribeiro.

Oh rosa, oh rosa,
Oh rosa encarnada,
D'este meu peitinho
Tu és a estimada.

Oh rosa, oh rosa,
Toda enriçadinha,
Dentro do meu peito
Tu és a rainha.

Recolhida no Alemtejo. Canta-se na primeira roda uma quadra desgarrada e depois é que se segue o estribilho, virando-se os pares uns para os outros.

FADO ROBLES

Á Ex.ma Snr.a Condessa de Valenças.

Na folha da hera, em verde,
O teu nome eu escrevi:
Na mesma, secca, mirrada,
Tenho o teu nome inda aqui!

A madre silva encantou-me,
A silva verde prendeu-me,
O coração dolorido
Da minha amada, venceu-me.

Da minha alma todo o affecto
Uma só bella gosou:
Nenhuma outra o gosára,
Nenhuma outra inda o roubou.

Quem nasceu p'ra a desventura,
Não devêra ter amores;
De que valeu o amar-te
Se o meu amor é sem flores?

Conservo do meu passado
As mais singellas lembranças,
Feliz tempo o da infancia
Bella edade a das creanças!

Na minha alma vão tristezas,
Minha vida só tem ais,
Na minha campa hei de ter
Saudades dos bem leaes.

Oh sonhos da minha infancia!
Oh minha crença bemdita!
Evolae-vos no espaço
Pela aboboda infinita!

Os rios levam das fontes
As aguas puras ao mar;
Augmentam o curso d'aquellas,
Lagrimas do meu chorar.

Como á louca mariposa
Seduz a chamma que a mata,
Teus cabellos me prenderam
N'um elo que não desata.

As minhas cantigas tristes
Dispersa-as todas o vento;
Que o vento leve tristezas
Longe do teu pensamento!

Vi-te domingo na missa,
—Perfeito typo christão!
Os olhos fitos no livro
Em profunda adoração!

Quando a hostia sacrosánta
Se elevava até aos ceus,
Os teus olhos pretos, pretos,
Cravaste, fitos, no Deus.

Eu cahi aos pés da cruz,
Na minha crença, a orar,
Que o teu amor conseguiu
Fazer me christão, rezar!

Oh Virgem das «Sete Dores»!
«Mater» minha «Dolorosa»!
Cubri-me no manto azul
D'essa côr mysteriosa!

D'aqui p'ra tua janella
Coberta de trepadeira,
Adorei o teu perfil
Esta noite quasi inteira.

Tu lias n'um livro aberto,
Em frente o Christo na cruz!
Dos claros da trepadeira
Coava-se triste a luz!

Moças que tendes amores,
Oh almas castas! oh bellas!
Cantae as minhas cantigas
Ao luar e ás estrellas!

Manhãs d'amor e ventura,
Tardes d'encanto sem fim,
Oh dias dos meus amores
Acabados para mim!

Ventura do meu passado!
Tristezas do meu presente!
Negruras do meu futuro
Quem mas varrêra da mente!

Fiz de lyrios e violetas
E malmequeres do prado,
De goivos e mais saudades
A silva do teu noivado!

Tenho as flores resequidas,
Que me deu a tua mão,
E quero-as, quando eu morrer,
Pôr sobre o meu coração.

Recolhido no Porto em 1895. A designação de *Robles* provém-lhe do nome do author da musica.

A COROA DE VIRGEM

CANÇÃO

Não vês, donzella, como nasce a rosa,
Que tão mimosa desabrocha a flor?
Pois tu, oh virgem, inda és mais formosa,
Do que essa rosa de tão linda cor.

Com essa c'rôa que tu tens, donzella,
Pódes com ella gloriar-te aqui;
C'rôa de virgem, não a percas, bella,
Porque a perdel-a que será de ti!...

Mas essa flor que já foi formosa,
A linda rosa para o chão pendeu;
Agora murcha, desfolhou-se a rosa,
E de viçosa toda a cor perdeu!

C'rôa de virgem se a perderes, bella,
Assim como ella perdeu viço e cor,
Toda a belleza que tu tens, donzella,
Has de perdel-a como a perde a flor.

Mulher ou anjo, que na terra brilhas,
Qual astro bello que não tolda um veu,
Virgem! a senda que na terra trilhas,
Ha de por certo conduzir-te ao ceu.

Tu vaes guiada pelos sãos caminhos,
Não saias d'elles porque o bem é teu;
Embora encontres cá na terra espinhos,
Mimosas flores colherás no ceu.

Sustenta a lucta, que na terra finda,
Que o Pae Celeste, que o valor te deu,
Eternos gosos de ventura infinda
A troco d'ella te dará no ceu.

O mundo póde da mulher perdida
Fallar verdade se disser — morreu —
Mas não da virgem, que não perde a vida
Quem vae a eterna disfructar no ceu.

Esta canção foi recolhida na Beira Alta, em 1892, pelo Ex.mo Snr. Gaspar Paúl.

FRANCISCA

DANÇA DE RODA

Allegretto

403

Se eu sou - bes - se que tu da - vas um só pas - so p'ra me ver, Eu te dis - se - - ra de cer - to ou-tros a - mo - - res não ter.

con 8a

Oh Fran -cis - ca, oh Fran -cis - ca quem na -mo - ra tam-bem s'ar- ris - ca. Fran-cis -qui-nha, meu a- mor, Dás-me um bei - jo? Não se- nhor.

D. C.

Se eu soubesse que tu davas
Um só passo p'ra me ver;
Eu te dissera, de certo,
Outros amores não ter.

Oh Francisca, oh Francisca,
Quem namora tambem se arrisca.
Francisquinha, meu amor,
Dás-me um beijo? Não senhor.

A açucena com o pé n'agua,
Vae abrindo e vae cheirando;
Assim é o meu amor,
Quando por mim vae passando.

A açucena com o pé n'agua
Póde estar quarenta dias;
Eu sem ti nem uma hora,
Quanto mais noites e dias.

Deixaste-me a mim por outrem,
Paciencia, são vontades:
Ainda te has de arrepender
Das tuas variedades.

Deixaste-me a mim por outrem,
Para amares a quem mais tem;
E eu por dinheiro não deixo
D'amar a quem me quer bem.

Ai de mim que já não posso
Com tantas penas amar-te;
São tantos a pretender-te
Que me resolvo a deixar-te.

Tanto ai, tanto suspiro
Que se dá pela callada;
Meu coração sente tudo,
Minha bocca não diz nada.

Quando passares por mim
Faz-te cego, faz-te mudo;
Disfarça quanto puderes
Que eu por mim disfarço tudo.

COMPADRE FRANCISCO

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Leonor Julia d'Oliveira.

Já lá vae abril e maio,
Já lá vão esses dois mezes;
Já lá vae a liberdade
Com que eu te fallava ás vezes.

Compadre Francisco Fernandes,
E' irmão da Francisquinha,
Passa-lhe a mão pelo rosto,
Vem tu cá, oh rosa minha.

Eu hei de amar o luar
Deixar o escuro traidor:
Hei de amar a quem quizer,
Não te devo nada, amor.

Eu hei de me ir assentar
No circo que leva a lua,
Para ver o meu amor
As voltas que dá na rua.

Deita-te d'ahi abaixo,
Meu sol, minha luz, meu bem,
Que eu te apanharei nos braços.
Ai Jesus! que elle lá vem!

Eu não posso, n'este mundo,
Levar tal á paciencia:
O que é meu logral-o outem,
E' caso de consciencia.

Altos silencios da noite
Minhas vozes vão rompendo,
Já que de dia não posso
Fallar a quem eu pretendo.

O meu amor, coitadinho,
De repente adoeceu:
Faltaram-lhe os meus carinhos,
Não pôde viver, morreu.

A folhinha do salgueiro
E' a primeira novidade:
Quem madruga não alcança,
Que fará quem se ergue tarde!

Recolhida na Figueira da Foz.

FRANCISQUINHA

DANÇA DE RODA

Recolhida no Alemtejo. Póde applicar-se-lhe qualquer quadra desgarrada.

O MARIDINHO

CHULA

À Ex.ma Snr.a D. Florinda Alves Teixeira.

— Oh mulher:
Eu comprava-te umas botas.
« Isso não,
Maridinho, não,
Que me faz as pernas tortas;
Bom frumento e bom vinho,
Boa carne e melhor toucinho.

— Oh mulher,
Eu comprava-te uns sapatos,
« Isso não,
Maridinho, não,
Que me faz andar aos saltos,
Bom frumento e bom vinho,
Boa carne e melhor toucinho.

— Oh mulher:
Eu comprava-te um burrinho.
« Isso sim,
Maridinho, sim,
Que o burro leva o odre,
O odre leva o vinho,
Boa carne e melhor toucinho.

Esta chula foi recolhida no Alemtejo pelos Ex.mos Snrs. J. M. Soeiro de Brito e Victorino d'Almada.

OH MULHER

CHULA

À Ex.ma Snr.a D. Luzia Alves Teixeira.

—Oh mulher, oh mulher,
Eu comprava-te umas botas.
«Isso não, marido, não,
Que me faz as pernas tortas.

Compra-me antes um vinhinho
P'ra regar o meu peitinho,
Tu bem sabes, maridinho,
Que a agua me faz bem mal.

—Oh mulher, oh mulher,
Eu comprava-te uns sapatos.
«Isso não, marido não,
Que me faz andar aos saltos.
Compra-me antes, etc.

—Oh mulher, oh mulher,
Eu comprava-te um saiote.
« Isso não, marido, não,
Que fico como um pipote.
Compra-me antes, etc.

—Oh mulher, oh mulher,
Eu compava-te um gibão.
«Isso não, marido, não,
Que me opprime o coração.
Compra-me antes, etc.

—Oh mulher, oh mulher,
Eu comprava-te um pente.
«Isso não, marido, não,
Que arranha a cabeça á gente.
Compra-me antes, etc.

E' esta cantiga uma variante do *Maridinho*. Recolhida nas provincias do Douro e Traz-os-Montes. O povo ainda lhe addiciona outras estrophes, mais livres, para descrever a mulher borrachona, que prefere andar nua e immunda, a que lhe falte o seu vinhinho.

BELLA AURORA

DANÇA DE RODA

À Exma Snr.a D. Clotilde de Magalhães.

Bella Aurora, se te atreves
A prender quem anda ausente,
Toma lá o meu cabello,
Faze d'elle uma corrente.

A Bella Aurora na serra,
Não sei como não tem medo:
Faz a cama, dorme só
Debaixo do arvoredo.

A Bella Aurora chorava,
E no seu pranto dizia:
Que o amor se lhe era falso
De repente morreria.

Esta musica é do archipelago açoriano e faz parte dos bailados insulares.

QUATRO PINTORES

CORO

À Ex.ma Snr.a D. Aurora Candida de Figueiredo.

Este coro é da ilha dos Açores e fazia parte do reportorio dos antigos *foliões*, que o cantavam só a duas partes.

PASTORINHA

XACARA

Á Ex.ma Snr.a D. Philomena Pereira da Silva.

Andantino

410

p Deus vos sal - ve pas - to - ri - nha, que o vos - so ga - do guar - da - - es. *mf.* Vin-de com Deus pas-sa - gei - ro, de Deus sal - va - do se - jaes. *p* Eu sal - vei e vós sal - vas - te, Cum-pri - mos nos - so de - ver. *mf.* Foi cre - a-ção que me de - ram de eu a tu-do res-pon - der.

Esta xacara parece-nos datar de 1850. Fazia parte do repertorio dos cegos, musicos ambulantes.

PASTORINHA

ELLE

Deus vos salve, pastorinha,
Que o vosso gado guardaes!

ELLA

Vinde com Deus passageiro,
De Deus salvado sejaes.

ELLE

Eu salvei e vós salvaste,
Cumprimos nosso dever.

ELLA

Foi creação que me deram
De eu a tudo responder.

ELLE

Uma bella rapariga
Como vós, linda pastora,
Tão bonita e tão formosa,
Falla tão encantadora...

ELLA

Não venha o senhor, de fino,
Escarnecer da innocente,
Que anda guardando seu gado
Na serra, affectivamente.

ELLE

Quereis vós, linda pastora,
Deixar ficar vosso gado?
Sereis minha companheira,
Eu serei o vosso amparo.

ELLA

Sendo minha creação
Pelo meu gado olhar,
Como póde o cidadão
Vir-se de mim agradar?

ELLE

Fui nascido na cidade,
Foi sempre habitação minha,
Não ha ninguem que me agrade
Como vós, oh pastorinha.

ELLA

Vejo pastar, o meu gado
E' o meu entretimento;
Eu não posso acreditar
Palavras dadas ao vento.

ELLE

Desfazeis minhas palavras,
Não quereis acreditar n'ellas?
Vinde commigo p'ra a cidade
E tirae-vos d'essas serras.

ELLA

Eu não posso ser estranha,
Sendo na serra nascida;
Que hei de ir fazer p'ra cidade
Sem lá ter modo de vida?

ELLE

Para comeres e beberes,
E andares muito acceiada;
Basta só a formosura
D'essa cara delicada.

ELLA

Vejo pastar o meu gado,
Ouço cantar passarinhos,
Não me posso sustentar
Só de abraços e beijinhos.

ELLE

Em tudo sois tão formosa,
E tudo tambem vos diz:
Vinde commigo pastora
Que vos vou fazer feliz.

ELLA

Não esteja a perder tempo,
Não tenho mais que dizer;
Deixarei meu nascimento
Se o senhor me receber.

ELLE

Eu prometto, sem faltar,
De comvosco ser casado;
Quando eu fôr passeiar
Ireis commigo a meu lado.

ELLA

Já que o senhor me promette,
Meu casamento seguro,
Desde hoje me entrego,
Desde já para o futuro.

ELLE

Acceito com muito gosto,
Pastorinha, vossa mão,
Faço de mim o possivel
P'ra vos dar estimação.

ELLA

Vou-me despedir do gado,
E dos ares do meu paiz,
Para ir acompanhar
Quem me quer fazer feliz.

ELLE

Deixae ficar vosso gado,
Não deis entrada á saudade:
Vinde commigo pastora,
Vinde tomar novo estado.

ELLA

Adeus pae e adeus mãe,
Adeus gado que eu guardei,
Adeus manas, adeus manos,
E a terra onde me criei.

ORA TOMA MARIQUINHAS

FADO

Á Ex.ma Snr.a D. Maria das Dores Meirelles.

Cupido, deus dos amantes,
Aprendeu a gravador;
Engastou dois diamantes
Nos peitos do meu amor.

Eu por amor me perdi,
Mas por amor encontrei
Os teus affectos, que dizem
Que eu feliz sempre serei.

Nem toda a arvore dá fructo,
Nem toda a herva dá flor;
Nem toda a mulher bonita
Póde dar constante amor.

O limão tira o fastio,
A laranja o bem querer;
Tira de mim o sentido
Se me queres ver morrer.

Eu hei de amar a margaça,
Embora a sua amargura;
Hei de amar a quem quizer,
Que inda não fiz escriptura.

O meu amor é estudante,
Traz a capa a dar-a-dar;
Cabeça de bule-bule,
Catavento a variar . . .

Oh vento fresco da barra,
Alegria dos barqueiros;
Quando sopra o vento fresco
Descantam os marinheiros.

O luar da meia noite
Vae servir-me de mortalha,
Cavae-me a cova depressa,
Senhor dos Passos me valha!

Quem tem amores não dorme,
Quem os não tem adormece,
Quem os tem ao longe chora,
Quem os tem ao pé padece.

Quem tem amores não dorme,
Nem de noite nem de dia;
Dá tantas voltas na cama,
Como peixe n'agua fria.

Fui-me deitar a dormir
Ao som da agua que corre;
A agua me foi dizendo:
Quem tem amores não dorme.

Deite um beijo, córaste,
Deite segundo, sorriste,
Todos os mais que levaste,
Foste tu que m'os pediste.

CARTOLLA

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Candida Martins Pereira.

Cartollas, cartollas, Cartollas de Villa-Nova, Menina deixe o namoro, Que seu pae dá-lhe uma sova.	Cartollas, cartollas, Cartollas de Vizeu, Viva a linda menina Que agora aqui appareceu.	Cartollas, cartollas, Cartollas de Vizella, Viva a minha comadre Que veio agora á janella.

Esta cantiga teve por author um d'esses typos das ruas, que pela sua excentricidade se tornou celebre na miseria em que vivia. Muitos escriptores satyricos se referiram a este personagem, á sua cantiga (pois não tinha outra) e aos seus improvisos poeticos, para ridicularisarem poetas e litteratos que não estavam nas suas boas graças. O Cartolla na sua qualidade de mendigo dirigia-se a todas as pessoas, e principalmente ás senhoras, e voltando-se para as janellas implorava d'um modo pittoresco a caridade publica. Tanto ás damas mais aristocratas como á creada mais boçal a todas dirigia o seu versinho cantado no invariavel estribilho. Calçado ou descalço, de jaqueta ou casaco, mas sempre de chapeu alto na cabeça e canastra ou alcofa debaixo do braço, o Cartolla percorria toda a cidade do Porto cantando e sempre com auditorio de rapazio. Morreu de variola no hospital da Misericordia.

A palavra *Cartolla* é uma corrupção de *quartolla* (vasilha, quarto de pipa que leva cinco almudes). Nome picaresco com que o povo designa o chapeu alto.

CARAMBOLLA

DANÇA DE RODA

Recolhida no Alemtejo pelos Ex.mos Snrs. J. M. Sceiro de Brito e Victorino d'Almada.

O ROMÃO

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Guilhermina Martins Pereira.

Recolhida em Villa Viçosa pelo Ex.mo Snr. J. Nunes Sereno.

Póde-se-lhe juntar qualquer quadra desgarrada; repetindo sempre o mesmo e disparatado estribilho, que é simplesmente um rude amphiguri.

A GALLINHA

CHULA

Á Ex.ma Snr.a D. Flavia dos Santos Cruz.

Tenho uma gallinha pinta
Que põe sete ovos ao dia,
Que põe sete ovos ao dia.
  Ainda assim me não contento,
  Cho p'ra fóra, cho p'ra dentro,
  Cho gallinha p'ra o convento.

Já me davam por ella toda
A cidade de Lisboa,
A cidade de Lisboa.
  Ainda assim, etc.

Já me davam pelo bico
O Fayal e mais o Pico,
O Fayal e mais o Pico.
  Ainda assim, etc.

Já me davam pelo pescoço
Uma casca, duas cascas,
Tres casquinhas de tremoço.
  Ainda assim, etc.

Já me davam pela penna
Os ilheos da Magdalena,
Os ilheos da Magdalena.
  Ainda assim, etc.

Já me davam pelo papo
Uma arroba, tres arrobas,
Quatro arrobas de tabaco.
  Ainda assim, etc.

Já me davam pela moela
Quatro arrobas, cinco arrobas,
Seis arrobas de canella.
  Ainda assim, etc.

Já me davam pelas pernas
Uma fita, duas fitas,
Tres fitinhas amarellas.
  Ainda assim me não contento,
  Cho p'ra dentro, cho p'ra fóra,
  Cho gallinha vae-te embora.

Recolhida nos Açores. Esta chula é muito antiga.

A FAVORITA

CHULA

Á Ex.ma Snr.a D. Branca de Magalhães.

Olhos pretos, matadores,
Porque não vos confessaes
Dos crimes que commetteis,
Dos corações que roubaes?

Rapariga, dá-me um beijo,
Um beijo pela tua alma;
Tu não sabes quanto gosto
Da sombra, quando faz calma.

O dia tem duas horas,
Duas horas, não tem mais:
Uma é quando vos vejo,
Outra quando me lembraes.

Deus me déra ser uma ave,
Ou pombo ou codorniz,
Que eu fôra dar um vôo
A' cama onde dormis.

La vem a lua sahindo
Redonda como um botão;
Quem tem seu amor á vista
Regala seu coração.

Quem tem seu amor marujo,
Tem o cravo no craveiro;
Ainda bem não está na barra,
Já em casa deita o cheiro.

Recolhida nas ilhas dos Açores.

A ELISA

CANÇAO

Á Exma Snr.a D. Elisa de Magalhães.

Não te esqueças de mim, oh Elisa,
Quando a aurora no ceu despontar,
Não te esqueças de mim, quando vires
As estrellas no ceu a brilhar.

Não te esqueças de mim, quando á noite
Ouvires o mocho na grimpa a piar,
Como elle tambem vivo tristo,
Passo a vida de continuo a chorar.

Não te esqueças de mim, quando fôres
Divagando pela beira do mar,
Não te esqueças de mim, quando as ondas
Vierem, ledas, na praia brincar.

Não te esqueças de mim, quando o sol
Occultar-se fôr no horisonte,
Não te esqueças de mim, quando o vires
Vir alegre illuminar tua fronte.

Não te esqueças de mim, oh Elisa,
Não te esqueças do pobre exilado,
Que só teve momentos felizes
Quando, alegre, vivia a teu lado.

Esta canção foi recolhida no Porto em 1890; parece ser de origem brazileira.

A BARQUINHA FEITICEIRA

CANÇÃO

A Barquinha feiticeira
Vai cercando o mar irado,
Emquanto as aguas á praia
   Me trazem saudades
   D'um ente adorado.
         Ai!...
Sinto o meu corpo gelado,
Vejo esse quadro d'horror!
Mas com valor da barquinha,
   Lá vae direitinha,
   Das ondas á flôr.

Uma formosa mulher,
Do mar altiva é rainha;
Solta ao vento os cabellos
   A's vagas revoltas
   Lá guia a barquinha
         Ai!...
Sobre esse abysmo sósinha,
Vae sua vida arriscar,
Para salvar uma vida
   Que lucta perdida
   Nas ondas do mar.

Deus de bondade e amor,
Ente Divino e sem par,
Faz com que as aguas não lancem
   A pobre barquinha
   Ao fundo do mar.
         Ai!...
Quanto é triste o luctar
Com o gigante feroz,
Basta da voz um rugido
   Para ser bem temido
   Tão perfido algôz.

A feiticeira barquinha
Já vem á praia chegando;
Deus os meus rogos ouviu.
   Lá vejo o meu filho
   De joelhos orando.
         Ai!...
E eu alegre chorando
Vou emfim abraçar;
Junto ao altar do Senhor,
   Vamos já com fervor
   De joelhos orar.
         Ai!...

Recolhida na estação acquistica das Pedras Salgadas em 1898, pelo Ex.mo Snr. Eduardo da Fonseca.

JOAQUININHA

CANTIGA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Julia Guimarães.

Adeus flor da açucena,
E tambem flor da murtha;
Quem me dera agora estar
Nos braços de quem me escuta.

Chega-te cá, oh Joaquininha,
Verás como ficas coradinha.

Deste-me alecrim p'ra prenda,
Tirei-lhe a folha miuda,
Quizeste-me experimentar,
Meu coração não se muda.

Dá-me os beijos que te dei,
Que já lá tens mais de mil;
Dá-me os que te agora lembro,
Os outros deixal-os ir.

Dizem que me hão de matar
Por te eu pôr o amor todo,
Pois matem-me muito embora
Que eu por teu respeito morro.

Hei de te amar até á morte,
E mesmo depois de morrer;
Ainda debaixo da terra,
Lá mesmo podendo ser.

Ainda além da pedra dura,
Debaixo do frio chão,
Has de ficar retratada
Dentro do meu coração.

Vou á missa por te ver,
Vou resar sem ter vontade;
Ate os santos se riem
De eu te ter tanta amisade.

Oh meu amor, se te fôres
Dize-me a quem hei de amar?
—Não ames a mais ninguem,
Que se eu fôr hei de voltar.

Recolhida em Avintes em 1887.

AVÈ MARIA

CORO

Á Ex.ma Snr.a D. Bemvinda de Freitas.

Recolhida em San Gens, Povoa de Lanhoso, pelo Ex.mo Snr. Gonçalo Sampaio.
Esta musica é cantada a quatro partes por vozes de mulheres. Deve ser muito antiga e ter ficado na tradição popular desde os tempos monasticos.

NÃO MATEIS O BICHO

LUNDUM

Á Ex.ma Snr.a D. Loduvina Amelia Sardoal.

Tenho um bicho cá por dentro
Que me roe e está roendo;
Quanto mais afago o bicho
Mais o bicho vae comendo.
São coisinhas doces
Que fazem chorar,
Não mateis o bicho
Que me quer matar.
Ai amores
Dae soccorro;
Ai, ai, ai, ai,
Que por ti morro.

Tenho um bicho cá por dentro
Que faz artes do diabo;
Quanto mais afago o bicho,
Mais o bicho encrespa o rabo.
São coisinhas doces
Que fazem chorar,
Não mateis o bicho
Que me quer matar.
Ai amores
Dae soccorro;
Ai, ai, ai, ai,
Que por ti morro.

Tenho um bicho cá por dentro
Que faz um tá, tá, tá, tá;
Quanto mais afago o bicho,
Mais o bicho pulos dá.
São coisinhas doces
Que fazem chorar,
Não mateis o bicho
Que me quer matar.
Ai amores
Dae soccorro;
Ai, ai, ai, ai,
Que por ti morro.

Este lundum é de origem brazileira; recolhemol-o no Porto em 1870.

CHIQUITA

CANTIGA DAS RUAS

Esta cantiga que appareceu em Portugal em 1846, talvez com alguma allusão politica, é caracteristicamente um tango da America hespanhola.

CHEGADINHO

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Magdalena de Pinho.

Esta cantiga é carnavalesca, e parece ter origem no seguinte divertimento: Na quinta-feira a seguir á septuagesima é costume nas nossas provincias os homens fazerem umas bonecas a que dão o nome de *comadres*, caricaturando certas damas, as quaes procuram roubar as *comadres*, travando-se então grande lucta entre as atacantes e os defensores, empregando-se a agua, os pós, os ovos e todos os projectis de combate do carnaval. N'esta brincadeira põe-se de parte as conveniencias para a conquista ou reconquista da *comadre*, salvo quando as senhoras a entalam entre os joelhos, unico logar privilegiado para dar treguas á lucta. Na seguinte quinta-feira (depois da sexagesima), em desforço fazem as senhoras bonecos a que chamam *compadres* e a que inflingem tratos de polé. Os homens são então os atacantes e as senhoras as defensoras; proporcionando eguaes luctas divertidas ás da quinta-feira antecedente.

Oh Maria, olha o pae
As calças novas que tem;
Que lh'as fez o alfaiate
Da saia velha da mãe.

Oh compadre chegadinho faz, faz,
Oh compadre chegadinho fez, fez.

Esta cantiga tem a seguinte variante:

Oh Maria, olha o pae
As lindas barbas que tem;
Com aquellas lindas barbas
Enganou a nossa mãe.

Tambem tem outro estribilho que é:

Oh canôa, oh real canôa,
Embarca aqui que a maré está boa.

MADAMINHA

DANÇA DE RODA

Recolhida no Alemtejo. Póde juntar-se-lhe qualquer quadra desgarrada.

VÁ DE RODA EM RODA

JOGO INFANTIL

À Ex.ma Snr.a D. Celeste Aurora Veiga.

Maria, mais Anna,
São os meus amores:
Maria é um ramo
De todas as flores.

Meu peito não é
Travessa de doce;
E' o que aqui está,
O mais acabou-se.

O meu lindo amor
Tem olhos marotos...
Que lhe hei eu de fazer,
Se elle não tem outros?

Vá de roda em roda,
Vá de fita em fita,
Vá de braço dado,
Com a mais bonita.

DANÇA.—Durante a primeira quadra, dança de roda; no estribilho, *grand-chaine e promenade*.

MANUEL DA HORTA E MESTRE ZÉ

CANTIGA DAS RUAS

O Manuel da Horta
E' um mariola,
Foi p'ra a romaria
Quebrou a viola.

O Manuel da Horta
E' muito mau *home*,
Vae para a egreja,
Se ha de resar, come.

O Manuel da Horta
Foi aos camarões,
Para dar ás moças
Que tinham sezões.

O Manuel da Horta
Foi aos caranguejos,
Para dar ás moças
Que tinham desejos.

Tambem se canta a seguinte lettra:

Bate, Mariquinhas,
Bate bem o pé;
Viva a bizarria
Do sê mestre Zé.

O sê mestre Zé
Tem rolos á porta;
Tenha que não tenha
Você que lhe importa.

O sê mestre Zé
Não canta nem toca;
A mulher prendeu-o
Com o fio da roca.

O fio da roca
Já chega a Coimbra;
Dá-me cá um beijo
Minha cara linda.

Esta cantiga era conhecida em 1840. E' vulgarissima em todo o paiz. A lettra primitiva foi a do *Manuel da Horta*.

A VELHA

CHULA

À Ex.ma Snr.a D. Georgina dos Santos Cruz.

Eu namorei uma velha,
Acreditem que é verdade,
Que era muito galantinha:
Era calva da cabeça,
Acreditem que é verdade,
Toda cheia de morrinha.

Ora o diacho da velha,
Que me parecia um tótó,
O nariz — uma batata,
E na ponta tinha um nó.

Eu namorei uma velha,
Acreditem que é verdade,
Lá no canto d'uma sala,
Uma velha de cem annos,
Acreditem que é verdade,
Inda a fazer sua — mala! —

Fez tranças e caracoes,
E inda fez mais modêlos;
Para contar a verdade,
Isto com quatro cabellos.

Quem casa com mulher velha,
Misericordia, meu Deus,
Tem a morte á cabeceira
Corre-lhe a mão pela cara,
Ai, Jesus, misericordia,
Não acha senão caveira!

Eu não quero mulher velha,
Nem que seja muito rica;
Antes quero moça pobre,
Mas que esta seja bonita.

Esta chula é das ilhas dos Açores e faz parte dos bailados d'aquelle archipelago.

PODEMOS CASAR

DANÇA

Á Ex.^ma Snr.^a D. Ernestina do Nascimento Vieira.

Allegretto

428

Es - - te mun-do é u - ma vi - - nha,
Te - - nho ca - sa me - sa e bul - - le,

ca - - da cê - pa é um chris - tão,
dois pra - - tos e um al - gui - dar,

vem a mor-te faz vin- di - ma, não pro- cu - - - ra
um as - su - ca - rei - ro a -zul, e um lei - to em que

ge - - ra - - ção.
ca - - be um par.

1.ª vez — 2.ª vez

com is - to que te - mos po - de- mos ca - sar, po - de - mos ca - sar.

Recolhida no Alemtejo pelos Ex.^mos Snrs. J. M. Soeiro de Brito e Victorino d'Almada. Parece ser couplet theatral.

Dança. — Primeiro dança-se de roda cantando uma quadra qualquer e na repetição com o estribilho os pares param e enumeram pelos dedos os objectos que vão narrando, terminando por gesticular com os braços, cabeça e mãos.

O MANUEL COUTINHO

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Etelvina de Brito Salgado.

Ha palavrinhas da bocca,
Palavras do coração;
Se os beijos não são palavras,
Que são os beijos então?...

Diz ai-lé, ai-lé quem tem,
Oh Manuel Coutinho
Fizeste bem.
Diz ai-lé, ai-lé quem deu,
O Manuel Coutinho
Feliz morreu.

Trago prezos nos meus olhos
Os olhos d'uma vizinha:
Morre na bocca do sapo
A desditosa doninha.

Diz ai-lé, ai-lé quem tem,
Oh Manuel Coutinho
Fizeste bem.
Diz ai-lé, ai-lé quem deu,
O Manuel Coutinho
Feliz morreu.

Não me digas mais palavras,
Falla só c'o pensamento:
Palavras são folhas soltas,
Palavras leva-as o vento.

Diz ai-lé, ai-lé quem tem,
Oh Manuel Coutinho
Fizeste bem.
Diz ai-lé, ai-lé quem deu,
O Manuel Coutinho
Feliz morreu.

Recolhida em Villa Viçosa pelo Ex.mo Snr. Eugenio S. Tarana,

FADO DE LEÇA

À Ex.ma Snr.a D. Maria da Graça Neves de Castro.

Amor é sonho que mata,
Perfume que se esvaece,
Madeixa que se desata,
Sorriso que desfallece.

Aragem corre de manso,
Borboleta mais de leve,
Rouxinol soa mais breve,
Não turbes o meu descanço.
Miragem que não alcanço,
E que minh'alma retrata,
Foge nas azas de prata
Do sonho que me enamora,
Suspira, guitarra, chora,
Amor é sonho que mata.

O sol desampara a vaga,
A vaga foge do mar,
Fogem as nuvens do ar,
E a branca espuma da plaga;
Foge a brisa que me affaga,
A luz do sol que me aquece;
Foge dos labios a prece,
Só tu, imagem, presistes.
O amor é sonho, dos tristes,
Perfume que se esvaece.

O lyrio ama a campina,
A campina a luz do sol,
Ama a noite o rouxinol,
E a aurora a flor purpurina.
Ama a brisa matutina
O manso lago de prata,
Eu, a miragem ingrata
Da mulher que me adora.
O amor é flor que descora,
Madeixa que se desata.

Minh'alma voga na altura;
Geme, guitarra, com ancia;
Exala, flor, mais fragancia;
Dá-me, aragem, mais frescura.
E' vária e doce a ventura,
O prazer que nos fenece;
Tu, miragem, des'parece;
Meu penar, deixa-me, corre.
O amor é sonho que morre,
Sorriso que desfallece.

A musica d'este fado é antiga e não tem lettra propria; a que lhe addicionamos é do Ex.mo Snr. J. Nunes Ponte.

RICÓCÓ

DANÇA DE RODA

Andantino

431

p

Oh Se-nhor Jo- sé, já lhe te - nho di - - to quan-do lhe eu fal- lar, Ri - có-

có, que me cal-le o bi - co. *f* Oh sim, sim, ha mais quem quei-ra, ri - có - có, me-ni-na bre -

jei - ra. Oh sim, sim, ha mais quem quei-ra, ri - có - có, me-ni-na bre- jei - - ra.

Oh Senhor José,
Já lhe tenho dito,
Quando lhe eu fallar
Ri-có-có,
Que me calle o bico!
Oh sim, sim,
Ha mais quem queira,
Ri-có-có,
Menina brejeira.

Eu não sou brejeira,
Nem o posso ser,
Não tenho dinheiro,
Ri-có-có,
Para me manter!
Oh sim, sim,
Ha mais quem queira,
Ri-có-có,
Menina brejeira.

Esta cantiga é uma especie de chula em uso na provincia da Beira.

CASAMENTO E MORTALHA

ROMANCE

Á Ex.ma Snr.a D. Dulce de Castro Pereira.

Lá das bandas de Castella
Triste nova era chegada;
D. João que vem doente,
Mal pesar da sua amada.
São chamados tres doutores
Dos que têm mais nomeada:
Que se algum lhe désse a vida
Teria paga avultada.
Chegaram os dois mais novos,
Dizem que não era nada;
Por fim que chega o mais velho
Diz com voz desenganada:

—Tendes tres horas de vida
E uma está meia passada;
Essa é para o testamento,
Deixar a alma encommendada.
A outra é para os sacramentos,
Que inda é mais bem empregada.
Na terceira as despedidas
Da vossa dama adorada.
Estando n'estas conversas
Dona Isabel que é chegada.
Ergueu os olhos para ella
Com a vista já turvada:

—«Ainda bem que vieste,
Minha prenda desejada;
Que tanto queria ver-te
N'esta hora minguada.
«Tenho fé na Virgem Santa,
N'ella venho confiada,
Que me ha de ouvir e salvar-te,
Que teu mal não será nada.
—«Oh que se eu chegar a erguer-me
Minha rosa namorada,
No vaso d'este meu peito
P'ra sempre serás plantada,
Com as bençãos d'um Arcebispo,
E de agua benta regada,
Com a estóla da santa egreja
Ao meu coração atada.

Estando n'estas conversas,
Sua mãe que era chegada:

«—Que tens tu, filho querido
D'esta alma amargurada?
—«Tenho, mãe, que estou morrendo,
Que esta vida está acabada:
Com só tres horas por minhas,
E uma já meio passada.
«—Filho das minhas entranhas,
N'esta hora minguada,
Lembra-te se algo deves
A alguma dama honrada.

—«Minha mãe, que devo, devo,
E Deus me não peça nada!
Dona Isabel quem em má hora
Por mim fica diffamada.
Mas deixo lhe mil cruzados
Para que seja casada.
«—A honra não se paga, filho,
Mil cruzados não é nada.
—«Já lhe deixo mais duzentos
E a cruz da minha espada.
«—A honra não se paga, filho,
Os cruzados não são nada.
—«Deixo-a a estes tres doutores,
Muito bem encommendada;
E a vós, minha mãe, vos peço
Que a tenhaes bem guardada.
O que com ella casar
Tem uma villa ganhada:
O que lhe disser que não
Tenha a cabeça cortada.
«—A honra não se paga, filho,
Nem com terras é comprada;
Se a essa dama lhe queres,
Não a deixes deshonrada.
—«Pois fique esta mão já fria
Na sua mão adorada:
De Dom João é viuva,
Condessa será chamada.

Recolhido no Minho. Uma voz canta dois versos, e o segundo verso é repetido em coro. Este romance deve ser muito antigo. A lettra está recolhida pelo Ex.mo Snr. Dr. Theophilo Braga no *Romanceiro Geral*.

SOLUÇOS

CANTIGA

Suspiraes quando me vêdes,
Suspiros de piedade;
Oxalá que isso não seja
Suspiros de falsidade.

Ando triste como vêdes,
De continuo dando ais,
Desejoso de saber
Se por outro me deixaes.

Rosa branca, flor d'espinhos,
Rigorosa na porfia,
Quem tem ciumes d'amores
Ouve falar, desconfia.

Todos os rios correntes
Corre-lhe a areia no fundo;
Quem amores tem, tem enredos
Em toda a parte do mundo.

Se o amor quer ser rogado,
Eu nunca roguei ninguem;
Arrenego do amor
Que á força de rogos vem.

Não quero bem a ninguem,
Nem ninguem m'o quer a mim;
Quero andar entre as rosas,
A' sombra do alecrim.

Esta cantiga é das ilhas dos Açores, e tambem a applicam para os bailados.

VIVA A SUCIA

MARCHA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria da Encarnação Pinto Gomes.

Inda agora reparei!
Ao meu direito lado
'Stá o jasmim, 'stá a flor,
'Stá a rosa, 'stá o cravo.

Ingrata! *desconhecida!*
Que te custava dizer:
— Amor, busca a tua vida,
Que eu tua não quero ser?!

Inveja, cruel inveja,
Que nunca se ha de acabar!
Quem tanto mal me deseja
Nunca bem póde passar.

Eu já fui ao teu jardim,
Já n'elle fui jardineiro;
Já fui teu amor de graça,
Agora nem por dinheiro!

Eu tenho quarenta amores,
Todos quarenta são fixes;
Tenho dez n'Aldeia Nova,
Dez em Serpa, vinte em Briches.

E's uma porca-javarda,
E's uma cabra-cabrita;
E's mais feia que uma loba...
Tens fama de ser bonita!

Recolhida em Elvas pelos Ex.mos Snrs. Soeiro de Brito e Victorino d'Almada.

CHULA DA MAIA

Eu hei de te amar, amar,
Hei de te querer, querer,
Hei de te tirar de casa
Sem teu pae nem mãe saber.

Silva verde não me prendas,
Olha que não me seguras;
Olha que tenho quebrado
Outras algemas mais duras.

Uma silva me prendeu,
Uma silva pequenina,
Não ha coisa que mais prenda
Que os olhos d'uma menina.

A silva que me prendeu,
Arrebentou no vallado;
Nunca a silva me prendeu
Com tão forte cadeado.

Ha silvas que dão amoras,
Ha outras que não as dão;
Ha amores que são firmes,
Ha outros que o não são.

Silva verde picosinha,
Ao arcypreste se enleia;
Meu amor se me prenderes,
Deixa-me larga a cadeia.

Cheguei á borda do rio,
Silva verde é meu encosto;
Que importa que o mundo falle
Se o amor é do meu gosto?

Salsa verde combatida
Ao pé do mangericão;
Bem podemos ser amantes,
Mas sempre dizer que não.

A salsa do meu quintal
Arrebenta pelo pé;
Assim arrebente a bocca
A quem diz o que não é.

Entre pedras e pedrinhas
Nascem raminhos de salsa;
Pega-te á feia que é firme,
Deixa a bonita que é falsa.

A salsa que está no rio
De verde se está revendo;
Eu como firme te adoro,
Tu falsa me estás vendendo.

A salsa subiu ao muro
A hortelã foi descendo;
Se pensas que por ti morro,
Eu de ti nada pretendo.

Debaixo da oliveira,
Menina é que é o amar;
Tem a folha miudinha.
Não entra lá o luar.

Se a oliveira fallasse
Ella diria o que viu;
Debaixo da sua sombra,
Dois amantes encobriu.

D'aquella janella alta
Me atiraram um limão;
A casca deu-me no peito,
O summo no coração.

Deitei um limão correndo,
A' tua porta parou;
Quando um limão tem amores,
Que fará quem o deitou?

Alecrim á borda d'agua
De longe faz apparencia;
Muitos amores se perdem
Pela pouca diligencia.

Oh meu cravo almirante
Onde é que perdeste o cheiro?
Perdi-o na tua cama
Na renda do travesseiro.

Corações que estão unidos
Não temem a dura sorte;
Succeda o que succeder
São fieis até á morte.

Se pensas que por ti morro
Enganas teu coração,
Olha que nunca gostei
Da fructa que cae no chão.

Caneiro do rio d'Ave
Deixa-me ver os peixinhos,
Quem namora ás escondidas
Dá abraços e beijinhos.

AO HYLARIO

FADO

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Barbara Franco.

Oh! Hylario, oh! Hylario,
Teu nome me dá paixão,
O teu fado faz vibrar
As cordas do coração.

Guitarra, minha guitarra,
Solta gemidos e ais;
Que os dias passam voando
E os prazeres não voltam mais.

Guitarras andam de luto,
Que o Hylario já morreu,
Seu corpo guarda-o a campa,
Sua alma voou au ceu.

Oh morte, tyranna morte,
Eu de ti tenho mil queixas;
Quem has de levar não levas,
Quem has de deixar não deixas.

Recolhido pelo Ex.mo Snr. Eduardo da Fonseca. Este fado acha-se vulgarisado por todo ó paiz com diversa lettra.

VAE-TE EMBORA ANTONIO

CANTIGA

Á Ex.ma Snr.a D. Aïda Faria.

Andante vagaroso

437

Oh Antonio vae-te embora,
Por Deus não fiques aqui;
Que se meu pae por ahi vem,
Não sei que será de ti.

Ai, ai,
Vae-te embora Antonio,
Vae-te embora Antonio,
Vae-te embora, vae.

Se o meu amor fora Antonio
Mandava-o engarrafar,
Em garrafinha de vidro
Para o sol o não crestar.

Antoninho, cravo roxo,
Tu não vás ao meu pomar,
Que te querem dar um tiro,
Não te posso ver matar.

Antonio me deu um cravo,
Manuel, um annel d'ouro;
Mais vale o cravo d'Antonio,
Que o annel d'aquelle doudo.

E's uma arca de vento,
Castello de phantasia;
Namoras dez ao serão,
Dás cavaco a cem por dia.

Recolhida pelo Ex.mo Snr. Eduardo da Fonseca, nas Pedras Salgadas.

O MENEIO

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Barbara Angelica Piteira.

Recolhida pelo Ex.mo Snr. Eduardo da Fonseca nas Pedras Salgadas.

OH BELEM, OH BELEMZINHO

CHOREOGRAPHICA

À Ex.ma Snr.a D. Jacintha Amelia do Amaral.

Já o mar não leva agua,
Leva folhas de Jessé;
Não tenho por quem mandar
Cartinhas ao meu José.

Oh Belem, oh Belemzinho,
Oh Belem, oh *belador,*
E diga a seu pae que a case
Que eu serei o seu amor.

Já o mar não leva agua,
Leva folhas de trovisco;
Não tenho por quem mandar
Cartinhas ao meu Francisco.

Já o mar não leva agua,
Leva folhas d'alecrim;
Não tenho por quem mandar
Cartinhas ao meu Joaquim.

Já o mar não leva agua,
Leva folhas de papel;
Não tenho por quem mandar
Cartinhas o meu Manuel.

Oh Belem, oh Belemzinho,
Oh Belem encantador,
Vira par e troca par,
Vira-te p'ra mim, amor.

Recolhida pelo Ex.mo Snr. Eduardo da Fonseca nas Pedras Salgadas. Esta dança é da provincia do Douro.

DANÇA.—Canta-se primeiro uma quadra com dança de roda, e no estribilho, *Oh Belem*, etc. os pares, de braço dado, fazem um *tour* e as damas passam ao cavalheiro seguinte.

VIDEIRINHA

CANTIGA

Á Ex.ma Snr.a D. Beatriz Amaral.

Ai Jesus, que assim se embala
A folha da videirinha;
Assim eu fôra de Deus
Coma tu has de ser minha.

Chora a videira,
O videirão,
Chora a videira
Do meu coração.

Adeus, oh Pedras Salgadas,
Adeus, oh grande hoteleiro;
A saude vae na mesma,
A bolsa vae sem dinheiro.

Chora a videira,
O videirão,
Chora a videira
Do meu coração.

Recolhida pelo Ex.mo Snr. Eduardo da Fonseca, nas Pedras Salgadas.

O BELLO RAPAZINHO

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Julia Augusta Madureira.

Trouxe, poisada n'um ramo,
Uma linda mariposa,
Para dar ao meu amor.
Ah! que delicada coisa.

Por ditosa me daria
Se visse a obra acabada;
Tu p'ra mim, jasmim cheiroso,
Eu p'ra ti, rosa dobrada.

Oh que bello rapazinho este
Toda a noite aqui andou;
Eu queria dançar com elle,
Minha mãe não me deixou.
Minha mãe não me deixou,
Meu pae faça o que quizer,
Oh que bello rapazinho este
Para mim que sou mulher.
Para mim que sou mulher,
Para mim que mulher sou:
Este bello rapazinho
Toda a noite aqui dançou.

Estando a rosa em botão,
Em folhinha para abrir,
Faze d'ella estimação
Se a queres possuir.

Teus olhos, meigos, risonhos,
Teus gestos e movimentos,
De noite occupam meus sonhos,
De dia, meus pensamentos.

DANÇA.— Esta musica dança-se em passo de mazurka apressado, quasi polka (ou polkando). O estribilho toca-se tres vezes sempre com repetições.
Recolhida no Alemtejo pelos Ex.mos Snrs. J. M. Soeiro de Brito e Victorino d'Almada.

MORENA

DANÇA DE RODA

Lá dentro d'aquelle tanque
Salta a cobra, nada o peixe;
Emquanto o mundo fôr mundo
Não receis que eu te deixe.
Se tu não foras morena, etc.

Junqueiro perto do matto
E' signal de fonte haver;
De todas já me esqueci,
Só de ti não póde ser.
Se tu não foras morena, etc.

Oh amor da minha alma,
Quanto tenho te darei;
Darei-te a luz dos meus olhos,
Cego por ti ficarei.
Se tu não foras morena, etc.

Esta musica é uma variante da n.º 194, e pertence á provincia da Beira.

APREGOADOS CLASSICOS

Os N.os 1, 2 e 3 são do Porto. O N.º 4 ha sessenta annos que se entoava em Lisboa.

ACALANTO

CANÇAO DO BERÇO

Á Ex.ma Snr.a D. Naïr Cezarina Fernandes das Neves.

Uma mãe que o filho embala
Todo o seu fim é chorar;
Só por não saber a sorte
Que Deus tem para lhe dar.

Sae-te d'ahi, oh papão,
De cima d'esse telhado;
Deixa dormir o menino
O seu somno descançado.

Vae-te embora, rouxinol,
Deixa a baga do loureiro,
Deixa dormir o menino
Que está no somno primeiro.

O meu menino é d'oiro,
D'oiro é o meu menino:
Hei de trocal-o com os anjos
Por outro mais pequenino.

Dorme, dorme, meu menino,
Dorme, dorme, meu amor;
Os anjos do ceu te embalem
E a benção do Senhor.

Dorme, dorme, meu menino,
Fecha, fecha o teu olhinho,
Que vem ahi a rapoza
Que quer papar o menino.

Ha muitas variantes, mais ou menos expressivas, sobre esta toada monotona com que as mães e as amas que criam creanças as costumam adormecer embalando-as.

O PAE DE LAS RANAS

CANTIGA

Á Ex.ma Snr.a D. Mathilde d'Oliveira e Castro.

Esta cantiga parece ser do tempo da invasão franceza e ter relação com a seguinte anedocta:

N'um logar proximo de Lisboa, existia uma taberna cujo proprietario era gallego; um dia entrou no estabelecimento uma sucia de soldados francezes e pediram que lhe servissem rans preparadas com ovos; porém o estalajadeiro, ou por ignorancia ou por difficuldade de obter em quantidade sufficiente a iguaria pedida, arranjou um enorme sapo que preparou e pretendeu impingir como ran. Os freguezes repontaram ameaçadores contra o logro, e o estalajadeiro, para se desculpar perante a hostilidade dos soldados, disse que se aquillo não era ran era o *pae de las ranas*. Contudo o sordido gallego teve de fugir para escapar á sanha dos soldados, ficando a taberna conhecida com aquelle nome. Esta cantiga chegou por vezes a ser prohibida como allusão politica.

CANNA VERDE DA MAIA

CHULA

Á Ex.ma Snr.a D. Rosa Pereira d'Azeredo Corrêa de Lacerda.

Quem achar a canna verde
Que se perdeu lá no mar,
Será minha companheira
Emquanto o mundo durar.

Oh minha canninha verde,
Oh minha verde canninha;
Não faças a tua cama,
Anda deitar-te na minha.

Oh minha canninha verde,
Oh minha salta-paredes,
Hei de te dar uma saia
Que te dure nove mezes.

A canna verde no mar
Arrebenta ao nascer,
Assim rebentem os olhos
A quem me não póde ver.

Oh minha canninha verde,
Verde canna ricócó:
Sou filha de minha mãe
E neta de minha avó.

Oh minha canninha verde,
Verde canna ricoqueira;
Anda tu para o meu lado
Que eu vou para a tua beira.

Oh minha canninha verde,
Oh minha salta-que-atrepa,
Estes meninos d'agora
São levadinhos da bréca.

Oh minha canninha verde,
Verde canna de encannar:
Pela bocca perde o peixe.
Quem te manda a ti fallar?

A canna verde no mar
Anda á roda do hiate;
Hei de ir d'aqui p'ra Lisboa
Aprender a calafate.

O PASTOR ALLI

CHOREOGRAPHICA

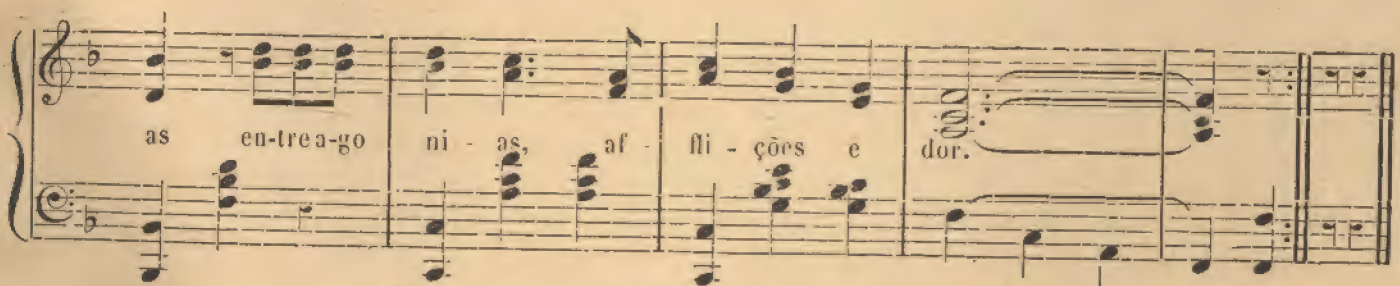
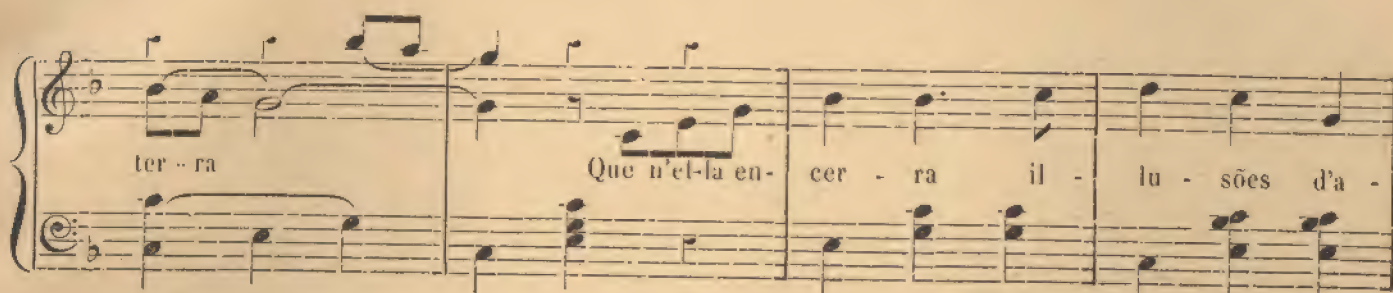
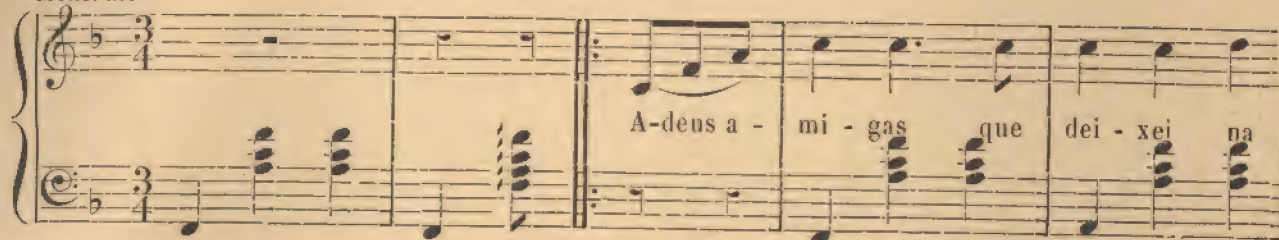
Á Ex.ma Snr.a D. Georgina Rosa de Azeredo Corrêa de Lacerda.

Recolhida em Villa Viçosa pelo Ex.mo Snr. Eugenio S. Tarana.

Dança.—Durante a cantiga os pares caminham em roda. Ao dizer: *Pastor alli,* viram-se para o centro. Quando dizem *logo lhe apontou,* apontam com o dedo. *O modo e mais o gesto,* etc., cada par dá uma ou duas voltas. *N'estas cadeias,* cruzam-se os braços (parados), em seguida dão as mãos e terminam todos por se abraçarem ao seu par da primeira vez, e na repetição á dama da direita.

DESPEDIDA DAS AMIGAS

CANÇAO

Á Ex.ma Snr.a D. Julia Veiga da Fonseca.

Adeus amigas que deixei na terra,
Que n'ella encerra illusões d'amor,
Vou no claustro terminar meus dias,
Entre agonias, afflições e dor.

Fui condemnada por amar sómente,
Paixão ardente que não finda mais;
E esse fogo que dos ceus derrama
Não póde a chamma soffocar meus ais.

Aqui encerrada n'uma cella escura,
Prisão futura para mim vae ser;
Chorando sempre minha triste sorte,
Esperando a morte para não soffrer.

Nunca pequei; o meu amor é puro,
Por Deus o juro e pela Virgem Mãe;
Só elle finda n'uma campa fria
No mesmo dia em que eu findar tambem.

Recolhida pelo Ex.mo Snr. Eduardo da Fonseca, nas Pedras Salgadas.

AS SOLTEIRAS

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Clorinda de Macedo.

Já fui alegre, cantei,
Agora sou d'esta sorte;
Já fui retrato da vida,
Agora serei da morte.

Dizes tu que tenha amores,
Jesus! cruzes! anjo bento!
Nem os tenho, nem os quero,
Nem me vém ao pensamento.

Sou casada, sou solteira,
Vivendo estou a meu gosto;
Casada com Deus do ceu,
Solteira para comvosco.

A VIRADINHA

DANÇA

Menina da saia, oh vira,
Que lá vem a viração;
Que lá vem o marujinho
A enjoar a alcatrão.

Oh minha menina, oh vira,
Escuta, repara bem,
Olha que os mattos tem olhos,
Paredes ouvidos tem.

Oh meu amor, falla baixo,
Falla baixo, falla bem;
Que as paredes têm ouvidos,
Os mattos, olhos, e vêem.

Estas duas danças são açorianas e fazem parte dos bailados d'aquellas ilhas.

FADO DA SEVERA

Á Ex.ma Snr.a D. Luiza da Silveira Lobo.

Chorae, fadistas, chorae,
Que uma fadista morreu;
Hoje mesmo faz um anno
Que a Severa falleceu.

O conde de Vimioso
Um duro golpe soffreu,
Quando lhe foram dizer
A tua Severa morreu.

Corre á sua sepultura,
O seu corpo ainda vê:
«Severa, linda Severa,
Boa sorte o ceu te dê!

Levantou-lhe um monumento
Com dois cyprestes ao lado,
E n'um distico:—«Aqui jaz
«Quem foi rainha do fado.»

«Lá n'esse reino celeste,
Com tua banza na mão,
Farás dos anjos fadistas,
Porás tudo em confusão.

«Até o proprio S. Pedro,
A' porta do ceu sentado,
Ao ver entrar a Severa
Bateu e cantou o fado.

«Ponde no braço da banza
Um signal de negro fumo,
Que diga por toda a parte
O fado perdeu seu rumo.

Morreu, já faz hoje um anno,
Das fadistas a rainha,
Com ella o fado perdeu
O gosto que o fado tinha.

Chorae, fadistas, chorae,
Que a Severa falleceu;
Rapariga como aquella
Nunca o fado conheceu.

Este fado, que data dos meiados do presente seculo, é o typo primordial dos fados populares lamentosos, mais para ser ouvido como romance do que para ser dançado, pois lhe falta o rythmo e movimento caracteristico. A lettra foi recolhida pelo Ex.mo Snr. Dr. Theophilo Braga. A lenda principiada n'este fado completa-se no de Vimioso.

FADO DE VIMIOSO

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Umbellina da Silveira Lobo.

FADO DE VIMIOSO

Quem lhe vê a face morena,
Quem vê seus olhos tyrannos;
Nada vê que mais captive,
Inda que viva mil annos.

Quem lhe vê os negros cabellos
Fluctuando sobre a testa,
Outra nympha a ver não torna
Salerosa como esta.

Quem lhe vê os labios sorrir,
Como a luz da estrella d'alva,
Se tocal-os não alcança
Tem de fé que não se salva.

Quem uma vez lhe ouviu
Sua voz enternecida:
Ainda depois da morte
Aos seus ais recobra a vida.

Quem lhe vê o pé travesso
E os requebros seductores,
Fica logo mais rendido
Que entre ferros oppressores.

Quem lhe vê o collo alteroso
Que tem tão viva attracção,
Só por obra de milagre
Resiste a uma tentação.

Quem a vê dançar o fado
Com rigor desconhecido,
Ao vel-a batendo forte
Fica um doido perdido.

Oh Severa dá-me um beijo,
Dá-me um beijo de queimar;
Ah! deixa-me arder em chammas
E em teus braços expirar.

Mas que digo! oh desgraçado!
Que delirio é este meu?!
Como vir ao meu reclame
A Severa que já morreu?!

Oh sorte cruel e dura,
Que me deixas no mundo só!
Rasga-me o peito e reduz
Meus ossos a cinza e pó.

Assim Moisivo carpia
No auge da desventura
E ao outro dia, já cadaver,
Foi levado á sepultura.

Quem viu já tanto amor,
Amar tanto e bem querer
Em peitos que não são dados
A por amor padecer?

E' que tu, oh cego amor,
Em teus caprichos ferinos,
Ligas risos com tristezas,
Cinges grandes e pequeninos.

E d'est'arte o mundo viu
Senhor cécio e muito alto,
A' fria campa baixar
Sem pompa e espalhafato.

Era dextro cavalleiro,
Em seu corcel á grande brida,
Levava niñas e touros,
Tudo, tudo de vencida.

Chorae, fadistas, chorae,
Ah! chorae a mais não ser,
Que d'outro tão fino amante
Não torna o fado a dizer.

Aqui ponho agora ponto,
Na lenda que finda está:
Foram casos d'outra era,
São voltas que o mundo dá.

E com esta, oh meus amigos,
Não vale o aborrecer:
Digo-lhe adeus; haja gaudio,
Haja gaudio. E até mais ver.

A lettra d'este fado completa a lenda do da Severa e é tambem cantada com a musica d'elle. O nome de Moisivo é anagramma de Vimioso. A musica não tem relação alguma com aquelle fado.

Veja-se o curioso e anedoctico livro *Lisboa d'outros tempos*, do Ex.mo Snr. Pinto de Carvalho (Tinop).

A SEREIA

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria da Gloria Macedo.

456

Lá no mar anda a sereia,
Anda á roda do navio;
Inda está para nascer
Quem ha de lograr teu brio.

Lá no mar anda a sereia,
Anda á roda sem se ver;
Quem ha de lograr teu brio
Inda está para nascer.

Lá no mar anda a sereia,
Anda á roda do vapor;
Inda está para nascer
Quem será o meu amor.

SOLTEIRAS, CASADAS E VIUVAS

DANÇA DE RODA

457

As solteiras são de oiro,
As casadas são de prata,
As viuvas são de cobre
E as outras são de lata.

Casadinha de ha tres dias
Ella alli vae a chorar,
Pela vida de solteira
Que não a torna a encontrar.

Oh amor, procura agrado,
Não procures formosura;
Que uma mulher sem agrado
E' peior que a noite escura.

Estas duas danças de roda são alemtejanas e foram recolhidas pelos Ex.mos Snrs. J. M. Soeiro de Brito e Victorino d'Almada.

O PAE DO LADRÃO

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Seraphina da Conceição Loureiro.

Era meia noite
Quando o ladrão veio:
Bateu tres pancadas
A' porta do meio.

O pae do ladrão
Quem o mataria:
Foi uma cagarra
De Santa Maria.

O pae do ladrão
Já cá não governa:
E' cego d'um olho
Torto d'uma perna.

O pae do ladrão
Era garrafeiro:
Vendia garrafas
Por muito dinheiro.

O pae do ladrão
Já por cá não vem:
Fez algum delicto
Ou matou alguem.

Se eu fôra ladrão,
Ladrão, que faria?
Furtava de noite,
Comêra de dia.

O pae do ladrão
Era sacristão;
Vendia garrafas
A meio tostão.

O pae do ladrão
E' feito de breu;
Posto á janella
Parece um judeu.

O pae do ladrão
Já não tem, não tem:
Aqui n'esta terra
Quem lhe queira bem.

Esta musica é muito antiga, e foi recolhida na ilha de Santa Maria.

CAMINHOS DE FERRO

DANÇA DE RODA

À Ex.ma Snr.a D. Senhorinha Candida de Lima.

Tira-te d'essa janella,
Minha folhinha d'alface,
Já d'aqui me estás parecendo
Raios do sol quando nasce.

O meu coração, voando,
Dentro do teu foi cahir;
No meio partiu as azas,
De lá não pôde sahir.

Caminhos de ferro já correm
De Lisboa a Santarem,
Lá dizem os dos caminhos
Lindos olhos tem meu bem.

Esta musica pertence á provincia da Beira. Dança-se primeiro, durante uma quadra, de roda, e no estribilho em *balancé* ou de braço dado com os seus pares.

APREGOADOS CLASSICOS

Os *melões de Coimbra*, o *mexilhão d'Aveiro* e outros mariscos são pregões exclusivos das vareiras, que percorrem com estes generos todo o paiz.

ANNINHAS

TOADA DO RIBATEJO

Á Ex.ma Snr.a D. Julia Ermelinda Coelho dos Santos.

463

Anninhas, Anninhas,
Toma bem cautella;
Tua mãe não brinca,
Tenho medo d'ella.

Tenho medo d'ella,
Mais sim, ou mais ai.
Toma bem cautella,
Oh meu zigue-zai.

Anninhas, Anninhas,
Isto assim não dura;
Anda fazer queixa
Ao teu padre cura.

Ao teu padre cura,
Mais sim, ou mais ai;
Anda fazer queixa,
Oh meu zigue-zai.

O' meu zigue-zigue,
Fujamos da aldeia;
Ha sezões na terra
Podes ficar feia.

Podes ficar feia,
Mais sim, ou mais ai;
Fujamos d'aldeia,
Oh meu zigue-zai.

Só fujo comtigo
Depois de casada;
Na terra em que vivo
Sou bem reputada.

Sou bem reputada,
Mais sim, ou mais ai:
Fugirei casada,
Oh meu zigue-zai.

Ficavas mais livre
Fugindo solteira:
Contavas da festa,
Não sendo festeira.

Não sendo festeira,
Mais sim, ou mais ai;
Gozavas solteira,
Oh meu zigue-zai.

Quem dá taes conselhos
Não ama devéras;
Só fórja mentiras,
Só sonha chimeras.

Só sonha chimeras,
Mais sim, ou mais ai;
Não ama devéras,
Oh meu zigue-zai.

Anninhas, Anninhas,
Quem ama não foge:
Dá-me cá um beijo,
Casemos já hoje.

Casemos já hoje,
Mais sim, ou mais ai;
Quem ama não foge,
Oh meu zigue-zai.

Anninhas, Anninhas,
Toma bem cautella;
Tua mãe não brinca,
Não no saiba ella.

Não no saiba ella,
Mais sim, ou mais ai;
Toma bem cautella,
Oh meu zigue-zai.

A lettra d'esta toada é de L. Augusto Palmeirim. A musica é das de origem popular, que mais tem sido paraphraseada por diversos professores de musica.

OH MEU BEM

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Elvira da Conceição Gaspar.

E' de noite, faz escuro,
Ladram os cães, tenho medo;
Bem puderas tu, menina,
Tirar-me d'este degredo.
Oh meu bem
Da fita amarella:
Casada, solteira,
Bonita donzella;
Quem te amava já morreu,
Quem te ama agora sou eu.

Encontrei o sol de noite
Na rua do *torna atraz;*
Quando o sol anda de noite,
Que fará quem é rapaz?

Lá cima n'aquella serra,
Está um pinheiro a arder;
Eu passei pelo incendio,
Meu amor, para te ver.

Recolhida em Coimbra, em 1870.

Tenho tres anneis no dedo,
Um inteiro, dois quebrados;
Tambem tenho tres amores,
Um firme, dois enganados.

Annel d'ouro não é prenda,
Muito menos o de prata,
Annel de contas miudas
E' amor que nunca se aparta.

Oh que lindos olhos tendes,
Dae-os ao sol para raios;
Se vol-os pedir alguem,
Dizei que são meus, guardae-os.

Minha mãe está-me a chamar,
—Minha mãe, eu vou, eu vou,
Muito me custa a apartar
Do amor, com quem estou.

Oh olhos de amora preta,
Oh faces de rosa branca!
Houvera de me ter ido,
Mas o teu amor me encanta.

Tive um amor, tive dois,
Não quero ter nenhum mais;
O meu coração está farto
De dar suspiros e ais.

O sol é marco da lua,
Capitão-mór da lindeza;
Ama-me com lealdade
Que eu te amarei com firmeza.

Noite escura, noite escura,
E' para mim um regalo,
Ai! quanta pena me deste
Noite de luar claro.

A MULHER DOS OVOS

TOADA

Andantino

465

expres.

Che-guei á ja - nel - la, pa-ra ver quem vi-nha, tró-la-ró, la-ró, la-ró; pa-ra ver quem vi - - nha; vi-nha u-ma sa - lo - - ia, pe-la ru - a a-ci-ma, tró-la-ró, la-ró la-ró, pe-la ru - a a-ci - ma.

Cheguei á janella
Para ver quem vinha,
Tró-laró, laró, laró,
Para ver quem vinha.

Vinha uma saloia
Pela rua acima,
Tró-laró, laró, laró,
Pela rua acima.

Seu pregão deitava,
Sua voz dizia,
Tró-laró, laró, laró,
Sua voz dizia:

«Quem me merca os ovos
E mais a gallinha?
Tró-laró, laró, laró,
E mais a gallinha?»

—Venha cá, saloia,
Assuba cá cima,
Tró-laró, laró, laró,
Assuba cá cima.

Como vende os ovos
E mais a gallinha?
Tró-laró, laró, laró,
E mais a gallinha?

Ao descer da escada,
Ao virar da esquina,
Tró-laró, laró, laró,
Ao virar da esquina.

Cae-lhe a cesta d'ovos,
Foge-lhe a gallinha.
Tró-laró, laró, laró,
Foge-lhe a gallinha.

Ponho-me a chamar:
—Pila, pila, pila,
Tró-laró, laró, laró,
—Pila, pila, pila.

Apparece um gallo
Que na terra havia,
Tró-laró, laró, laró,
Que na terra havia.

Vae-te embora gallo,
Que eu não sou gallinha,
Tró-laró, laró, laró,
Que eu não sou gallinha.

Maldito do gallo
Que azas que tinha,
Tró-laró, laró, laró,
Que azas que tinha?!...

Este romance recolhido em Lisboa é antigo e vulgar em todo o paiz. As creanças servem-se d'elle para dança de roda.

A SALOIA DOS TRES OVOS

CANTIGA

À Ex.ma Snr.a D. Isaura da Silva Gomes Samagaio.

Fui ao mercado sósinha,
Sósinha sem mais ninguem;
Levava uma cesta d'ovos,
Vendia tres ao vintem.

Vem um janota e me diz:
—Que lindos olhos que tem!
Que é lá isso, oh rapariga?
«Tres ovos por um vintem.

—Se os queres trocar por beijos
Por cada um dou-te eu cem.
«Não vendo d'essa fazenda;
Tres ovos por um vintem.

Olha o tolo, olha o asno;
Eu não sou das que elle tem,
Que se vendem como eu vendo
Tres ovos por um vintem.

Vem um homem lá da terra,
Com botas como eu tambem:
—Que levas ahi, oh menina?
«Tres ovos por um vintem.

Os ovos que eu levava
Todos vendi muito bem;
E á volta ainda contava,
Tres ovos por um vintem.

Recolhida no Baixo-Alemtejo, em 1890, porém é muito mais antiga. As creanças servem-se d'este romance para dança de roda.

A INFANCIA

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Laura Girão Ferreira de Castro.

Quando eu era pequenito
Tinha um covado de altura...
Em me isto lembrando, choro,
E no chôro acho doçura.

Era o brinquinho de todos;
Era de casa o regalo;
A mãe me trazia ao collo,
O pae no hombro, a cavallo.

Tristezas, penas, cuidados,
Eram tanto para mim
Como os risos de Glicera,
Como o dinheiro e o latim.

Fazia ideia do mundo
Ser mais pequeno do que é;
Mas suppunha-o mais alegre
E cheio de boa-fé.

Nuvem de aurora e poente
Sempre cuidei ser papoulas,
O iris, pedras mui finas,
As estrellas, lantejoulas.

Custava-me em tantas joias
Não poder pôr as mãosinhas;
Que inveja vos tive ás azas,
Oh mosquitos e andorinhas!

Se um monte apanhava a lua,
Quem me lá déra, dizia,
A ver se é bem redondinha,
E de que é feita, e se é fria.

Pois o sol? Como eu scismava
De o ver cada tarde ao certo
Ir todo alegre, apagar-se
No mar dourado e deserto!

E logo a manhã seguinte,
De nuvens rasgando o veu,
Trazel-o de novo acceso
Da outra parte do ceu.

Mil cousas então pensava
No meu juizinho estreito,
A'cerca do Pae celeste
Que a mim e ao sol tinha feito.

Com devoção de creança
Punha as mãos e ajoelhava,
E as orações repetia
Que a boa mãe me ensinava.

«Pae do ceu, fazei que eu siga
As santas leis que me daes,
Que eu seja amigo de todos,
Que vos agrade e a meus paes.»

Depois resava por elles,
Por minha irmã, pela gente
Que morava em cada choça
Da nossa aldeia innocente.

Pelo rei, que eu nunca vira,
E velhos pobres que eu via,
Pagar-nos com suas rezas
A esmola de cada dia.

Tempos de paz e de gosto!
De vós que resta?... A saudade:
Esta, ao menos, Deus piedoso,
Me conserva em toda a idade.

Esta canção é dos Açores. Tambem faz parte dos bailados servindo para dança de roda.
A lettra é uma traducção do dinamarquez de Baggesen conforme vem no *Panorama* de 31 de Março de 1838.

A PRAIA

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Adelaide Girão Ferreira de Castro.

Recolhida nos Açores; faz parte dos bailados insulares; addiccionam lhe diversa lettra, porém o estribilho é sempre o mesmo que vae na musica.

FADO CARMONA

Á Ex.ma Snr.a D. Zulmira da Conceição Gaspar.

Maria, minha Maria,
Meu pucarinho de tenda;
Pois se alguem te procurar
Diz-lhe que estás d'encomenda.

A rosa para ser rosa
Deve ser de Alexandria,
A dama para ser dama
Deve chamar-se Maria.

E' dos nomes que mais gosto
E' do nome de Maria;
Quem te poz tão lindo nome
O meu segredo sabia.

Maria tem pé de neve,
Pé de neve tem Maria;
Quando o pé era de neve,
O corpo de que seria?

Por teu respeito, Maria,
Perdi toda a liberdade,
Acho-me preso em teus braços
Por minha livre vontade.

Esta noite, á meia noite,
A' meia noite seria,
Ouvi os anjos cantar
No coração de Maria.

Recolhida em Lisboa em 1874.

PASSARINHO, REPENICA

CANTIGA

Á Ex.ma Snr.a D. Candida Albertina Teixeira.

Eu jurei, fiz juramento
De homem rico não amar;
Se algum pobre me não quer,
Solteira vou a ficar.

Eu tenho quarenta amores,
N'estas quatro freguezias:
Dez em Serpa, dez em Moura,
Dez em Briches, dez em Pias.

Eu casei-me, captivei-me,
Troquei a prata por cobre;
Troquei minha liberdade
Por dinheiro que não corre.

Enganou-se quem cuidava
Que os homens eram leaes;
São falsos, são lisongeiros,
Mentirosos, tudo mais...

O recreio d'uma quinta
E' uma verde larangeira.
O recreio d'uma mãe
E' ter a filha solteira.

O recreio d'uma quinta
E' um rouxinol, de verão.
O recreio de meu peito
E' amar teu coração.

Recolhida no Alemtejo. No estribilho costumam variar a rima do segundo verso para terminar com outro nome.

DA CASA PARA A RUA

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Isaura Pereira de Jesus Pinho.

471

Algum tempo eu era
Vaso de flores,
Agora estou cheia
De penas e dores.
Da casa p'ra a rua
Da rua ao quintal,
Minha mãe é pobre
Não tem que me dar.
Não é como a sua
Que está no bilhar,
Vendendo beijinhos (1)
A tres ao real.

Se te dei palavra
Para casamento,
Foi dada na rua,
Levou-a o vento.

Dizem que o amor
Perfeito não dura,
Eu não digo isso,
O meu ainda atura.

Já não ha quem vá
Atraz dos quintaes,
Permonde (2) os marotos
Dos officiaes.

Já não ha quem vá
Ao campo ás flores,
Permonde os marotos
Dos trabalhadores.

Recolhida no Alemtejo.

(1) *Beijinhos* ou *alcofinhos* são uma especie de caramujos que servem de tentos no jogo.
(2) Por por causa de.

TOCA A CAIXA

RETRETA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Joanna Pimentel.

Toca a caixa, acerta a marcha,
Toda a vida militei;
Dona Maria segunda
E' rainha não é rei.

Toca a caixa, acerta a marcha,
Toda a vida hei militado;
Dona Maria segunda
E' filha do rei soldado.

Esta retreta foi recolhida no Alemtejo pelos Ex.mos Snrs. Soeiro de Brito e Victorino d'Almada.

Apezar d'esta musica ser do principio do reinado de D. Maria II, como se deprehende da lettra. o povo alemtejano serve-se d'ella para dança, addicionando-lhe qualquer quadra e conservando-lhe a lettra primitiva como estribilho.

REPETE, REPETE

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Beatriz Monteiro da Costa.

Bem sei que me andaes mirando
Por debaixo do chapeu:
Se eu não sou do vosso gosto,
Quem quer anjos vae ao ceu.

Repete, repete,
Repete outra vez:
Amor's eram quatro,
Eu acho só tres.

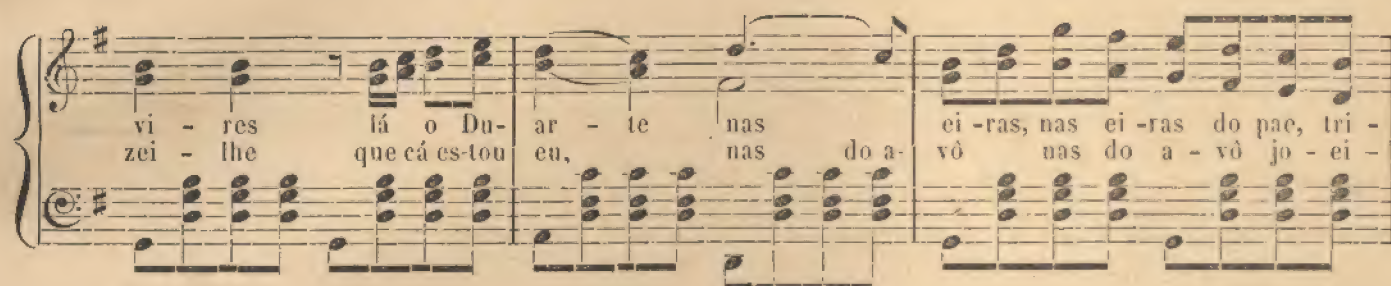
Aqui d'el-rei, vou gritando
Sobre dous salteadores,
Que os ladrões d'esses teus olhos
Dos meus querem ser senhores.

O amor nasce da vista,
D'esta passa ao coração,
Entra na correspondencia,
Acaba na ingratidão.

Todos atiram ao alvo,
Só eu não tenho pelouro;
No peito da minha dama
Tenho duas balas d'ouro.

Dae-me um bocado de lacre
D'esses labios de rubim,
Para cerrar uma carta
Que tem saudades sem fim.

A presente musica e as duas seguintes pertencem aos bailados açorianos, e a ellas se juntam quadras diversas.

LUNDUM AÇORIANO

Já que me ensinaste a amar,
Ensina-me agora a ler;
Não quero que ninguem saiba
O que me mandas dizer.

Quero-me casar por cartas,
No Fayal me dão amores;
Fica-te embora S. Jorge,
Meu ramilhete de flores.

Querem-me casar por cartas,
Oh minha mãe que farei?
Um homem que nunca vi,
Que respeito lhe terei?

Oh meu amor lá de longe
Escreve-me uma cartinha,
Se não tiveres papel
Nas azas de uma pombinha.

Vós mandaste-me uma carta,
Desculpae, que eu não sei ler;
A culpa foi do meu pae,
Que me não poz a aprender.

Coitado quem tem amores
Pela freguezia alheia,
Quantas vezes acontece
O jantar servir de ceia.

Puz-me a escrever na areia,
Ao som do mar que corria;
Veio o mar levou-me a penna,
Apagou-me o que fazia.

Vejo o mar, não vejo terra,
Vejo navios além,
Vejo vir barcos á vela,
Só o meu amor não vem.

N'esta terra não ha tinta,
Nem papel que tenha côr;
Nem ave que tenha penna
Para escrever ao amor.

Nossos corações unidos
Nasceram para se amar;
Não podem 'star um sem outro,
Assim mesmo hão de acabar.

Nossos corações unidos
Por ternos laços de amor,
Nada os pode separar,
Nem auzencia, nem rigor.

Oh coração toma azas,
Oh azas tomae valor,
Que havemos d'ir esta noite
Ao resgate d'uma flor.

O meu amor quer-me tanto,
Que até ao mar me levou,
N'uma lanchinha de prata,
Remos d'ouro lhe deitou.

Oh meu amor da cidade,
Tira tempo, vem-me ver;
Que as cartas são escusadas
Para mim que não sei ler.

A carta que me mandaste
Não lhe pude entrar com a lettra.
Abracei-a e beijei-a,
Fechei-a n'uma gaveta.

SAPATEIA

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Dalila de Paiva Sarmento.

MINHA QUERIDA

DANÇA

À Ex.ma Snr.a D. Clotilde dos Santos Braga.

Assomei-me ao teu jardim
Para ver quem tinha dentro.
Assomei-me . . . vi-te a ti,
Variou meu pensamento.

Eu não duvido que haja
No mundo quem te mereça;
Quem te queira mais do que eu,
Não me entra na cabeça.

Se os teus dedos fossem fitas,
Fazia azelhas e laços
P'ra prender teu coração
Na cadeia dos meus braços.

Os teus olhos são dois livros
Onde amor lições me deu;
Eu sou mestra d'esses livros,
Ninguem te ama como eu.

Oh alto jasmim formoso,
Oh bella liria formosa,
Consentes que eu dê um beijo
N'essa face cor de rosa?

Eu invejo a linda sorte
Dos namorados pombinhos,
Que desfructam sem receio
O gosto que dão beijinhos.

Recolhida em Villa Viçosa pelo Ex.mo Snr. Nunes Sereno.

DESPEDIDA

CANÇÃO

Á Exᵐᵃ Snr.ª D. Maria Alice d'Almeida.

DESPEDIDA

Tu vaes deixar-me, sem talvez que o pranto
Te inunde as faces ao escutar meus ais;
E d'esse affecto, de minh'alma encanto,
Quem sabe, ingrata, se esquecer-te vaes.

Terás ao longe do teu patrio Tejo,
Vivas saudades d'este immenso amor?
Fagueira esperança d'um porvir que almejo
Virás ao menos mitigar-me a dôr.

Hão de lembrar-te tuas meigas juras,
Ternos protestos d'um amor sem fim;
De casto amor, de esperanças puras,
Quando juravas viver só para mim!

Tu vaes deixar-me, e eu que te amo tanto!
Oh! que saudades hei de aqui soffrer.
Se a meiga esperança não estancar meu pranto,
De magua, em breve, sei que vou morrer!

Morrer que importa. . . Que é para mim a vida
Logo que eu perca teu ardente amor!?
Ha de ir commigo tua imagem querida
Baixar á campa a que me obriga a dôr!

Ai! não te esqueças que para ti só vivo!
Embora ausente sempre te amarei.
Ao longe, ao perto, no sepulchro, ou vivo,
No ceu, na terra, sempre teu serei.

CRAVO ROXO

DANÇA DE RODA

À Ex.ma Snr.a D. Arminda Castro d'Almada.

Abre meu peito, verás
Dois raminhos floridos,
E no meio encontrarás
Nossos corações unidos.

Mil beijos dei n'esta flor
Que, arrebatada, apanhei;
Tantos affectos lhe fiz
Que por fim a desfolhei.

O homem nunca devia
Com a existencia acabar,
P'ra nunca se fazer velho,
Para sempre namorar.

Recolhida em Villa Viçosa pelo Ex.mo Snr. Nunes Sereno.

BAYA, NIÑA

DANÇA INFANTIL

N'esta dança de roda as creanças nomeiam nos segundos dois versos de cada cantiga, as classes cujos modos e movimentos imitam, por exemplo: *Agora os sapateiros fazem assim*, etc. *Agora as costureiras fazem assim*, etc., etc. Os primeiros dois versos são invariaveis e agallegados.

FADO VISCONTI

Á Ex.ma Snr.a D. Felizbella de Carvalho Miranda.

Hespanhol p'ra a malagenha,
Portuguez p'r'o lindo fado;
Não ha, nem póde haver
Canto a estes comparado.

Torradinhas com manteiga,
Por cima café limão;
Toda a facada tem cura
Não chegando ao coração.

Puz os pés na sepultura
De quem na vida amei tanto,
Uma voz ouvi dizer:
—Não me pizes oh tyranno.

A minha prima Aurora
Escreveu para Pariz,
Que lhe mandassem dizer
Quem era o pae do *Petiz*.

Se eu soubesse que voando
Alcançava o teu amor,
Ia pedir á sopeira
As azas do assador.

Eu mandei fazer á China
Um boneco de marfim,
E que a gente lhe puxando por
uma fita verde que tem presa ao
calcanhar do pé esquerdo (1)
Diz com a cabeça que sim.

Este fado appareceu no Porto na presente decada, trazido por um palhaço portuguez, d'uma companhia equestre, por appellido Visconti.

(1) Isto é declamado muito depressa.

AI SIM, MEU BEM

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Juliana d'Abreu Machado.

Oh que linda primavera
Que el-rei traz na carapuça:
Quem tem raiva que enraiveça
Quem tem catharro que tussa.
O tiro que me atiraste,
Ai sim meu bem!
O passarinho voou;
Levava cartas d'amores,
Ai sim, meu bem!
Só uma penna me deixou.

Lá na terra de Lisboa
Quem é rico passa bem,
Assim é na minha terra
E n'outra qualquer tambem.

Tu mandaste-me p'ra a quinta,
P'ra baixo das laranjeiras...
Na quinta é que eu me quero,
Para brincar co' as quintaneiras.

Toda a moça que quizer
Gosar de nobre futuro,
Fóra de horas não vá
Fallar á sombra do muro.

Tenho corrido mil terras
Da maior parte da Beira,
Não achei melhor amigo
Que o dinheiro n'algibeira.

Recolhida no Alemtejo.

FADO DO GATO

(VULGO DO TABORDA)

Á Ex.ma Snr.a D. Leonor Rebello Valente.

Já não ha milho na tulha,
Foram-se os ratos p'ra o monte;
N'esta casa tudo é bulha,
E eu sem comer desd'honte'!

O forno não tem cosido;
Como me hei de sustentar?
Não vejo milho moído,
Nem dinheiro p'ra o comprar.

A mim ninguem me dá nada,
Nem eu o tenho caçado;
Desde a semana passada
Só grillos tenho papado.

Vejo bastante trabalho,
Mas o que não vejo é pão;
Por isso me zango e ralho
Com muitissima razão.

O'lho d'um e d'outro lado,
Não vejo nada que côma;
Vou queixar-me do meu fado
Ao padre santo de Roma.

Não tenho moveis que venda;
Foi-se-me toda a gordura;
Ninguem me fia na tenda,
E a fome ninguem a atura.

Que triste foi meu entrudo!
Nem ás gatas sequer vou;
Já não mio, vivo mudo,
Que o bom tempo se acabou.

Vou p'ra cima do telhado
E nem me lembra o namoro.
D'outros gatos rodeado
Carpimos todos em coro!

E o que isso ás vezes nos rende
E' pedrada e mais pedrada,
Pois a chôros não attende
A immoral rapaziada.

D'esta casa pois me escamo,
Que estou farto de penar;
Vou em busca d'outro amo,
Que me possa sustentar.

Passe por cá muito bem
A mulher e mais o home';
Não quero que diga alguem:
—Morreu o gato com fome!

MOINHO DAS ENTRE-AGUAS

CANTIGA

Á Ex.ma Snr.a D. Mecia d'Oliveira Portugal.

Aguarda, meu bem, aguarda,
Não te pese d'aguardar;
Inda temos muito tempo
Para a sorte experimentar.

Desejava de saber
Qual era a pereira doce,
Para lhe não offender
Nem um raminho que fosse.

Moinho das Entre-aguas,
Repara o que dizes tu;
No meio das silvas estava
Um ninho de tôro-paul (1)
Vieram-no tirar as moças,
Meu coração consentiu;
Avesinha da minh'alma,
Mesmo da mão me fugiu.

Oh meu amor, qual dos dois
Andava mais embaido?
Para agora me dizeres
Que não tinhas tal sentido!

Puz-me a chorar saudades,
Ao pé d'uma fonte fria:
Mais choravam os meus olhos,
Que a propria fonte corria!

Recolhida em Ferreira do Alemtejo pelos Ex.mos Snrs. Sociro de Brito e Victorino d'Almada.

(1) *Tôro-paul, ou tôr-paul, tor-paú, tras-paú* é a transformação da palavra *touropaul,* nome d'uma avesinha de bico forte e grande o qual espeta nos vales humidos e imita o urro d'um touro.

NAMORA A RITA

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Amelia de Castro Pereira.

Já não quero ir á sala
Sem levar o candieiro:
Tenho medo que me matem
Os beijos d'algum brejeiro.
  Você é que tem a dita,
    Namora a Rita,
    Lá de Coimbra.
  Oh que pequena tão bella,
    Namora a Rita
    Casa com ella.

Toda a mulher que se casa,
Grande castigo merece:
Deixa seu pae, sua mãe,
Vae amar quem não conhece.

Os olhos da minha cara
Já os tenho reprehendido,
Que não olhem p'ra ninguem
Que está o mundo perdido.

O sol quando nasce, inclina,
O sol quando inclina, queima;
Hei de amar quem eu quizer
Só por causa d'uma teima.

A salsa é tão melindrosa,
Que nasce pelas paredes;
Tambem o meu amor tem
Os seus melindres ás vezes.

VIRGEM DOLOROSA

TOADA ORATORIA

Á Ex.ma Snr.a D. Jesuína Candida de Mattos.

Esta toada é do fim do seculo XVII. Diz-nos o nosso respeitavel amigo, o Rev.mo Padre Cunha, que nol-a enviou da ilha de S. Jorge: «Já se cantava no principio d'este seculo (XVIII) na ilha do Pico, d'onde foi trazida para esta ilha de S. Jorge por Manuel Pereira, cego, que era um reportorio de cantos d'aravias, romances, orações, que elle dizia pelas casas onde se hospedava, aos dias, acompanhando o canto com os accordes da sua viola de arame. Era um verdadeiro artista este cego.»

VIRGEM DOLOROSA

Virgem dolorosa
Que afflicta estaes,
Ajudae-me a cantar:
Bemdita sejaes.

Vossas sete dôres,
Gemidos e ais,
Ponderar queremos:
Bemdita sejaes.

E' a dôr primeira
Quando apresentaes
O menino no templo:
Bemdita sejaes.

Simeão profetisa
Que o filho que amaes
Ha de ser ruina:
Bemdita sejaes.

Ruina de muitos
Que serão seus rivaes,
Que o contradirão:
Bemdita sejaes.

Uma aguda espada
De dores mortaes
Passará vossa alma:
Bemdita sejaes.

A segunda dôr
Que ali supportaes
Fugindo de Herodes:
Bemdita sejaes.

Vendo-vos cercada
De homens brutaes
Que Deus não adoram:
Bemdita sejaes.

Além dos temores
E ancias mortaes
Que vos penalisam:
Bemdita sejaes.

A terceira dôr
E' quando choraes
O filho perdido:
Bemdita sejaes.

Tres dias d'ausencia
Em que o buscaes,
Penalisam vossa alma:
Bemdita sejaes.

Que penas, que dores,
Que afflicções mortaes
Soffreis n'estes dias:
Bemdita sejaes.

Vossa quarta dôr
Quando O encontraes
Com a cruz ás costas:
Bemdita sejaes.

Logo que O vêdes
Trespassada ficaes,
Senhora das Dores:
Bemdita sejaes.

Que peso de dôr
Vós não carregaes
Vendo-O tão afflicto:
Bemdita sejaes.

Não lhe podeis valer
Por mais que façaes,
Deus Padre não quer:
Bemdita sejaes.

Vossa quinta dôr
Cresce muito mais
Vendo-O na cruz:
Bemdita sejaes.

O sangue que sae
Das veias virginaes;
Mais doce é a morte:
Bemdita sejaes.

Quando Elle diz:
Pae porque me deixaes?
Milagre é viverdes:
Bemdita sejaes.

O sol se escurece
Contra as leis naturaes
Vendo o que soffreis;
Bemdita sejaes.

Toda a terra treme
Com seus vegetaes,
Vendo vossas penas:
Bemdita sejaes.

Quebram-se as pedras
Em ver coisas taes;
Que não soffries vós!?
Bemdita sejaes.

Vossa sexta dôr
E' quando tomaes
A Jesus nos braços:
Bemdita sejaes.

Que dor, que tormento
Quando reparaes
N'esta vida morta:
Bemdita sejaes.

E com que tormento
Sentís e choraes
Vosso filho morto?!...
Bemdita sejaes.

Nem ainda morto
Com Elle ficaes,
Que já vol-O tiram:
Bemdita sejaes.

Só vós conheceis
O que aqui passaes
N'este mar d'afflicções:
Bemdita sejaes.

A setima dôr
Qnando O acompanhaes
Para o sepulchro:
Bemdita sejaes.

N'elle O depositam
Seus filhos leaes,
José e Nicodemus:
Bemdita sejaes.

N'esta soledade
Em penas fataes
Ficaes submergida:
Bemdita sejaes.

Dentro do Cenaculo
Suspiros e ais
Destes vós por nós:
Bemdita sejaes.

Alcançae-nos d'Elle
Nas culpas mortaes
Uma viva dôr:
Bemdita sejaes.

E que aborreçamos
Todos os veniaes
Que Deus aborrece:
Bemdita sejaes.

Livrae-nos, Senhora,
Dos erros infernaes
E dos *Jacobinos*:
Bemdita sejaes.

De seus enganos
E laços fataes
Que o inferno lhe ensina:
Bemdita sejaes.

Para que vos achemos
N'esses thronos reaes
P'ra sempre vos louvar:
Bemdita sejaes.

Gloria tenha o Padre
E o Filho que amaes
E o Espirito Santo:
Bemdita sejaes.

Bemdita sejaes
Virgem Mãe das Dôres,
Tendo compaixão
D'estes peccadores.

O PASTOR ALCINO

ROMANCE

Á E x.ma Snr.a D. Florinda de Souza Pacheco.

Alcino n'um bosque, um dia,
Subtil abuso armou:
Pois elle, cheio de goso,
Astuto melro caçou.

Quiz fazer-lhe uma gaiola,
Mas para isso, primeiro,
Debaixo do seu chapeu
Collocou o prisioneiro.

—Feita que seja a gaiola,
Tão linda como eu desejo,
Hei de offerecel-a á Georgina,
E pedir-lhe em troca um beijo.

—Não creio que ella m'o negue,
Em vista do que eu lhe dou;
Pois um melro mais sonoro
N'este bosque não cantou.—

Corta vimes dobradiços,
Corta mil varas e diz:
—Talvez, talvez, negro melro,
Que tu me faças feliz.—

Assim disse e foi partindo,
Nas tenras varas cortava,
E como ia depressa
Suas ideias forçava.

Soprou invejoso vento,
Nas pennas d'elle zuniu,
Voltou o chapeu de palha
E o negro melro fugiu.

Assim fica o pastor triste,
Por não lograr seu desejo,
Pois perdeu n'um só momento
Melro, esperanças e beijo.

Esta musica canta-se na jurisdicção da Calheta (ilha de S. Jorge) d'onde nol-a enviou o Rev.mo Padre Cunha, que nos diz fôra levada para alli do Rio Grande do Sul, em 1840.

TOMA LÁ, AMOR

DANÇA DE RODA

À Ex.ma Snr.a D. Lucilia Mendes Salgado.

Muito chorei eu
Domingo á tarde,
Aqui está meu lenço
Que diga a verdade.

Que diga a verdade,
Oh sim, sim, mais nada não!
Toma lá amor
O meu coração.

O meu bem me disse
Que lhe desse um beijo;
Aqui tem meu rosto,
Cumpra o seu desejo.

Cumpra o seu desejo,
Oh sim, sim, mais nada não!
Toma lá, amor,
O meu coração.

Se eu quizera amores,
Mais de cem eu tinha:
Fico assim melhor
Que estou solteirinha.

Que estou solteirinha,
Oh sim, sim, mais nada não!
Toma lá, amor,
O meu coração.

O MEU SEGREDO

CANÇÃO DE CASCAES

Á Ex.ma Snr.a D. Paulina Henriques Alves Pimenta.

Mimosa filha dos astros,
Magica, doce illusão,
Fada santa que vieste
Accender-me a inspiração.

Que mago enlevo me déste,
A que ceus tu me subiste...
Não, tu não eras mentira...
Se eu descri... tu não mentiste!

Que importa se te não ouço
Como inda hontem te ouvi...
Anjo! vieste, e fallavas
Quando Deus chamou por ti.

E subiste ao astro aereo,
Onde o espirito se esconde
Aos olhos do homem, verme
Que vae de rojo... aonde?

«Aonde vae?» esta pergunta,
Estas ancias d'um destino,
Dão ao homem vôos d'anjo,
Dão-lhe um folego divino.

Dá-lhe estimulos!... recordo
Que era mais que humano estimulo...
Oh! se amor é fogo ethereo,
Esse amor senti... sentimol-o.

Era um fervor de poetas,
Era ancear ventura e ceu,
Era a nossa mão ousada
Do porvir rasgando o veu!

Rasgando o veu... para que?...
Ai! nós queriamos viver,
Sobre um astro d'estes astros
Que tu vês no espaço arder.

. . . .

E quando a fada fallava
Como o coração tremia...
A respiração nos seios
Suffocada estremecia.

Era então santo o respeito
Com que a sentença lhe ouviamos;
E tão de dentro era a crença
Com que a esp'rança lhe pediamos!...

O que eu sentia! que vôos
Eu cortei na immensidade!...
Com que orgulho eu puz a vista
No throno da Divindade!...

Oh! Deus sabe que desejos
Fervorosos eram esses!...
Queria mundos sobre mundos,
Mundos onde tu vivesses!...

Viver comtigo, meu astro,
Que na terra me alumias!
Viver comtigo onde esquecem
D'este mundo as agonias!...

Fugiu a fada, a propheta
Levou comsigo o condão,
Que fizera arder delirios
No meu... no teu coração...

Deixal-a... embora! Soubemos
Que existe um mundo além d'este...
Sim... existe... é a patria d'anjos,
D'onde tu, anjo, vieste!

Recolhido em Lisboa em 1880. A musica é do celebre guitarrista lisbonense João Maria dos Anjos. A lettra que lhe ouvimos applicar é do fallecido romancista Camillo Castello Branco.

OH QUE BELLAS MOÇAS

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Luciana de Souza Ferreira.

O meu bem é rico
Eu pobre não sou;
A sua riqueza
Nunca me enlevou.
Ai, ai!

Oh que bellas moças
Tem a Vidigueira,
Deixam-nos saudades
P'ra a semana inteira.
Ai, ai!

Oh que casibeque!
Que chita tão linda!
Dá-me cá um beijo
Não te vás ainda!
Ai, ai!

O meu lindo amor
Diz que não passeia...
Tem a estrada feita
De roda da Aldeia!
Ai, ai!

A prisão do rei
E' tão rigorosa...
Já lá estive preso
Permonde uma rosa!
Ai, ai!

Se fores a Elvas
Sóbe acima ao forte,
Verás as bandeiras
Viradas ao norte.
Ai, ai!

Se fores a Elvas
Vae á Piedade;
E' á melhor coisa
Que tem a cidade.
Ai, ai!

O meu querido amor
Não póde apagar
A magua que sinto
De lhe não fallar.
Ai, ai!

Do que eu mais gosto
E' viver ao desdem:
Agradar a todos
Não amar ninguem.
Ai, ai!

Recolhida no Alemtejo pelos Ex.mos Snrs. Soeiro de Brito e Victorino d'Almada.
Dança.—De roda a primeira vez depois *tour de main* e *gran-chaine*.

BELLA MILHARADA

DANÇA

DANÇA. — Primeiro canta-se uma quadra desgarrada, durante a qual os pares, de braço dado passeiam em volta, e no estribilho, *Oh que bello milho, etc.* dançam polkando, ou em cadeia.
Recolhida no Alemtejo pelos Ex.mos Snrs. J. M. Soeiro de Brito e Victorino d'Almada.

AS SAIAS

DANÇA

Aqui n'esta rua rula,
Aqui n'este recantinho,
Aqui bate o pombo as azas,
Além tem a pomba o ninho.

Meu bem, oh José, José,
Quem te deu a rosa
Com tamanho pé?
Tamanho pé?
Com tamanho pé?
Meu bem, oh José, José.

Puz-me a jogar as cartas
N'uma mesa de charão:
Logo á primeira partida
Ganhei o teu coração.

Meu bem, oh amor, amor,
Que mal é o teu?
Que fizeste á côr?
A' côr?
Que fizeste á côr,
Meu bem, oh amor, amor?

Dia de San nunca á tarde,
Passei pela tua rua,
Vi-te aonde não estavas,
Amor, que vida é a tua.

Meu bem, oh Joaquim, Joaquim,
Andas tão chupado,
Quem te pôz assim?
Assim?
Quem te pôz assim?
Meu bem, oh Joaquim, Joaquim?

Estas musicas foram recolhidas em Elvas pelos Ex.mos Snrs. J. M. Soeiro de Brito e Victorino d'Almada.
Com a designação de Saias ha muitas variantes na provincia do Alemtejo. Parece datarem de 1887, variando todos os annos.

CABELLO D'ARREPIO

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Julia Albergaria.

Recolhida no Alemtejo pelos Ex.mos Snrs. J. M. Soeiro de Brito e Victorino d'Almada.

DANÇA. — Durante a cantiga grande roda. No estribilho *balancé* e estallinhos com os dedos, depois cadeia e termina com *balancé*.

(1) Nomeia uma pessoa conhecida.

TIRA-LIRA

JOGO INFANTIL

Á Ex.ma Snr.a D. Elvira Rodrigues.

Este antigo jogo infantil é formado em duas rodas, a par, uma grande e outra pequena, augmentando esta á maneira que vae diminuindo aquella. Emquanto uma roda anda a outra está parada da fórma seguinte:

Designemos *1.ª roda* a roda pequena, que se compõe só de duas creanças de mãos dadas, e *2.ª roda* a roda grande que póde ter numero indeterminado de creanças, de mãos dadas. Tanto uma como outra roda só se movem emquanto cantam parando logo.

A *1.ª roda* canta, repetindo o verso e estribilho, girando durante oito compassos e pára.

A *2.ª roda* canta, repetindo o verso e estribilho, girando durante oito compassos e pára; e assim seguidamente ora uma ora outra roda até á conclusão da lenga-lenga em que uma creança da *2.ª roda* sahe e vae para a 1.ª

1.ª RODA.—A nossa roda é tão linda!
Mata a tira-lira-lira.
A nossa roda é tão linda!
Mata a tira-lira-lã.

2.ª RODA.—A nossa roda é mais linda!
Mata a tira-lira-lira.
A nossa roda é mais linda!
Mata a tira-lira-lã.

1.ª RODA.—Mas nós a destruiremos, etc.

2.ª RODA.—Qual escolhereis vós, etc.

1.ª RODA.—A menina F. (1) etc.

2.ª RODA.—Que lhe dareis vós, etc.

1.ª RODA.—Um chapeusinho de renda, (2) etc.

2.ª RODA.—Ella gosta muito d'isso, etc. (3)

(1) O nome d'uma creança da 2.ª roda.
(2) Póde-se dizer um objecto de vestuario ou de adorno. Sendo menino nomeia-se objectos proprios do seu sexo.
(3) Chegando aqui a creança nomeada passa para a *1.ª roda* e continua da mesma fórma até que todas as creanças passem para a *1.ª roda*.

ECCE HOMO

LOUVORES AO SENHOR SANTO CHRISTO

Á Ex.ma Snr.a D. Luiza de Freitas Guimarães.

ECCE HOMO

Meu doce Jesus,
Que no Horto estaes
Com vossos discipulos,
Bemdito sejaes.

Bemdito sejaes,
Bemdito sejaes,
Nos ceus e na terra
Bemdito sejaes.

Vossa oração
Logo começaes,
Prostrado por terra:
Bemdito sejaes.

Vossos tres apostolos,
Vós mesmo os achaes
A todos dormindo:
Bemdito sejaes.

Judas traidor
Com todos os mais
Vos vem a prender:
Bemdito sejaes.

Um osculo vos deu,
Vós o abraçaes;
Elle vos entrega:
Bemdito sejaes.

Amigo, a que vindes,
A quem procuraes?
Eu sou quem quereis:
Bemdito sejaes.

Atado e preso,
Flagelado ficaes,
Como manso cordeiro:
Bemdito sejaes.

Em Jerusalem
Vós dentro entraes
Com tantas injurias:
Bemdito sejaes.

Uma bofetada
Que então levaes!
Oh cruel injuria!
Bemdito sejaes.

Pedro assustado
De ver como estaes,
De longe vos segue:
Bemdito sejaes.

N'esta triste noite,
Vendo o que passaes,
Tres vezes vos nega:
Bemdito sejaes.

Atado á columna,
Tudo supportaes.
Milhares de açoites:
Bemdito sejaes.

Oh Supremo Rei
Que tudo dominaes,
Coroado d'espinhos:
Bemdito sejaes.

Pilatos sabendo
Que justo estaes,
Ao povo vos mostra:
Bemdito sejaes.

Clamam os judeus,
Dragões infernaes;
Que vos crucifiquem:
Bemdito sejaes.

A Herodes vos levam,
A Pilatos tornaes,
Com injurias e affrontas:
Bemdito sejaes.

Oh Justo Juiz,
Que a todos chamaes;
Condemnado á morte:
Bemdito sejaes.

Pesado madeiro
Que aos hombros levaes
Por nossos peccados:
Bemdito sejaes.

Ao monte Calvario
Vos encaminhaes,
Simão vos ajuda:
Bemdito sejaes.

Que dôr, que tormento,
Quando encontraes
Vossa afflicta Mãe:
Bemdito sejaes.

Estendido na Cruz
Com dôres mortaes,
Tres cravos vos pregam:
Bemdito sejaes.

No pesado lenho
Pendente ficaes
Entre dois ladrões:
Bemdito sejaes.

Todo o vosso sangue
Ali derramaes
Por nosso remedio:
Bemdito sejaes.

Este é o preço
Com que resgataes
Os filhos d'Adão:
Bemdito sejaes.

Na ultima hora
Então vos lembraes
Da sêde que tendes:
Bemdito sejaes.

Fel e vinagre
Que então tomaes,
Com tanta amargura:
Bemdito sejaes.

Inclinaes a cabeça,
Meu Deus expiraes,
Tudo consumado:
Bemdito sejaes.

Vosso lado aberto,
Sangue e agua lançaes,
Por nosso amor:
Bemdito sejaes.

Misericordia, meu Deus,
Meu Senhor que chegaes
A morrer por todos:
Bemdito sejaes.

Recolhida pelo Rev.mo Padre Cunha na Fajã, Calheta, ilha de Jorge, onde se canta na egreja. A festa é na 3.ª Dominga de Setembro.

ROSA

XACARA

Á Ex.ma Snr.a D. Albertina de Freitas Bragança.

A musica d'esta xacara pertencia ao reportorio do cego açoriano Manuel Pereira. A lettra é uma das innumeras variantes que existem por todo o paiz e que o Ex.mo Snr. Dr. Theophilo Braga recolheu na provincia da Beira, ajuntando-lhe a seguinte nota:

« Com titulo quasi identico publicou Garrett (*Romanceiro*, t. III, p. 187) uma variante dos arredores de Lisboa, em que o guapo galanteador não é irmão, nem vem preoccupado por alguma aposta. E' ali incompleta, e está mal classificada; muitas outras cantilenas d'este genero temos encontrado na tradição oral, em fórma de descante ou desafio. O povo só conhece na sua poesia a redondilha maior e menor; e de todas as lições que recebemos do Porto, Trás-os-Montes e Beira Baixa nenhuma trazia os versos dispostos em fórma alexandrina. De todas as variantes a mais verdadeira é aquella que vem precedida de um preambulo em prosa contando como um irmão chegado do Brazil á sua terra, antes de se dar a conhecer a sua irmã, começou a fallar-lhe de amores, por aposta contra os que lhe diziam ser ella a mais esquiva de todas as raparigas do logar.»

ROSA

—Deus te salve, Rosa,
Lindo seraphim!
Linda pastorinha
Que fazeis aqui?

Que fazeis pastora
Por essa ribeira?
Tirae-vos do sol,
Do sol que vos queima.

«O sol não me queima,
Que estou calejada
Do rigor da chuva,
Do rigor da calma.

—Tão gentil senhora
A guardar o gado,
Ao longo do rio
Tão bem repastado.

«Criado tão nobre
Com meias de seda!
Olhe não as rompa
Por essa resteva.

—Sapatos e meias
Tudo romperei,
Pela pastorinha
Tudo eu farei.

«Por altas montanhas
Ouço gritar gado;
São as ovelhinhas
Que me tem faltado.

—Dê-me cá a cesta,
Tambem o cajado,
Que eu lh'as vou buscar
Com todo o cuidado.

«Vá-se embora, homem
Não me dê tormento;
Não o posso ver
Nem por pensamento.

—O que está de ingrata,
Tão impertinente!
Homens não são lobos
Que comam a gente.

«Eu se sou ingrata
Faço muito bem;
Quero ser ingrata,
Assim me convem.

—O teu gado, Rosa,
Eu aqui t'o trago:
Um formoso moço
Para teu criado.

Não tenha esse medo
Que o gado se perca,
Por aqui passarmos
Uma hora de sésta.

«Vá-se d'ahi, negro,
Não me dê mais pena;
Que ahi vem meus amos
Trazer-me a merenda.

—Isso é que eu quero
Que venham seus amos;
Quero que elles saibam
Que falamos ambos.

«Tal rasão como essa
Não a ouvirei;
Já dirão meus amos
Que de mais tardei.

—Diga-lhe, menina,
Que se demorou
Com esta nuvem d'agua
Que tudo molhou.

«Vá-se d'ahi, homem,
Não me dê tormento;
Não o quero vêr
Nem por pensamento.

—Que tem a menina
Que está agastada?
No meu coração
Trago-a retratada.

Uma vez que quer
Que me vá embora,
Lá verá o gado
Que vae serra fóra.

«Se vae serra fóra
Pois deixal-o ir;
Se o não matarem
Tornará a vir.

—Por altas montanhas
Corre grande pr'igo;
Oh linda pastora
Queira vir commigo.

«Não é d'homem nobre
O dar tal conselho,
Pois quer que se perca
O gado alheio.

—O gado alheio
Não quero se perca;
Quero que tenhamos
Uma hora de sésta.

«Guardemos a sésta
Lá para depois;
Eu quero saber
Quem é que vós sois.

—Sou filho da côrte,
Assisto em palacio;
Linda pastorinha
Dae-me um abraço.

Já me vou embora
Pela serra acima,
Linda pastorinha
Dae-me a despedida.

«Venha cá, oh homem,
Venha aqui correndo;
O amor é cego,
Já me vae rendendo.

—Se você me chama,
Eu me vou andando,
Que a aposta que fiz
Já a vou ganhando.

«Bem sei o que queres,
Queres um abraço;
O abraço se o deres
Dá bem apertado.

O abraço se o deres
Dá-m'o apertado,
Para apagar penas
Que commigo trago.

—O abraço que der
Não tem má tenção,
Cala-te lá, Rosa,
Que sou teu irmão.

Quer ella a menina
Que demos um brado
A' gente do povo
Que accudam ao gado?

«Oh gente do povo
Accudi ao gado,
Que foge o pastora
Com o seu namorado!

Eu quero fugir,
Que é ventura minha;
Depois de pastora
Irei ser rainha.

—Se a pastora foge,
Deixal-a fugir,
Nem cravos, nem rosas
Lhe hão de accudir.

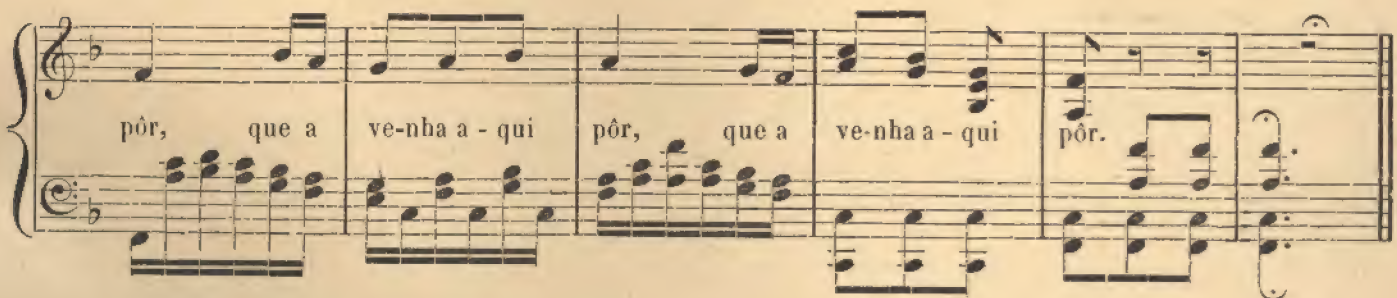
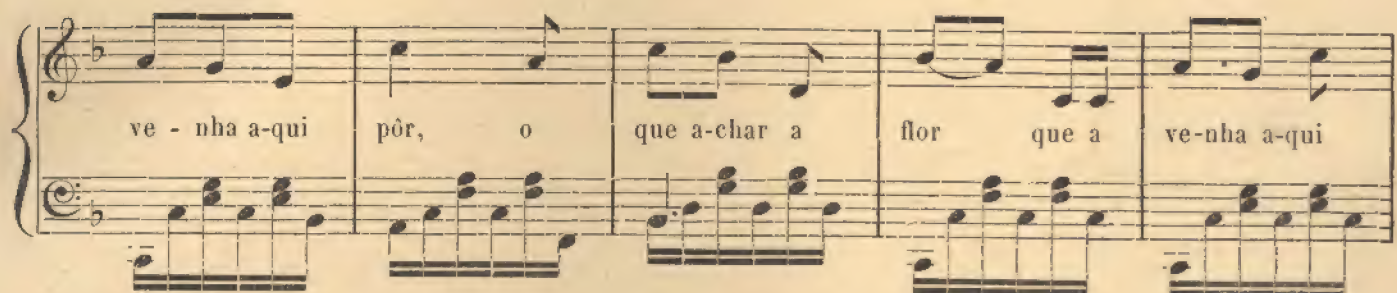
Digo-te a verdade,
Do meu coração;
Não sou teu esposo,
Mas sou teu irmão.

Digo-te a verdade,
Oh meu camarada;
A aposta que fiz
Já cá vae ganhada.

GRINALDA

CANÇÃO

um pouco mais
vou lh'o per-gun - tar... não hei de ir á a- be - lha que mais sa - bias
cresc.
piano
le - is, que mais sa - bias leis tem no seu gos - tar ir-lh'o
piano
dim.
f hei per - gun - tar, ir lh'o hei per - gun - tar. Mas
a bor-bo-le - ta é doi - da, é doi - da, coi- ta - da, não sa - be das
flô - res se - não vi - ço e co - res, e a po - bre da a- be - lha sem -

pre car-re- ga - da, não vê no ver - gel se - não o seu
mel. E eu n'es-ta flôr que-ro da ro - sa a bel- le - - - - za, do
li - rio a can- du - ra, do nar - do a do- çu - ra. Diz - me o co-ra -
ção que nem a na-tu - re - za fez tal for - mu - su - ra nem
1.º tempo
ar - te ou cul -tu - ra: Mas tam-bem me diz e eu creio, oh! que sim, que o

Andei pelo prado
Vagando, vagando,
Em busca da flôr
Que aqui hei de pôr.
Grinalda tão bella
Que se vae trançando
Com tanto primôr,
Que flôr lhe hei de pôr?

Vou-me á borboleta
Que n'esses vergeis
Anda a namorar:
Vou-lhe perguntar...
Não. Hei de ir á abelha
Que mais sabias leis
Tem no seu gostar;
Ir-lh'o-hei perguntar.

Mas a borboleta,
E' doida, coitada,
Não sabe das flôres
Senão viço e côres.
E a pobre da abelha
Sempre carregada,
Não vê no vergel
Senão o seu mel.

E eu n'esta flôr quero
Da rosa a belleza,
Do lirio a candura,
Do nardo a doçura
Diz-me o coração,
Que nem natureza
Fez tal formusura,
Arte ou cultura.

Mas tambem me diz,
E eu creio, oh! sim;
Que o jardim d'amor
Produz a tal flôr.
Mancebos, correi,
Correi lá por mim,
O que achar a flôr
Que a venha aqui pôr.

Ao solemnisar-se por todo o paiz, e ainda em paizes estrangeiros onde nos representam colonias portuguezas illustradas, o primeiro centenario do nascimento do notavel poeta portuguez João Baptista d'Almeida Garrett, um dos mais sabios investigadores da nossa poesia popular, corre-nos o dever de prestar homenagem á memoria d'aquelle vulto da nossa litteratura, e por isso transcrevemos hoje para aqui esta sua canção, cuja musica embora seja tambem de factura artistica, não deixa de ter a simplicidade popular caracteristica d'aquelle genero poetico e da delicadeza do verso.

Parece que o author da musica a escreveu sob influencia do poeta, pois foram ambos contemporaneos.

OH MINHA POMBINHA

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Guimarães.

Mil saudades te persigam
Que não lhes possas valer!
Quero que saibas, ingrato,
Quanto custa o bem-querer.

Oh minha pombinha branca,
Oh meu pombo rolador;
Viva quem anda rolando
Nos braços do seu amor.

Os pombinhos quando nascem,
Dão abraços e beijinhos.
Oh amor, façamos nós
Como fazem os pombinhos...

Oh minha pombinha branca,
Oh meu pombo rolador;
Em eu me indo d'esta terra
Quem ha de ser teu amor?

Olhos pretos vão á fonte,
Que irão elles lá fazer?
Vão gosar um bem que adoram
E agua fresca beber.

Oh minha pombinha branca,
Oh minha branca pombinha,
Salpicadinha d'amores,
D'amores salpicadinha.

Recolhida em Vimieiro.

DANÇA. — Durante os primeiros oito compassos dança de roda; e no estribilho os pares viram ora para a direita ora para a esquerda em *balancé*, levantando ora um ora outro braço.

OH TERRÁ-TÁ-TÁ

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Adelaide Guimarães.

DANÇA. — Grande roda ou passeio durante a cantiga. No estribilho: primeiro *balancé* para um e outro par, e depois cadeia entre cada quatro pares; se houver a mais um, dois ou tres, farão *molinet* ora para a direita, ora para a esquerda nos intervallos dos quadrados.

Recolhida no Alemtejo pelos Ex.mos Snrs. J. M. Soeiro de Brito e Victorino d'Almada.

RIGUIDON

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Libania dos Santos Castanheira.

Andantino

501

Oh a-mor pro-cu-ra a-gra-do,
não pro-co-res for-mo-su-ra, Ri-gui-don, ai, ai, Ri-gui-don, ai, ai, meu bem,
Que u-ma mu-lher sem a-gra-do
é pe-or que a noi-te es-cu-ra. Ri-gui-don, ai, ai, ri-gui-don, ai, ai, meu bem.

Recolhida em Elvas. Qualquer quadra desgarrada serve e o estribilho é sempre o mesmo.

A DOURADINHA

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Amelia de Castro Pereira.

Se a oliveira falara
Ella dissera o que viu;
Debaixo da sua rama
Dois amantes encobriu.
Que lhe importa a douradinha,
Que lhe importa o meu rapaz;
Ai, douradinha,
Minha douradinha,
Ai, douradinha,
Que faz traz, traz.

Canta, Maria, que és bella,
Cantigas ao teu derriço:
Eu tambem cantei ao meu,
Agora não estou para isso.

O amor não precisa lingua
Quando se quer declarar;
Basta o terno mover d'olhos,
N'um momento respirar.

O sol quando quer nascer,
Vinte e quatro raios bóta:
Comtigo são vinte e cinco,
Quando te assômas á porta.

Oh rosa, nunca consintas
Que o cravo te ponha a mão;
Porque a rosa enxovalhada
Já não tem acceitação.

Recolhida em Elvas.

Dança. — Passeio, ou roda durante a cantiga. No estribilho *balancé* os dois primeiros versos, meia volta com o proprio par no terceiro verso, e palmas batidas a compasso no final do quarto verso. A lettra tem variantes.

LARANJINHA

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Margarida da Silva Couto Guimarães.

Recolhida em Elvas. Pode-se cantar com qualquer lettra á vontade do cantador.

MINHA QUERIDINHA

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Clarisse Augusta Pacheco.

VIVER SEM TI

DANÇA

Os teus olhos são dois cravos,
As pestanas são as folhas,
E as sobrancelhas... são laços
Quando tu para mim olhas.

Os olhos do meu amor
São dois peros verdiaes,
Que dão saude aos doentes,
Ressuscitam os mortaes.

Olhos, testa, nariz, bocca,
Tudo lindo meu bem tem;
Quatro feições mais galantes
Juro que as não tem ninguem.

Recolhidas no Alemtejo pelos Ex.mos Snrs. J. M. Soeiro de Brito e Victorino d'Almada.

MOQUECA

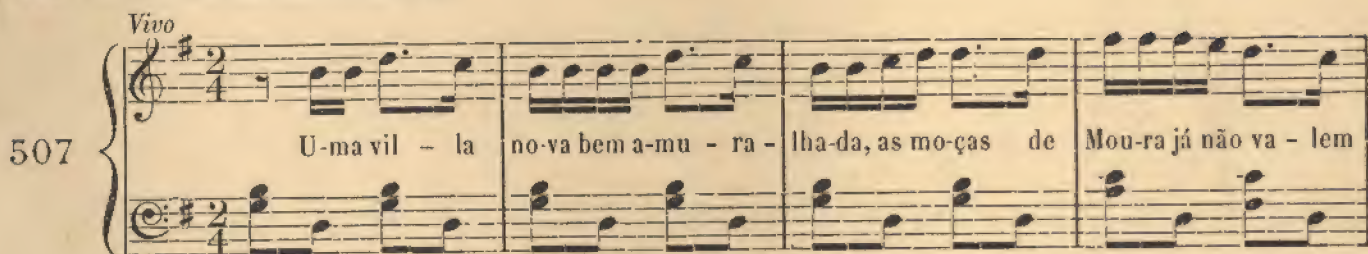
LUNDUM BRAZILEIRO

Á Ex.ma Snr.a D. Margarida da Silva Couto Junior.

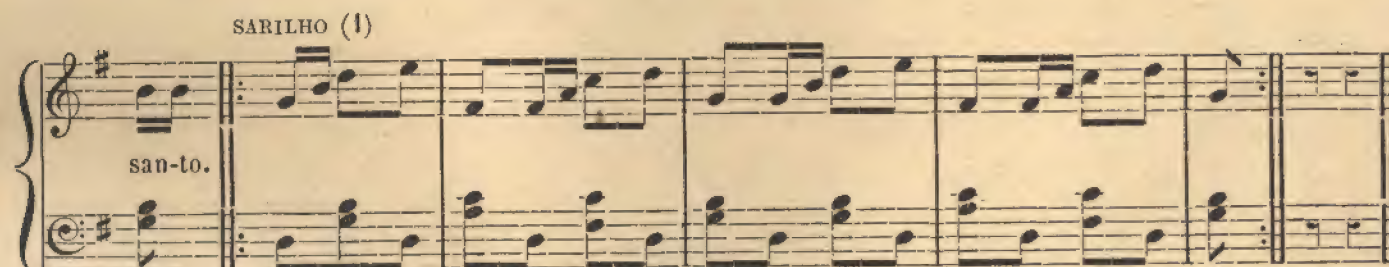
Minha moqueca está feita,
Meu bem;
Vamos nós todos jantar:
Bravos os dêngos
Da minha yáyá;
Moqueca de côco,
Môlho de fubá;
Tudo bem feitinho
Por mão de yáyá;
Tudo mexidinho
Por mão de sinhá!...
Qual será o ladrão
Que não gostará?!...
Qual será o demonio
Que não comerá?!...

Ella tem todos temperos,
Meu bem;
Só falta azeite dendê:
Bravos os dêngos,
Da minha yáyá;
Moqueca de côco,
Môlho de fubá, etc.

Ella tem todos temperos,
Meu bem;
O que falta é limão:
Bravos os dengos,
Da minha yáyá;
Moquêca de côco,
Môlho de fubá, etc.

Recolhida em Sergipe e Bahia. *Moqueca* (ou moquenca) é um prato culinario que se prepara de differentes fórmas; a mais usual é carne de vacca com vinagre, pimenta, alhos, etc., e farinha de mandioca *(fubá).*

SARILHO

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.[ma] Snr.[a] D. Lucinda dos Santos Silva.

Vozes do mandante

Bate uma,
Sôr Verruma,
Outra mais,
Sôr Cascaes,
Mais outra,
Adiante,
Atraz tudo,
Perfilou,
Gingou.
Alto frente,
Sôr Tenente,
Vira ao lado,
Sôr Soldado,
Aqui passou.

Uma velha
Com mij...
Tres moinhos
Fez andar,
E sobrou
Uma mij...
E fez andar
Um barco á vella.

Virou,
E vira ao centro,
Gingou,
Brincou.
Inda a velha
Não mij...
Já tres frades
Afogou.

Larga um,
Pega n'outro,
Gingou tudo,
Ferragudo,
Se não fosse eu
Morria tudo.
Estou comtigo,
Da janella
P'r'ó postigo;
Estou com ella
Do postigo
P'r'a janella.

Faz frente,
Batalhão,
'Stá chovendo,
Caldeirão.

Vá de roda,
Pela esquerda,
Outra vez
Pela direita,
Aldrabas,
Fechaduras,
E outras
Coisinhas mais,
Que os burros deixam
Os atafaes.
Vira e revira,
Casimira,
E dobra ainda,
Cara linda,
Uma duas,
Chegadinho,
Unidinho,
Passo curto,
Miudinho.
Meus senhores,
Carrapatos
São doutores.
Vá de leve,
Pateado,
Canta, Manel,
Canta, diabo.
. . . .
. . . .

Recolhida em Faro, no Algarve, pelos Ex.[mos] Snrs. J. M. Soeiro de Brito e Victorino d'Almada.

DANÇA. — Os pares de braço dado, dançam em roda durante a cantiga. Finda esta esperam a voz do mandante que indica as evoluções da dança, entremeando-as de narrativas, de anecdoctas e phrases jocosas ou satyricas rythmadas, de fórma que nunca está callado.

(1) Estes quatro compassos repetem-se emquanto o mandante não parar.

FADO CORRIDO

A Madame Blanche de Mirebourg.

Os teus braços são cadeias,
Mais duras que o proprio aço:
Já me tens presa, captiva,
Só te falta dar o laço.

Todas as aves de penna,
Descem a beber ao rio;
Tambem todas as amisades
Por tempo tem seu desvio.

Já não ha quem queira dar
A filha a um lavrador;
Estão à espera que lhe venha
De Coimbra um doutor.

Meu triste coração anda
Em leilão pela cidade,
Sem haver quem lance n'elle
Cinco reis de lealdade.

Na segunda-feira te amo,
Na terça te quero bem,
Na quarta por ti espero,
Na quinta por mais ninguem.

Na sexta dou um suspiro,
No sabbado digo por quem,
No domingo vou a missa
Para ver quem me quer bem.

Por causa de grandes crimes
Mettem gente no segredo;
Teus olhos ferem e matam,
Ninguem os manda ao degredo.

Não sei qual pena é maior,
Qual é mais de lastimar;
Se ver um homem morrer,
Se ver um homem chorar!

Os teus olhos são a cova
Do meu pobre coração:
Que ventura que na morte
Os teus olhos me darão!

Este fado era já popularissimo em 1870, epocha em que o recolhemos.

MARCIA BELLA

MODINHA

Á Ex.ma Snr.a D. Rosa da Silva Couto.

Vae-te embora, cruel sorte,
Vae com as feras viver:
Oh Marcia bella,
Tem dó, tem dó,
Foge á tua mãe
Vem para mim só.
Que as mesmas feras raivosas
Horror de ti hão de ter.
Gentil borboleta
Que andas girando,
Com novas ideias
Me estás enganando.

Meu amor se te prenderem
Dá-te logo á prisão:
Não haja navio,
Não haja galera,
Que embarque o meu bem
P'ra fóra da terra.
Que as chaves do Limoeiro
Estão todas na minha mão.
Oh mar, se queres,
Tem dó de mim,
Não diga o mundo
Que eu morro assim. (1)

Esta canção é do principio d'este seculo e parece ser dedicada a uma formosa fidalga portugueza. O marquez de Rezende diz-nos a este respeito o seguinte: «... o surdissimo conde de Soure... casado com a excellente filha do marquez de Marialva, D. Maria José dos Santos e Menezes, cuja engraçada formosura foi com o nome de *Marcia bella* celebrada nas primeiras *modinhas finas* portuguezas, que por esse tempo compoz e depois publicou sob o pseudonymo de Lereno o douto Caldas Barbosa.»

Esta canção chegou a ser prohibida na epocha das luctas constitucionaes, pelas allusões politicas que lhe applicavam, e que talvez a presente lettra seja uma d'ellas.

(1) Tambem a ouvimos terminar: *oh mar se queres, pois sim, pois sim.*

RITA MARITANA

DANÇA

À Ex.ma Snr.a D. Guiomar Abrantes.

Recolhida no Alemtejo pelos Ex.mos Snrs. J. M. Soeiro de Brito e Victorino d'Almada.

(1) No estribilho o ultimo verso tem variantes; exemplo: *Quem se ausenta logo vem*; ou *Quem se ausenta já não vem.*

OH TUM TUM

TOADA

Á Ex.ma Snr.a D. Camilla Monteiro Magalhães.

Recolhida em Faro, no Algarve. Esta toada ribeirinha é antiquissima; e a dançam os marinheiros em fórma de lundum, addiccionando-lhe lettra ou improvisos diversos.

OS PRATOS NA CANTAREIRA

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria da Graça Pinto.

Recolhida na Figueira da Foz.

MACHADINHA

CHOREOGRAPHICA

Eu queria-te amar,
Tua mãe não quer:
Qu'inda não sou homem,
Tu não és mulher.

Corta a machadinha
Deixal-a cortar;
Casou-se o meu bem,
Deixal-o casar.

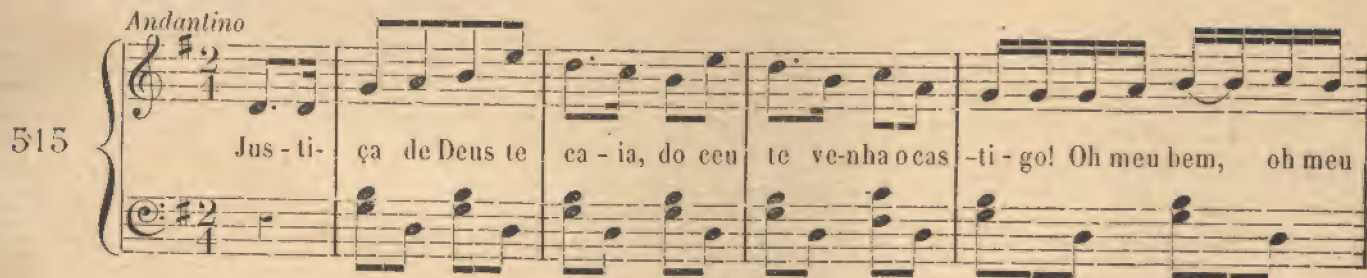
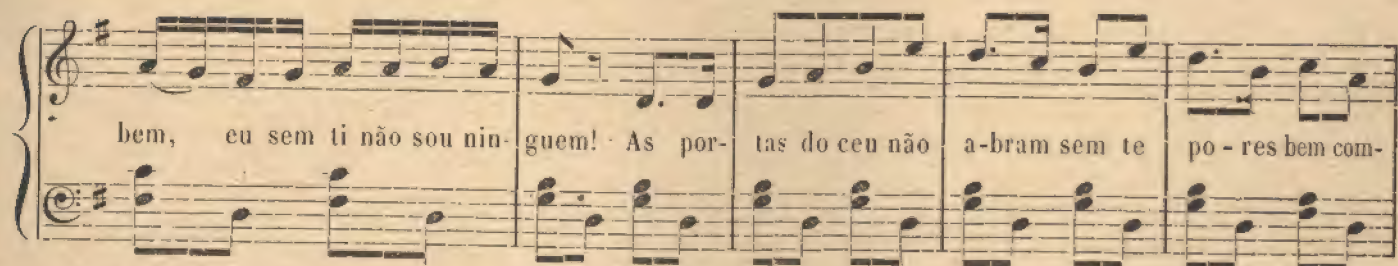
Deixal-o casar,
Vae de roda em roda,
Vae de braço dado
Que agora é moda.

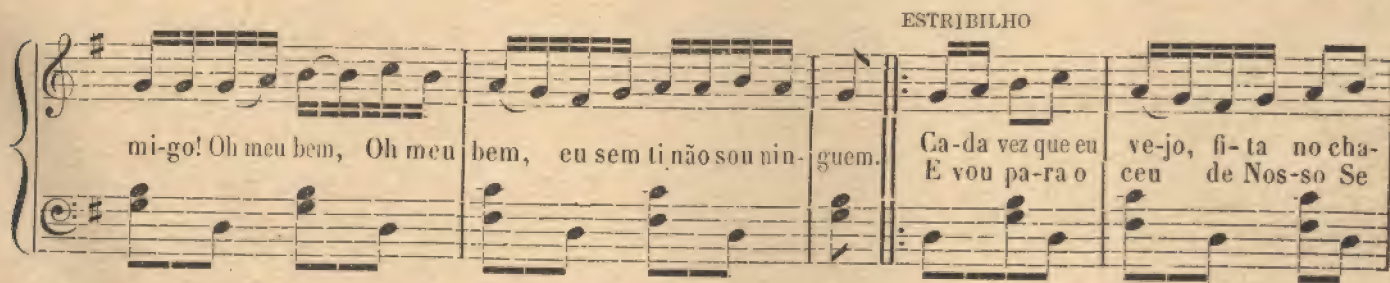
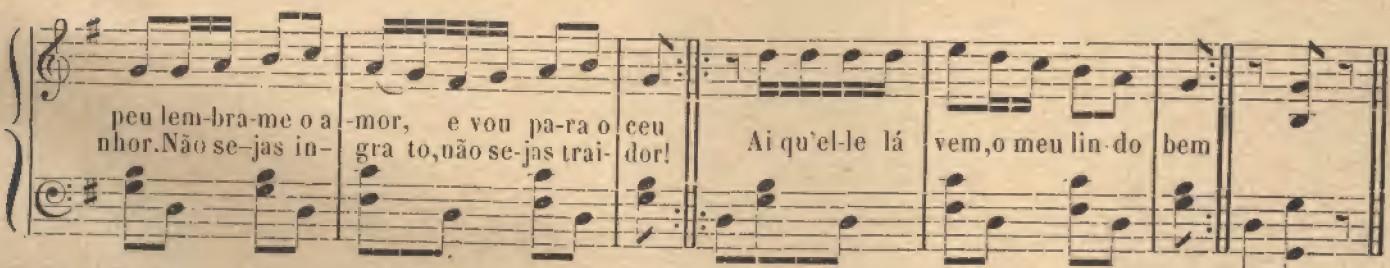
Vae de ramo em ramo,
Vae de flor em flor,
Vae de braço dado
Mais o meu amor.

Dança. — Roda ou passeio durante a cantiga. No estribilho (requebro): *balancé*, quatro compassos; cadeia, oito compassos; dão o braço, quatro compassos rodando sobre si; trocam os pares, quatro compassos; tornam aos seus pares, rodando sempre, quatro compassos. Toca-se a musica quatro vezes, voltando ao principio com outra qualquer quadra.

SÓ OUÇO BRADAR

DANÇA

Recolhida em Beja.

AI QUE ELLE LÁ VEM

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Amalia de Souza Pinto.

Justiça de Deus te caia,
Do ceu te venha o castigo!
Oh meu bem, oh meu bem,
Eu sem ti não sou ninguem!
As portas do ceu não abram
Sem te pôres bem commigo!
Oh meu bem, oh meu bem,
Eu sem ti não sou ninguem!

Cada vez que eu vejo,
Fita no chapeu;
Lembra-me o amor,
E vou para o ceu,

E vou para o ceu
De Nosso Senhor,
Não sejas ingrato,
Não sejas traidor!

Ai que elle la vem,
O meu lindo bem! *bis*

Tenho feito um juramento,
Espero de o não quebrar:
Conservar-me solteirinha,
Emquanto me não casar.

C'um canivete doirado,
Cortei o pé á açucêna;
Amei-te com tanto gôsto,
Deixei-te com tanta pena!

A agua do nosso rio,
Quem na bebe fica ausente;
Bebeu-a o meu amor,
Ausentou-se para sempre.

Eu fui á figueira aos figos
Andei de ramo em ramo;
Fui ao ceu tomar amores,
Que os da terra são engano.

Recolhida na provincia da Beira. DANÇA. — As damas no centro e os cavalheiros por fóra formam duas rodas que giram em sentido oposto. No estribilho as damas viram-se para os cavalheiros com quem fazem *balancé, e tour de main, demi-rond* á direita e á esquerda; ao dizerem *ai que elle lá vem*, voltam-se para o centro e fazem *tour de main* as damas umas com as outras.

MANUELITO

CHOREOGRAPHICA

No *teu sim* e no *teu não*,
Está pendente a minha sorte:
O *teu sim* me alonga a vida,
O *teu não* me apressa a morte.

Manuelito que triste estás!
Ganhas tudo e não ganhas nada
Ai chupa, olaré que chupa,
Chupa, chupa, não chupas nada

Meu amor que me deixaste,
Diz-me as razões porquê,
Deixaste-me por ser pobre,
Que riquezas tem você?

O pintasilgo tem pennas,
Cada penna a sua côr:
As penas que a gente apanha,
São sempre penas d'amor.

Boas noites, meu amor,
Já que as tardes foram tristes:
Diz-me como tens passado,
Os dias que me não vistes.

Uma auzencia muito custa,
E' amor p'ra que me entendas:
Foste p'ra mim tão injusta,
Queira Deus não te arrependas.

Recolhida em Villa Viçosa pelo Ex.mo Snr. J. Nunes Sereno.

DANÇA.—Os cavalheiros em roda exterior, girando, dizem a cantiga e as damas voltadas para elles, no centro, de mãos dadas, acompanham o movimento dos cavalheiros. As damas dizem o estribilho, voltadas para elles batendo palmas a compasso.

PAE JOÃO

CANTIGA

Á Ex.ma Snr.a D. Julia Candida Peixoto.

Quando iô tava na minha tera
Iô chamava capitão,
Chega na tera dim baranco,
Puxa enxada—Pai João.

Quando iô tava na minha tera
Comia muita garinha,
Chega na tera dim baranco,
Cáne sêca co farinha.

Quando iô tava na minha tera
Iô chamava generá,
Chega na tera dim baranco,
Pega cêto vai ganhá.

Dizafôro dim baranco
Nô si póri aturá,
Tá comendo, tá... drumindo,
Manda negro trabaiá.

Baranco—dize quando môre
Jezuchrisso que levou,
E o pretinho quando móre
Foi cachaxa que matou.

Quando baranco vai na venda
Logo dizi tá 'squentáro,
Nosso preto vai na venda,
Acha copo, tá viráro.

Baranco dizi—preto fruta,
Preto fruta co rezão,
Sinhô baranco tambem fruta
Quando panha casião.

Nosso preto fruta garinha,
Fruta sacco de fuijão,
Sinhô baranco quando fruta
Fruta prata e patacão.

Nosso preto quando fruta
Vai pará na correcção,
Sinhô baranco quando fruta
Logo sai sinhô barão.

Esta cantiga era dos pretos, no Brazil, no tempo da escravatura. Foi recolhida em 1870. E' muito conhecida em Portugal.

MARIANNITA

CANTIGA

Á Ex.ma Snr.a D. Eliza Augusta de Sá e Souza.

518

Mariannita foi á fonte,
A cantarinha quebrou:
Ah, ah, ai, oh meu lindo amor
Ah, ah, ai, delicada flor.
Mariannita não tem culpa,
Culpa tem quem a mandou.
Ah, ah, ai, oh meu lindo amor
Ah, ah, ai, delicada flor.

Mariannita foi á fonte,
Lá fóra, aos Olivaes,
Ah, ah, ai, etc.
Ah, ah, ai, etc.
A outra ficou em casa,
Dando suspiros e ais.
Ah, ah, ai, etc.
Ah, ah, ai, etc.

Os olhos da Mariannita,
São bonitos, na verdade:
Ah, ah, ai, etc.
Ah, ah, ai, etc.
Não são grandes nem pequenos
São muito á minha vontade.
Ah, ah, ai, etc.
Ah, ah, ai, etc.

Recolhtda em Villa Viçosa pelo Ex.mo Snr. Nunes Sereno. Esta musica tambem é aplicada para dança de roda.

CANÇÃO DAS MORENAS

FADO

Á Ex.ma Snr.a D. Carolina Rosa Passos.

Se um dia, morena, désses
Ao sol um olhar sereno,
Ninguem sabe qual dos dois
Ficaria mais moreno.

Quem o amor d'uma morena
Passa a vida sem provar,
Vae-se embora d'este mundo
Sem saber o que é amar.

Ninguem ha que não conheça
Das morenas a virtude;
Aos saudaveis adoecem;
Aos doentes dão saude.

Teem as morenas nos olhos
Um certo fogo homicida,
Que, por cada olhar que dão,
Um anno tiram de vida.

Quem mulher morena quer
Tem de passar por cuidados;
Não se apanha uma morena
Com os braços encruzados.

Bemdito seja o sacrario,
E bemdito o altar e a cruz!
Bemditas sejam as mães
Que dão morenas á luz!

Este fado foi recolhido em Avanca pelo Ex.mo Snr. Dr. M. M. de Castro Corte Real.

ATRAZ DAS PULGAS

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Leonor de Souza Guerreiro.

520

Algum dia eu era
Vaso de flores,
Agora estou cheia
De penas e dôres.

Eu atraz das pulgas,
Ellas aos saltinhos;
Ai, que já não posso
Com tantos pulinhos.
Com tantos pulinhos,
Com tanto lidar.
Eu atraz das pulgas,
Ellas a saltar.
Ellas a saltar,
Ellas aos saltinhos;
Ai, que já não posso
Com tantos pulinhos.

Algum dia eu era
Vaso d'alegria,
Agora estou cheia
De melancholia.

Eu atraz das pulgas,
Ellas aos saltinhos,
Não te posso amar
Sem te dar beijinhos.
Sem te dar beijinhos,
Não te posso amar.
Eu atraz das pulgas,
Ellas a saltar.
Ellas a saltar,
Ellas aos saltinhos;
Não te posso amar
Sem te dar beijinhos.

Dança. — Os pares correm uns atraz dos outros alternadamente durante os primeiros dois versos, e, no terceiro e quarto, baila-se, e assim successivamente. Esta dança é geral em todo o paiz com algumas variantes.

Recolhida em Moura pelos Ex.mos Snrs. Soeiro de Brito e V. Almada. Ao entrar no prelo o presente fasciculo, chega-nos a triste noticia do fallecimento do nosso amigo e illustrado major Victorino d'Almada, a quem devemos uma numerosa collecção de canções alemtejanas de colaboração com o Ex.mo Snr. Soeiro de Brito intimo amigo do finado. Paz á sua alma.

PULGAS

DANÇA PULADA

Á Ex.ma Snr.a D. Rachel Helena Monteiro.

Vivo encommodado,
Sem poder dormir,
A pegar a pulga
E a pulga a fugir!
E a pulga miudinha,
Dos dentes de marfim,
Na cintura da moça,
Quem me déra ser assim!

Pulga eu te juro,
Te dou testemunha,
Te boto no fogo,
Mesmo com a unha.
Pulga eu te juro,
Protesto vingar-me,
Que tu no meu corpo,
Não has de inflamar-me.

Pulga eu te juro,
Te lançar na mão,
Antes que tu pules
Da cama no chão.
Quatro, cinco noites,
Accendo o lampeão,
P'ra matar a pulga
Dentro do salão.

Esta lettra é brazileira, popularissima no Sérgipe.

OH COMADRE

CANTIGA

Recolhidas no Alemtejo.

ROSA BRANCA

CANTIGA

Á Ex.ma Snr.a D. Francelina Basto.

Ao meu amor, coitadinho,
Já lhe dei o desengano:
Que me não chegasse á porta
Senão uma vez no anno.

Rosa branca vem commigo,
Deixa ficar a roseira,
Que esta noite chove agua,
Rosa molhada não cheira.

Rosa molhada não cheira,
Vae dizel-o ao meu pae,
Que o meu pae é teu amigo,
Logo diz: Oh Rosa vae.

Esta musica é aplicada para dança de roda, e n'este caso canta-se primeiro uma desgarrada e depois o estribilho que vae na musica.

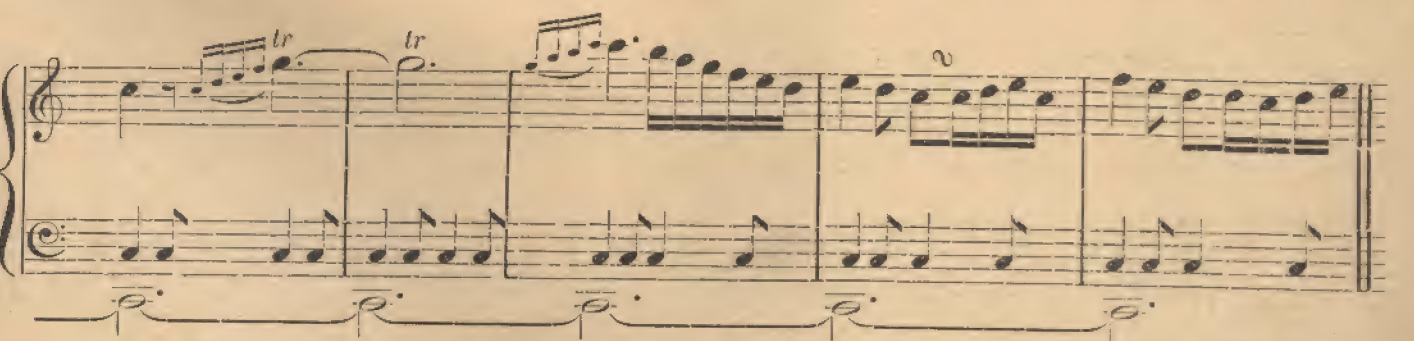
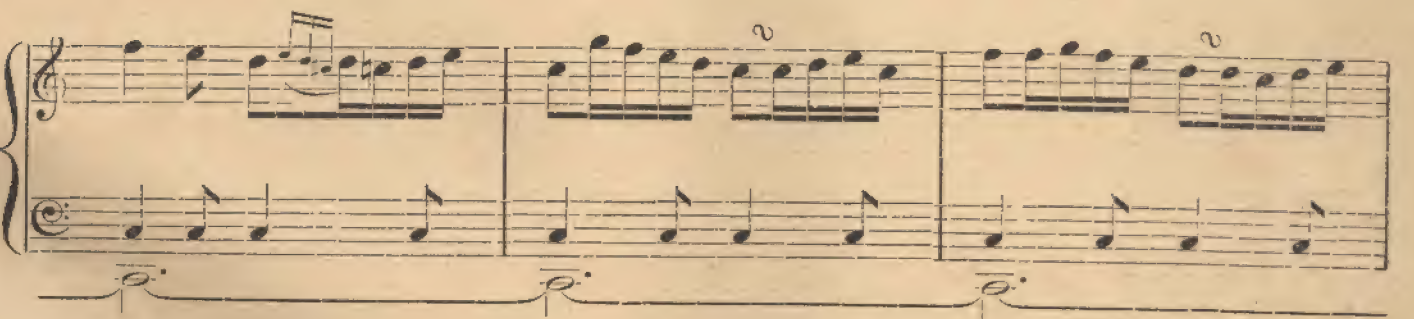
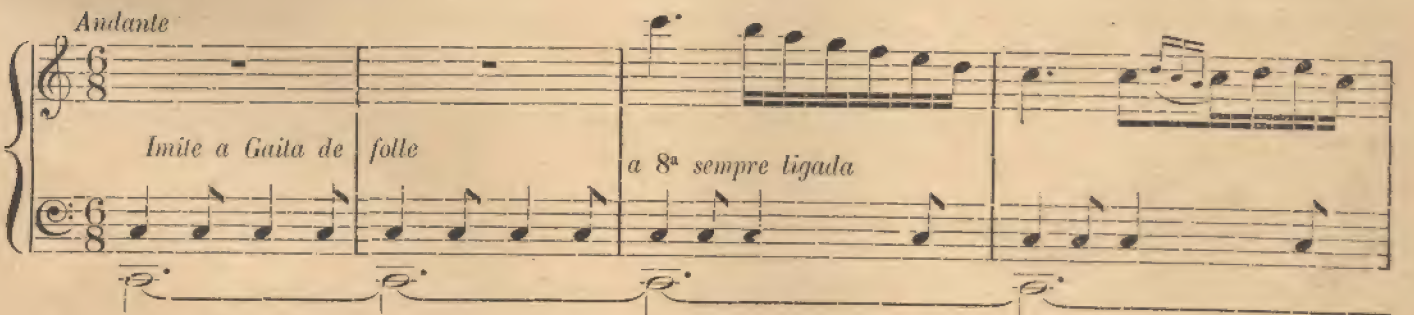
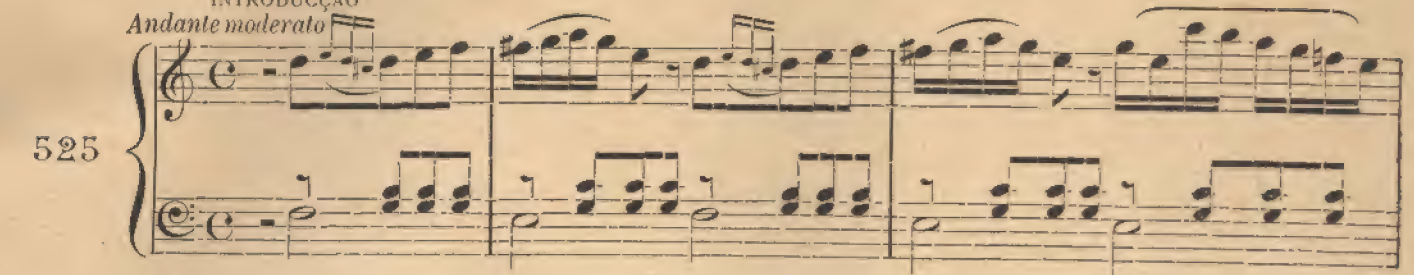
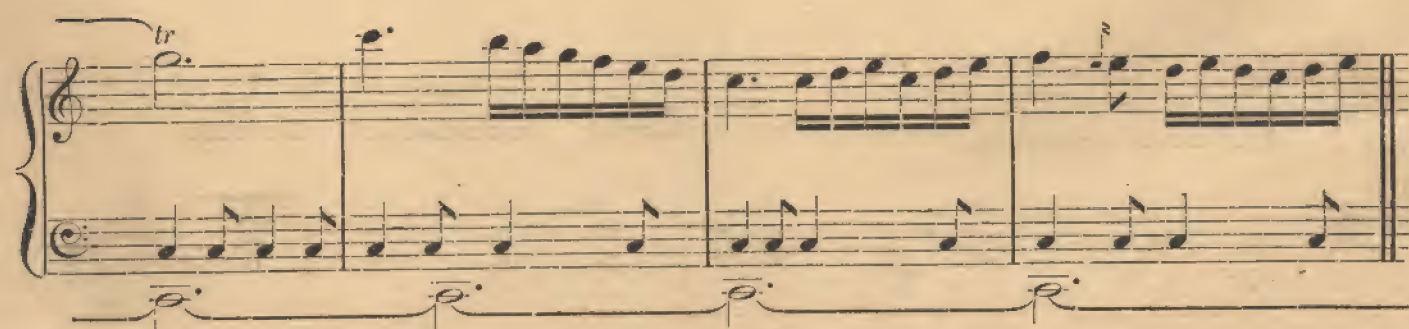
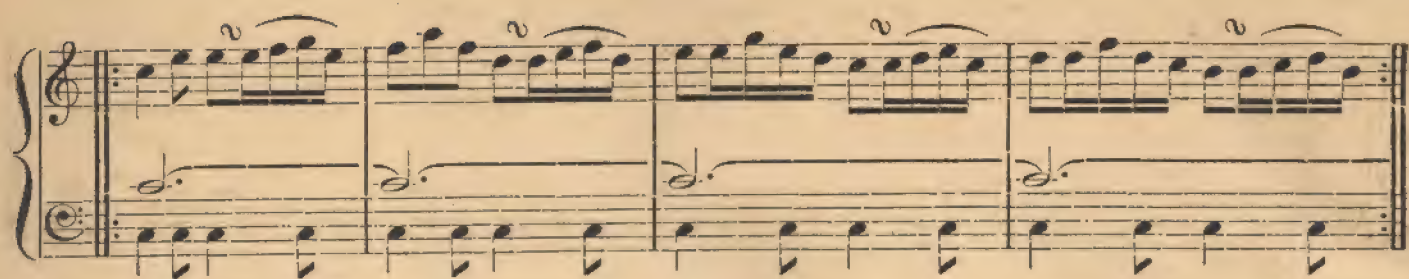
OLHA A NOIVA

DANÇA DE RODA

Recolhidas no Alemtejo.

A MIRANDEZA

CHULA

Á Ex.ma Snr.a D. Amelia de Carvalho.

tr
tr
tr

A car - ta que me man - das - te a - bri - a com pou - co
harmonico p
gei- to, tra - zia o teu co - ra - ção, ca - hiu - me den-tro do peito.
f

Esta chula pastoril, propria da Gaita de folle, é tambem acompanhada por clarinetes, requinta, flauta, tibia, rebeca, tambor e castanholas; muitas vezes substitue-se este instrumental por um *Harmonico*.

AVE-MARIA

CANTICO RELIGIOSO

Á Ex.ma Snr.a D. Gracinda Basto.

Recolhido este côro popular pelo Ex.mo Snr. Dr. M. M. C. Côrte Real, em 1892, no Pinheiro da Bemposta (Oliveira d'Azemeis) e em 1896 na egreja de Mouriz (Paredes).

MATAR A ZORRA

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Dionizia da Silva Porto.

Andantino

527

AS FREIRAS DE SANTA CLARA

CANTIGA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Alexandrina de Lemos.

As freiras de Santa Clara,
Quando vão rezar ao côro,
Dizem umas para as outras:
Quem dera ter um namoro.
Cebolorio, cebolorio!
Bacalhau cosido,
Bacalhau assado,
Muito bem batido
Com seu dente d'alho.
Resina p'ra curar callos,
Ora pro nobis.

As freiras de Santa Clara,
Quando vão rezar matinas,
Dizem umas para as outras:
Quem nos dera amar, meninas.
Cebolorio, etc.

As freiras de Santa Clara,
Quando vão ouvir a missa,
Dizem umas para as outras:
P'ra rezar tenho perguiça.
Cebolorio, etc.

As freiras de Santa Clara,
Andam n'uma roda viva,
Ora no côro de baixo,
Ora no côro de riba.
Cebolorio, etc.

As freiras de Santa Clara,
Todas têm o seu cãosinho;
Ai que grande estimação
Ellas dão ao seu bichinho.
Cebolorio, etc.

Esta cantiga deve ser coeva dos conventos; porém ainda está muito conservada na memoria popular e d'ella ha algumas variantes, com lettra demasiado livre.

FADO POSTHUMO DO HYLARIO

Á Ex.ma Snr.a D. Emilia Rozinda Proença.

529

Oh luar, se tu pudesses,
Ao partir na extrema-uncção,
Levar-me todas as maguas
Que eu tenho no coração!...

Sonham, tremendo, as olaias...
Lindas noites de luar!
E as almas das raparigas
Choram, riem, a sonhar...

Choram, riem... quantas ancias,
Quantos amores em fumo;
Quantas estrellas perdidas,
Quantas chimeras sem rumo!

Oh lua, tu que és um balsamo,
Tu, que as penas arrefeces,
Se me levasses n'um raio,
Oh lua, se tu podesses!

Branda cassa,—da saudade
O mais doce coadoiro,—
Extranho globo de sonho,
Mixto da prata e do oiro.

Vê se me levas comtigo,
No teu meigo, aereo manto!
Sinto a alma tão cançada,
E as penas pezam-me tanto!

Sinto a alma tão cançada!
Não sei que vozes me dizem
Que talvez, lá nos teus mundos,
As minhas penas suavisem.

Sonham, tremendo, as olaias...
Lindas noites de luar!
E as almas das raparigas
Choram, riem, a sonhar...

Lua, lua, que mysterio,
Que immensa consolação,
Não dá teu saudoso manto,
A's maguas do coração!

Essas malhas feiticeiras,
Que os teus dedos, lua, tecem,
Quantas penas não embalam,
Quantas maguas adormecem!

Lua dos tristes, fada errante,
Que extranho filtro derramas
Que saudades tu me acordas,
Com que amor que tu me chamas!

Passa um fremito nas veigas,
Passa um fremito nos montes,
Soluçam rolas, voando,
Por sobre invisiveis pontes...

Sonham, tremendo, as olaias...
Lindas noites de luar!
E as almas das raparigas
Choram, riem, a sonhar...

Abre, em sonhos, a minh'alma,
Toda em extasi perdida;
Desentranham-se mysterios,
A's horas mortas da vida.

Oh lua, tu que és um balsamo,
Tu, que as penas arrefeces,
Se me levasses n'um raio,
Oh lua, se tu podesses!

Este fado foi recolhido em Sinfães pelo Ex.mo Snr. Dr. M. M. Castro Côrte Real, que nol-o enviou com a seguinte nota: «*Fado do Hylario* (ultimo). O fado que vem no Cancioneiro com a designação de ultimo é anterior a este. Este é que é geralmente conhecido pelo ultimo; sempre assim o ouvi designar aos estudantes coevos do grande bohemio.» *A* lettra é do Ex.mo Snr. Luiz Osorio. A primeira estrophe que que vae na musica canta-se tambem no fim.

AOS BRINDES

CORO ORPHEONICO

Á Ex.ma Snr.a D. Francisca Ferreira Silves.

Foi costume antigo e ainda hoje se usa em algumas reuniões d'amigos, depois de jantares festivos, improvisarem-se coros alegres, de que a presente musica é um especimen vulgar.

MULATINHA DO CAROÇO

LUNDUM

Andante

531

f

p

Eu gos-to da côr mo - re-na, sem-pre a-me - na,
que mi-mo-sa me ar-re- ba - - ta;
es - - sa côr é tão fa - cei-ra, fei - ti-cei - ra,
mu - - la - ti-nha que me ma - ta.

Este lundum, popularissimo em Portugal, é brazileiro e a musica é arranjo de J. J. Arvellos. Varios poetas brazileiros escreveram outras poesias para esta musica, das quaes damos duas a *Clara* e a *Mulatinha*.

MULATINHA DO CAROÇO

Eu gosto da côr morena,
Sempre amena,
Que mimosa me arrebata;
Essa cor é tão faceira,
Feiticeira,
Mulatinha que me mata!

Eu gosto dos olhos d'ella,
Ai! quando ella
Para mim os quer volver;
Esses olhos luminosos,
Tão formosos,
Dizem—sim—até morrer!

Não gosto da côr do lyrio,
Que delirio
Me causa já de repente;
Nem tambem da côr noturna,
Que da furna
O lethargo traz patente.

Amo a côr que se colloca
Na pipoca,
Na parte que não rebenta;
Essa côr assim querida,
Conhecida
Nos bolinhos da mãe Benta.

Mulatinha do caroço
No pescoço,
Eis aqui o teu cambão;
Mette, mette a aguilhoada,
Minha amada,
No teu dengue cachorrão.

Fura, fura, minha bella,
Na costella
Do teu grato camapheu;
Dar-te-hei o que quizeres,
Se o fizeres...
Meu amor do teu nasceu.

E assim, por essa côr
Do meu amor,
Me derreto, me espatifo;
Tenho febres, tenho frios,
Calefrios,
Tenho gosma, tenho typho!

Dar-te-hei o que quizeres,
Se fizeres
O que trago em minha mente,
Nos meus braços, meus cuidados...
Oh! peccados!...
Vai-te embora que vem gente!

A CLARA

Todos fallam com paixão,
E tem razão,
Da morena e linda côr;
Mas tambem a côr que é clara
Não é rara,
Tem encantos, tem amor.

A que é clara e bem rosada,
Idolatrada,
Tem denguices... tem carinhos;
Seus encantos sempre exaltam,
Arrebatam
Seus feitiços mimosinhos.

Eu por ella dou a vida
Tão qnerida,
Meu amor, meu coração;
A que é clara e tão mimosa,
Melindrosa,
Faz-me perder a razão!

Linda côr de casta alvura,
Que tão pura,
Tem dos anjos semelhança;
Se as faces lhe cobre o pejo,
Que desejo
Alimenta minha esp'rança!

A que é clara e bonitinha,
Jovenzinha,
Tem de archanjo a perfeição;
A morena não é tanto
No encanto,
Cá na minha opinião.

Mas se acaso eu me enganei
Ou errei
No que digo com razão,
Moças claras e morenas,
Sempre amenas...
A vós eu peço perdão.

A MULATINHA

A mulatinha é garbosa
E dengosa
Nos requebros que ella tem,
No andar é tão ligeira
E faceira,
Oh! quanto lhe assenta bem!

A sua côr é tão bella,
Tão singela,
E por isso mais amada;
Não fallecia a natureza.
P'ra belleza
Basta sua côr presada.

Em seus olhos a ternura
Tem doçura
Que só descrevem amor,
Tem o alvor da innocencia
Que a decencia
No volver deu-lhe pudor.

Sua falla tem encantos
Que a tantos
Não póde a branca egualar;
Ella sabe ser constante
Ao amante
Sem o saber enganar.

Seus pesinhos delicados
Bem formados,
Dão pulinhos no pisar,
Vai calcando os corações,
(Tentações)
Quem póde vêr sem a amar?

A mulatinha é garbosa
E dengosa,
Tem affectos para mim!
Este dote de candura
E ventura
Foi Deus quem o deu assim...

O MARINHEIRO

FADO

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Joanna de Sá.

O MARINHEIRO

Para adormecer no rio
Junto aos pés d'uma cidade
Não foi feito o meu navio
Que zomba da tempestade.
Leva as ancoras! desferra!
Larga! larga! deixa a terra!
Iça longos sem parar!
Fóra sôbros e cutellos!
Uma talha aos andrebellos!
A ancora toda a beijar!

Larga essas vellas de prôa,
Gavia grande e todo o panno:
Meu navio é uma corôa
Na fronte do Oceano!
Eu sou rei, e aqui domino;
A estrella do meu destino
Só no mar brilha feliz.
Quando sopra o vento forte,
Seguindo sempre o meu norte.
Que m'importa o meu paiz?!

Onde nasci não o digo,
Porque não o sei ao certo;
Quando busquei um amigo
Achei o mundo deserto.
Só tive contentamento
Quando ouvi a voz do vento
Nas gavias a sibilar:
Quando, sem medo do p'rigo,
Tendo as nuvens por abrigo,
Achei consôlo em chorar.

E chorei, ouvindo as pragas
De meus rudes companheiros:
Mas tomei amor ás vagas
Na furia dos aguaceiros.
Se á rouca voz da tormenta
Vinha a onda turbulenta
Quebrar dentro do convez,
Eu pasmava, contemplava,
E a vista me fascinava
O abysmo que tinha aos pés.

Cada vez que o mar bramia,
Solto o cabello na fronte,
Os meus braços estendia
P'ra a curva do horisonte!
Sempre de pé na coberta,
Vendo a aboboda deserta,
Adivinhava o tufão!
D'olhos no tope dos mastros
Aprendi a ler nos astros
A vinda do furacão.

Assim fui homem primeiro
Que d'homem tivera a idade:
A escola do marinheiro
Tem por mestre a tempestade.
Oh do leme, encontro! arriba!
Folga a bujarrona e giba!
Olha as bolinas de ré?
Caça gavias e traquete,
Ala o velacho e o joanete,
Vá de largo, bate o pé!

Temos vento les-nordeste!
Já vae o cabo dobrado!
Faz proa de sudoeste!
Aguenta o leme... cuidado!..
Passa a talha na retranca!
Olha a escôta... volta franca!
Arria mais devagar!...
Volta! volta! sete e meia...
O vento não escasseia...
Corre assim que é bom andar.

Meu paiz são estes mares;
Meus campos estes banzeiros;
Este navio os meus lares;
Minha familia os pampeiros.
Diz-me a voz do cataclysmo,
Que dormirei n'este abysmo
Nos echos do temporal,
Envolvido n'estas velas
Como o anjo das procellas,
Ou como o genio do mal.

Se os outros não acham furo
A' vida que em terra tem:
No temporal o mais duro,
Dentro de ti estou bem.
Sopra o vento, ronca a morte,
Nada temo á minha sorte
Nem te vou desamparar!
Embora cresça o perigo,
Não importa! Irás commigo
Dormir no fundo do mar.

TROVAS E DANÇAS

N.º 1

Á Ex.ma Snr.a D. Valentina dos Santos Silva.

Estas *Trovas e danças* foram recolhidas em S. Pedro do Sul por occasião da estada de S. M. a Rainha D. Amelia n'aquella localidade, em 1896.

TROVAS E DANÇAS

N.º 2

Á Ex.ma Snr.a D. Aurora de Souza Pereira.

CAÇADOR ATIRA

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Olga de Freitas.

MOLEIRINHO

DANÇA DE RODA

Altos pinheiros ramudos
Que dão pinhas e pinhões;
Deante da tua vista
Faço render corações.

Agora é que eu vou entrando
Na rua da formosura:
Aqui não ha que escolher,
Cada qual namora a sua.

A' luz d'aquella candeia
Se arranjou meu *casamolho,*
Oh candeia não te apagues,
Que o noivo é torto d'um olho.

Recolhidas no Alemtejo.

A MORTE DE D. PEDRO V

ELEGIA

Á Ex.ma Snr.a D. Branca de Miranda.

A lettra d'esta canção, que tinha muitas estrophes, não a podemos ainda recolher toda; n'ella se narravam as virtudes do monarcha e os successos mais importantes do seu reinado. Nunca a perda de outro rei feriu tão dolorosamente o coração do povo como a de D. Pedro V. Entre as manifestações de sentimento que expluiam expontaneas, desde as cidades mais populosas até ás aldeias mais sertanejas, appareceu esta canção que os cegos ambulantes cantavam por todo o paiz, desde os centros populosos das cidades até ás quebradas das serras, sempre rodeados d'um auditorio lacrimoso.

SALVE RAINHA

CANTICO

Á Ex.ma Snr.a D. Celestina de Sá Coimbra.

Recolhido na ilha de S. Jorge pelo Rev.mo Snr. P.e Cunha. O canto está na parte do basso. Diz-nos o illustre sacerdote que este cantico é uma reminiscencia do Responso de Santo Antonio escripto em cantochão figurado.

TROVAS E DANÇAS

N.º 3

À Ex.ma Snr.a D. Olinda de Souza Avelar.

TROVAS E DANÇAS

N.º 4

Á Ex.ma Snr.a D. Guilhermina Pinheiro.

Põe-te, sol, põe-te, sol,
Deixa vir a noite feia,
Descanço p'ra quem trabalha
Regalo p'ra quem passeia.

Hei de amar-te de noite,
Já que de dia não posso,
De dia sirvo a meu amo,
A' noite um criado vosso.

Meu amor, vem-me a vêr,
Não tenhas medo á montanha,
Tantas vezes virás só,
Até que leves companha.

Aperta-me a minha mão,
Até que diga—deixa já;
Quem mais aperta mais quer,
Quem mais quer mais firme está.

Aperta-me a minha mão,
Que é um signal encoberto,
Antes que o mundo murmure,
Ninguem o sabe de certo.

Adeus, que me vou embora,
P'r'a terra das andorinhas,
Mette cartas no correio
Se quer's saber novas minhas.

Adeus, que me vou embora,
Faço uma declaração,
Um joven de capa e gorro
Foi a minha perdição.

As saudades são seccuras,
Eu seccuras não as tenho,
Se é por mim que tu procuras,
Eu por ti é que aqui venho.

Eu prendi o sol á lua,
E a lua ao astro real,
Prendo a minh'alma á tua
Com cadeias de cristal.

A DHALIA

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Sophia Alvim Azuaga.

Deixa, dhalia, flor mimosa
Ostentar tua belleza,
Tua imagem respeitosa
E' o emblema da tristeza

Nas rôxas folhas
Tens o padrão
De quanto soffre
Meu coração!

Teu centro, duro, exaspera
Minh'alma em zelos aceza,
Flor que assim paixão exprime
E' o emblema da tristeza.

Nas rôxas folhas
Tens o padrão
De quanto soffre
Meu coração!

Comquanto esta canção seja muito conhecida em Portugal, parece que a sua origem é brazileira.

FADO LEANDRO

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Maria Victoria d'Almeida.

Quem quer vêr um infeliz
Que no triste mundo nasceu?
Para penas está vivo,
Para venturas morreu.

Quem quer vêr um infeliz
Que nasceu ao pé da faia?
Não ha desgraça no mundo
Que n'este infeliz não caia.

Quando eu nasci chorava,
Chorava de ter nascido,
Parece que adivinhava
Que o mundo estava perdido.

Tenho mandado fazer,
Que não posso fazer tudo
Um cofre de paciencia
Para viver n'este mundo.

O cantar é dom dos anjos,
O dançar dos variados,
A alegria dos solteiros,
A tristeza dos casados.

Fui-me confessar ao Carmo,
Confessei que andava amando;
Deram-me de penitencia
Que fosse continuando.

Se não queres vêr o rosto
Do infeliz que te adora,
Ingrata, quando eu passar
Fecha a porta, vae-te embora

Se fossem pedras as lagrimas
Que eu por ti tenho chorado,
Já eu tinha a casa cheia
De pedras 'té ao telhado.

Linda flor é a perpetua,
Colhida de madrugada,
Sempre parece solteira
A mulher que é bem casada.

Recolhido em Sinfães, em 1896, pelo Ex.ᵐᵒ Snr. Dr. M. M. Castro Corte Real. O author chama-se Leandro, musico ambulante, que acompanha um cego.

A BOTICA É BOA

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Julia Amelia de Castro.

Por cima se aceifa o trigo,
Por baixo fica o restolho.
Quem namora sempre alcança
Uma piscadella d'olho.

Permitta o ceu que eu te veja
Na praça dando mil ais,
Com seis mil filhos de roda!
Cada filho de seu pae.

Os cravos do meu craveiro
São regados com vinagre.
O que eu passo a teu respeito,
Só o Deus dos ceus o sabe.

Que lindo botão de rosa
Que eu levo á minha direita!
Que linda sombra que faz,
Que lindo cheiro que deita!

Que lindo botão de rosa
Que eu levo á minha canhóta!
Que linda sombra que faz,
Que lindo cheiro que bóta!

Quem disser que o preto é triste
Hei-de-lhe dizer que mente.
Eu tenho dois olhos pretos
Alegres p'ra toda a gente.

Recolhida no Alemtejo.

O ANTONIO GERALDO

AMPHIGURI

Seu Antonho Geraldo, (1)
  Assim mêmo é; (2)
O seu boi morreu,
  Assim mêmo é;
Qu'ha de se fazer?
  Assim mêmo é;
E' tirar o couro
  Assim mêmo é;
P'ra siá (3) Michaela,
  Assim mêmo é...
E Brisda (4) Amarella;
  Assim mêmo é.
Vou fazer um peso
  Assim mêmo é,
Para amigos meus,
  Assim mêmo é. (5)
Para Wenceslau
E José Matheus.

Nosso corredor
E' do professor,
Saiba repartir
Com *seu* promotor.
Eu peguei nos rins,
Me esqueci da banha!
São p'ra Manoel Ivo
E Chico Piranha.
A *chan* de dentro,
E' de *seu* João Bento,
A *chan* de fóra
De Domingos da Hora.
Mocotó da mão
E' de Manoel Romão;
Mocotó do pé
E' do padre José;
A passarinha (6)
E' de *siá* Nauzinha,

Saiba repartir
Com Tia Anna Pibinha.
O *figo* (7) do Boi
Foi p'ra *sarandage,* (8)
O resto que ficou
Foi p'ra priquitage. (9)
Siá Nenén abra a porta
Com sentido nos pratos,
Que a gente é muita
P'ra comprar o fato.
A tripa gaiteira
E' de Maria Vieira,
A tripa mais grossa
De Chico da Rocha.
O menino Esculapio
E' menino sabido;
P'ra elle e Caetano
Só ficou o ouvido. (10)

(1) Por *Senhor Antonio Geraldo,* homem inculto da cidade da Estancia (em Sergipe) é o heroe d'esta rhapsodia. (2) Mesmo é. (3) Por Sinhá ou Senhora. (4) Por Brigida. (5) A cada verso repete-se sempre este estribilho. (6) O baço. (7) Figado. (8) A canalha. (9) Chama-se assim a familia de uns ferreiros que existem no Lagarto, especies de ciganos, de que depois os filhos vão herdando o mesmo officio. Seu maioral nos ultimos cincoenta annos é o *Evaristo-Boi,* varão popular n'aquellas paragens. (10) N'este gosto vai-se dividindo o boi, dando a cada um o seu pedaço, tudo isto debaixo de muita pilheria e gargalhadas.
Recolhido pelo Ex.mo Snr. Silvio Romero em Sergipe (Brazil).

COMPADRE LEANDRO

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria d'Assumpção Graça.

Eu hei-de ir ao Seminario
P'ra tirar a certidão
E p'ra vêr se lá encontro
Uma rosa inda em botão.

O compadre Leonardo
Foi fazer um convidado,
Para comer o chouriço
Levou o vinho abafado.

Levou o vinho abafado
Foi o que eu ouvi dizer:
Vae de roda troca o par,
Assim não me venhas vêr.

Foram tantos meus suspiros
Ao ver que me ias deixar,
Que as mesmas aguas do rio
Inda vão a suspirar.

Eu ausente de meu bem,
Meu bem ausente de mim,
Diga-me quem sabe amar,
Se eu posso viver assim.

Lá no ceu está uma estrella
Que se parece comtigo;
Nos dias que te não vejo
A estrella é meu allivio.

Meu amor, que estás tão longe,
Auzenta-te e vem-me vêr:
Olha que as vidas são curtas,
Pode algum de nós morrer.

Oh sete-estrello que andaes
De noite n'essas alturas,
Dae-me novas de meu bem,
Que eu d'elle não sei nenhumas.

Quem me dera saber lêr,
Prenda que tanto gostava,
Para saber ler as novas
Que o meu amor me mandava.

Recolhida em S. Pedro do Sul. em 1896.

SENHORA PRETA

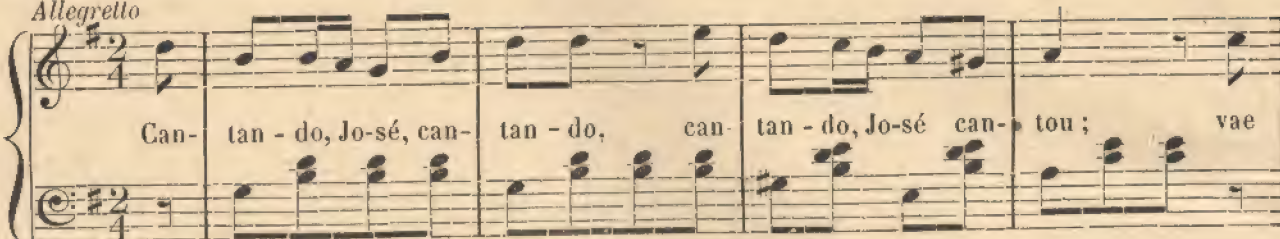
DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Avelina Candida Vianna.

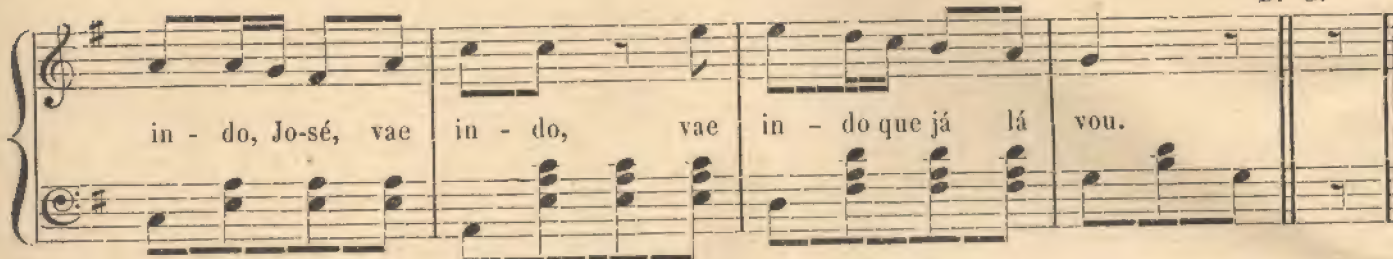
A' minha porta está louro,
A' tua está um loureiro;
Quando fallares dos mais,
Olha para ti primeiro.

Venha cá senhora preta
Ponha a condessa no chão,
Se não tinha que vender,
P'ra que deitou seu pregão.

O' pedra da pederneira,
Deita cá uma faisca.
Quem tem o amor defronte
Sempre co'os olhos petisca.

Venha cá senhora preta
Ponha a condessa no chão,
Não dissesse que vendia
O seu terno coração.

Recolhida no Alemtejo; deve ser antiga. No estribilho tinha mais algumas variantes.

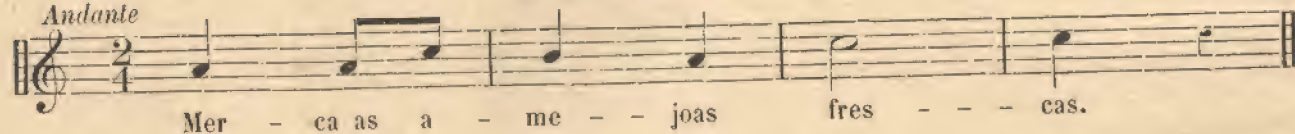
CANTANDO, JOSÉ...

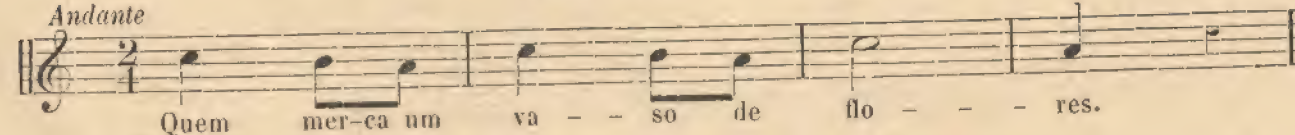
CANTIGA

Á Ex.ma Snr.a D. Bertha do Rosario Vieira.

Cantando, José, cantando,
Quem tem farinha tem pó;
Não passes á minha porta,
Que me ralha a minha avó.

Cantando, José, cantando,
Quem tem farinha tem pão;
Não passes á minha porta,
Que me ralha o meu irmão.

Cantando, José, cantando,
Quem tem farinha tem tudo;
Não passes á minha porta
Na occasião do entrudo.

Cantando, José, cantando,
Quem tem farinha tem, tem;
Não passes á minha porta,
Que me ralha a minha mãe!

Cantando, José, cantando,
Quem tem farinha faz bolos;
Não passes á minha porta
Que já nos chamaram tolos.

Cantando, José, cantando,
Cantando, José, cantou,
Vae indo, Jose, vae indo,
Vae indo, José, lá vou.

APREGOADOS CLASSICOS

OH SENHOR DA RODA

JOGO

Á Ex.ma Snr.a D. Leontina Pinto de Lemos.

Os teus lindos olhos
São irmãos dos meus;
Não lhes dou quebranto...
Digo: «benza-os Deus!»

Quando meu bem esteve
Preso na cadeia,
Lagrimas com pão
Era a minha ceia.

Saudade e amor
Deve haver só uma,
Em havendo duas
Não presta nenhuma.

Quando eu não tinha
Comtigo ventura,
O dia p'ra mim
Era a noite escura.

Quando eu não tinha
De ninguem lembrança,
Vivia no mundo
Com mais segurança.

Quando eu não tinha
Nada p'ra te dar,
Logo tu pozeste
Outra em meu lugar.

Recolhida no Alemtejo.

DANÇA. — Primeiro roda com um cavalheiro no centro. No estribilho os cavalheiros vão abraçando as damas a seguir, e o que está no meio mette-se á roda, e o que ficar sem par vae para o meio.

A SAIA BALÃO

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Gracinda dos Anjos Mendes.

Recolhida em Beja. Parece datar de ha quarenta annos aproximadamente.

SÃO PALMAS

CANTIGA

Allegro

553

An- da cá, meu bem, pa - ra mim cor - ren - do, dá - me a tu - a mão que é o que eu pre - ten - do.

São pal - mas, são pal - mas ba- ti - das na a - rei - a, já o Ga - ri - bal - di sa - hiu da ca - dei - a.

Sa - hiu da ca - de - ia, sa- hiu da pri - são, são pal - mas, são pal - mas ba- ti - das co'a mão.

Recolhida no Alemtejo.

Dança. — Primeiro roda. Na palavra Palmas batem-se as mãos. Os pares estão parados nos primeiros dous versos; depois cadeia em passo cadenciado, voltando a bater as palmas com o seu par. Em seguida mudam de par.

OH PALMAS

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Camilla de Freitas Soares.

Tempo de valsa

554

Eu fui a que dis - se, pe - lo meu pen - sar, quem me a mim faz u - ma ha de m'a pa - gar. Oh pal - mas, oh pal - mas, oh pal - mas ba - ti - das, is - to não são pal - mas são glo - rias da vi - da.

D. C.

A MINHA LAVADEIRA

DANÇA DE RODA

Recolhida em Vimieiro, em 1850.

O PADRESINHO

LUNDUM

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Julieta Pessanha.

O ladrão do padresinho
Deu agora em namorador;
Padre, você vá-se embora
Que eu não quero o seu amor.
O amor não é seu
E' de Raphael;
Raphael quando fôr
E' de quem quizer...
Vou criar minhas raivas
Com meus calundús, (1)
P'ra fazer as coisinhas
Que eu bem quizer...
Ai! me largue o babado!
Ai! me largue, *diacho,* (2)
Que diacho de padre,
Ai, meu Deus!
Que diacho de padre,
Meu Santo Antonio!...

O padre já estava orando,
Quando a *mulata* chegou;
Veio dizer lá de dentro:
—Eu sou seu venerador.
O amor não é seu, etc.

O padre foi dizer missa
Lá na torre de Belem,
Em vez de dizer *Oremus*,
Chamou Maricas—*Meu bem!*...
O amor não é seu, etc.

Eu perguntei ao padre:
Porque deu em meu irmão?
—Com saudade das morenas
Não quero ser padre, não.
O amor não é seu, etc.

Esta musica é brazileira. Recolhida pelo Ex.mo Snr. Sylvio Romero em Sergipe. Ha diversas variantes.
(1) Zangas, aborrecimentos, effeitos de *flato*.
(2) Transformação de diabo.

FADO DE TANCOS

Á Ex.ma Snr.a D. Corina d'Oliveira.

Vejo mar e vejo terra,
Vejo espadas a luzir;
Tenho o meu amor na guerra,
Não lhe posso acudir.

Não ha dor que tanto custe,
Como a dor do coração;
Todos os males teem cura,
Só este mal é que não.

Um gallo sósinho rege
Dez gallinhas como quer;
E custa tanto a um homem
Governar uma mulher!

As nuvens no ceu se tingem
N'um arco de sete côres,
São sete as dores de Maria,
São setenta as minhas dores.

Eu sou como o verde tojo,
Que se veste de amarello;
Eu bem sei que te faz mal
O muito bem que te quero.

Ao passar na tua rua
Perdi um lenço encarnado.
N'uma ponta tinha a lua,
E no centro o sol dourado.

Eu sou como o trigo em maio
Ceifado no S. João;
Em qualquer engano caio
Feito pela tua mão.

Quem do meu peito sahiu
Grande delicto causou,
Não venha cá com piedade,
Quem sahiu não mais entrou.

Rio que vaes para baixo,
Passas por um bem que adoro;
Se te faltarem as aguas,
Leva as lagrimas que eu choro.

Este fado data da installação do campo de manobras em Tancos.

TROVAS E DANÇAS

N.º 5

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Amelia Silva Pinto.

TROVAS E DANÇAS

N.º 6

Á Ex.ma Snr.ª D. Ilda de Castro Silva.

AI LAÇOS

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Octavia Villas-Boas.

560

Saudade, saudade,
Minha linda flôr,
Eu tenho saudade
De ver meu amor.

Ai laços! (1)
Ai fitas!
Morrer, acabar,
Com moças bonitas,
Ai fitas!
Ai laços!
Morrer, acabar, (2)
Nina, em teus braços.

Dize-me lá o mal
Que t'eu tenho feito?
P'ra de mim fazeres
Tão ruim conceito.

Malo hajam cerros
Que encobrem baixuras,
Que não deixam ver
Certas creaturas.

Mal o haja Elvas,
Tanta peça tem,
Todas embocadas,
Oh meu lindo bem.

Quem brilha em Elvas
São os artilheiros,
Em Villa Boim
São os sapateiros.

O forte da Graça
Anda n'uma onda,
Fugiram os presos
Da casa redonda.

Villa de Estremoz
Santo André no centro,
Onde eu vou á missa
E o meu regimento.

Recolhida no Vimieiro, Alemtejo.

(1) Forma-se a roda, abraçando-se todos, virados para o centro e parados.

(2) Abraça cada um o seu par, e quando repete abraça o par da direita, passando cada dama para a esquerda do seu cavalheiro; d'esta sorte ficam logo os pares mudados.

A OBRA DO FIRMAMENTO

DESCANTE PELA SAGRADA ESCRIPTURA

Á Ex.ma Snr.a D. Belmira Moreira Chaves.

Quando o Senhor formou
A obra do firmamento,
Obra de tanto talento
E Juizo;
Formou tambem um paraiso,
De arvores e flores composto,
Tudo de summo gosto
E perfeição.
E para guarda fez Adão,
E de sua costa a mulher;
E Deus depois lh'a arefere
Assim:
—Fica-te n'este jardim,
De delicias guarnecido,
E olha bem que és o marido
De Eva.—
Adão todo se enleva
Por se ver acompanhado;
Logo foi aconselhado
Pelo Senhor:
—Tudo fica a teu dispôr,
Tudo te ha de ter respeito,
Porém, guarda o preceito
E escuta:
Comerás de toda a fructa,
Sem que haja prejuizo;
Mas agora é bem preciso
Que te explique,
Para que em tua memoria fique,
E gozes com *previnencia*:
Só da arvore da sciencia
Do bem e mal;
Olha que é culpa mortal
Se tal te acontecer...
Olha que has de morrer
Na verdade.—

A serpente com maldade
Eva foi logo attentar,
E ella facil foi pegar
No pomo;
E do qual partiu um gomo
E ao seu marido offereceu;
E Adão da fructa comeu
Tambem.
Ambos egual culpa teem,
Eva e o seu consorte;
Ficaram sujeitos á morte
Chorando.
Apparece o Senhor bradando:
—Adão! onde estás metido?—
«Senhor, estou escondido
Com vergonha.
—Oh que terrivel, medonha,
Foi tua culpa commettida!
Acabou-se a boa vida
Que tiveste.
«Senhor, a mulher que me déste
Cá me veio enganar...
—Vem cá, oh Eva, explicar
De repente.
—«Senhor, a maldita serpente
De certo me enganou!»—
E o senhor por ella bradou
Devéras:
—Oh maldita entre as feras!
Eu te deito a maldição...
Andarás tu pelo chão
De rastos,
Comendo hervas e pastos,
E a terra para alimento;
Ella será teu sustento,
Malvada!

Tu, Adão, com tua enxada
A terra cultivarás;
E tu, Eva, parirás
Com dór.
Nada fica ao teu favor,
Já que a vontade fizeste;
Assim perdeste o celeste
Agasalho.
Tu, Adão! com teu trabalho
Ganharás para comer,
E Eva te ha de obedecer,
A rasão direita.
Aqui ficarás sujeita;
Tu Adão a dominarás,
E te multiplicarás
Com ella.—
Perderam, pois, a capella
Que o Senhor lhe houve guardado,
Tudo causa do peccado
Horrendo.
Alli ficaram vivendo
E o seu peccado chorando,
Ambos supplicando
Perdão.
Aqui abateram então.
Logo Eva concebeu,
Foi quando o Senhor lhe deu
Caim.
Este foi um filho ruim,
Muito tyranno e cruel;
Ao depois lhe deu Abel,
Pastor.
Este foi um resplendor
De voto e de castidade;
Porém Caim com falsidade
O matou.

E o Senhor p'ra elle olhou,
Depois que elle fez o mal,
Pondo-lhe logo um signal
De preto.
Portanto, ficou sujeito
A eterna escuridão,
Negro como um tição
De lume.
Acabou-se-lhe o ciume
Que tinha com seu irmão;
E augmentou-se a geração
Dos peccadores.
E já isto, meus senhores,
Tem durado de tal sorte
Que só finda quando a Morte
Vem.
Ella não respeita a ninguem,
Leva a todos por parelha,
Nós temos bem o espelho
A' vista.
Não ha pessoa que resista
Nem mesmo o padre santo,
Que ella leva a quanto
Topa.
Todos que estão na Europa,
As mesmas pessoas reaes,
Os bispos e cardeaes
Vae levando.
E tambem de quando em quando
Reis, principes e monarchas;
Até mesmo os patriarchas
Levou.
Pois um Deus que nos creou
Quiz pela morte passar,
Como havemos de escapar
A' espada?
Ella é certa e pouco esperada,
Da morte tudo se esquece;
Mas por fim tudo padece
Este lance.
Todos passamos o transe
Da morte com afflições,
Que os mais santos corações
Padeceram.
Aquelles perfeitos morreram:
Em vizo de santidade,
Um Lamé, um na verdade
Que é:
O pai do grande Noé,
Um Abrahão glorioso,
Seu filho prodigioso
Isaac;
Os habitantes de Israc,
Paes e irmãos de Ludim,
Aquelle Labal Caim
Trabalhador.
Um Nabucodonosor,

Mais aquelle santo Job,
Um admiravel Jacob
De Israel;
Adão, seu filho Ijabel,
O grande Melchisedeque,
E aquelle bom Ab-Meleque
Rei!
E eu isto tudo direi,
Certifico e assim é:
Lá tambem morreu José
No Egypto.
Tudo isto está escripto;
E nada póde faltar:
Tambem morreu Putifar
Sacerdote.
Morreu aquelle justo Loth,
E tudo o que era egyptano,
Morreu o rei soberano
Pharaó.
E não foram esses só:
Tambem morreu Batuel,
Agar, mais Ismael
Seu filho.
De nada eu me maravilho:
Tambem morreu Izacar,
E o seu filho Soar
Tambem;
Filhos, irmãos de Rubem,
Os moradores de Babel,
E os fundadores de Batel
Passaram.
Nenhum do transe escaparam
Da vil morte com destreza...
Ella vem com subtileza
E mata.
Segundo a Escriptura relata,
De certo que a ninguem perdôa:
Leva o sceptro e leva a corôa,
E tudo mais.
Não respeita cabedaes,
Tudo leva por igual,
Tambem leva o general
E o brigadeiro.
E morre quem tem dinheiro,
P'r'a morte não ha penhor;
Tambem morre o governador
Na praça.
Morre tudo quanto passa
Esta vida com rigores;
Morrem padres, confessores,
Que estão
Lá em sua religião
Orando a Sam Miguel;
Tambem morre o coronel
Do regimento;
Morrem alferes, sargento,
O soldado e o capitão;

Morrem aquelles que estão
Na enxovia.
Morre toda a fidalguia;
Morre o pobre e o abonado,
E o ser muito endinheirado
Não faz;
Morre o velho e o rapaz;
Morre tudo sem remissão;
Tambem morre o guardião
No convento.
Morrem no acampamento
Tambores e mais soldados;
Morre nos mares salgados
O marinheiro;
Tambem morre o escudeiro,
O medico e o *surgião;*
Tambem morre o escrivão
E o juiz.
Segundo a Escriptura diz,
Só dois foram escapados,
Elias e Enoc chamados
De certo.
Tem morrido no deserto
Aquelles santos levitas,
E o povo dos israelitas
Fallece.
A morte ninguem conhece:
Morreu o sabio Salomão
E o valoroso Sansão
Gigante;
Morre o leigo e o estudante,
Tambem morre o embaixador;
Morre aquelle lavrador
Que anda
De uma para a outra banda
A sua vida girando,
De modo que vá ganhando
P'ra passar,
Sem a morte lhe lembrar,
E ella já batendo á porta,
Que de repente lhe bota
A mão.
Muitos leva sem confissão,
Pois isto me faz tremer,
Vendo podermos morrer
Sem sacramento,
Nem signaes de arrependimento
Sendo a morte de repente...
Pois valei-me o omnipotente
Deus.
Tudo são peccados meus
De que eu tenho de dar conta
A Deus, e sempre com prompta
Vontade.
Pois Deus é de piedade;
Aquelle doce Jesus,
Está c'os braços na cruz

Pregados!
Tudo por nossos peccados
Padeceu morte e paixão!
E nós com ingratidão
O tratamos!
Assim é que lhe pagamos
Todo o bem que elle nos faz;
Mas, lá no *Val de Josaphaz*
Veremos
As contas que cada um demos,
Lá no dia universal,
Quando o Senhor der a final,
Sentença.
Os bons com gloria immensa,
E os maus sentenciados,
Para serem abrazados
No inferno!
Eu peço ao Padre Eterno...
Valha-me todo o christão
N'esse dia de afflicção
E amarguras.
Abrirão-se as sepulturas
C'os corpos resuscitados,
Sendo de novo formados
Como d'antes!
E as boas obras brilhantes
Na presença do Salvador;
E os maus serão com rigor
Tratados.
Ali darão, Senhor, brados,
Bradando só por Elias,
Segundo as prophecias
Rezam.
Ali veremos como prezam
Boas obras que fizemos,
E os peccados que commetemos
N'esta vida.
Mas oh! que terrivel lida!
Oh! que cegueira fatal!
Sendo este mundo um val
De enganos?!
Vive um homem tantos annos
N'esta vida engolfado,
Muitas vezes só obrigado
Se confessa.
Não se lhe dá que se esqueça
D'aquella santa doutrina,
Que a egreja sempre ensina
Aos fieis.
São os homens tão crueis...
Só se enlevam em modiças...
Só ouvem algumas missas
Por comprazer.
A's vezes vão lá p'ra vêr
Moças da sua affeição,
Se levam trajo ou não
A seu gosto.
Se levam lenço bem posto,
Boa meia e bom sapato,
Se tem capote e mais fato
A' moda.
E outros mettem-se na roda,
Que estão de quando em quando
E vão sempre murmurando
Dos mais.
Vão os filhos com os paes
Beber vinho a uma adega,
Se o dinheiro lhes não chega
Pedem fiados.
'Stando os paes embebedados
Dizem, a cambalear,
Aos filhos: — Vamos jogar
Ao vento.
Oh! que mau *educamento!*
Oh! que triste creação!
Eis porque os filhos são
Malcreados.
Mas se estes são casados,
Teem filhos p'ra governar,
Teem-lhes por certo a faltar
Co'o sustento.
Tudo serve de tormento
A's mulheres, se são honradas,
Muitas vezes já cançadas
De bradar.
Apparece para o jantar,
Sabe Deus quando Deus quer,
Uma côdea p'r'a mulher,
Se lh'a dão.
Os maridos, sem discrição,
As levam aos encontrões,
Quando não lhes dão bofetões
Pela cara.
Amigo do jogo, repara,
Mette a mão n'este painel,
E recolhe-te ao quartel
Da saude.
E pede a Deus que te mude
Essa terrivel cegueira,
Que é saude p'r'a algibeira
Do cobre.
Tudo que a mão descobre,
E esse vicio infernal,
Fazem perder o signal
Do ceu.
Isto vae de déu em déu,
E assim domingos passemos,
De modo que sempre busquemos
Divertimentos.
Vai-se tempo e sentimentos
Nos dias santificados,
Que Deus deixou destinados
P'r'o descanço.
P'ra adorar o cordeiro manso
Na sua santa egreja;
Mas a ira de Deus peleja
Com razão
Contra a pouca devoção
Que tem á casa sagrada;
Tanto monta como nada
Rezar.
Não póde a Deus agradar
Esta pouca *desciencia:*
Devemos com reverencia
Adoral-o.
Devemos todos abraçal-o
E a seus santos mandamentos,
P'ra livrar-nos dos tormentos
Que passou.
P'lo sangue que deramou
Pela rua d'amargura,
Tudo para a creatura
Remir.
Devemos todos pedir
A' Virgem Nossa Senhora
Seja a nossa protectora
Em morrendo;
Em quanto formos vivendo
N'este mundo desgraçado,
Tenha sempre o seu cuidado
Em nós.
Pois, ouvi, Senhor, a voz
D'este vosso filho ingrato,
Cuja ingratidão relato
Agora!
Valei-me n'aquella hora
Da morte que ha de chegar,
Valei-me em quanto viver,
Valei-me depois de morrer,
E esta vida findar.

Ouvimos esta cantiga em 1865. Não nos foi possivel obter então a lettra, porque o homem que a cantava era analphabeto e só a possuia na memoria. Quando em 1883 appareceu o livro dos *Cantos populares do Brazil*, vimos que o snr. Sylvio Romero, mais feliz do que nós, póde obter d'um patricio nosso, tambem analphabeto, essa lettra.

Em 1830 já esta musica era conhecida na ilha Terceira, pois com ella se cantava nas ruas a seguinte allusão:

Aos vinte e quatro d'abril,
Das quatro p'ra as seis da tarde;
Embarcaram os voluntarios:
Oh meu Deus, Oh meu Deus que crueldade.

AO SS. CORAÇÃO DE JESUS

CANTICO RELIGIOSO

A M.elle Marquise de Chardonnay.

Como o soldado
Vela a seu Rei,
Assim meu sangue
Por Ti darei.

Se o mundo iniquo
Me combater,
Sempre a teu lado
Hei de vencer.

Jesus Sob'rano
Em Teu Amor
A nossa prece
Tem seu valor.

Anjos, Archanjos,
Santos no Ceu,
Comnosco velam
Ao throno Teu.

No mundo a Egreja
Soffre por Ti;
Na guerra ajuda-me
Tambem a mim.

Dá-me o triumpho
Na salvação,
P'ra louvar sempre
Teu Coração.

Por enciclica do S. S. o Papa Leão XIII foi instituido no presente anno de 1899 o jubileu do SS. Coração de Jesus com um triduo devoto; nas egrejas do Porto, cantava-se esta musica no coro e o povo repetia-a.

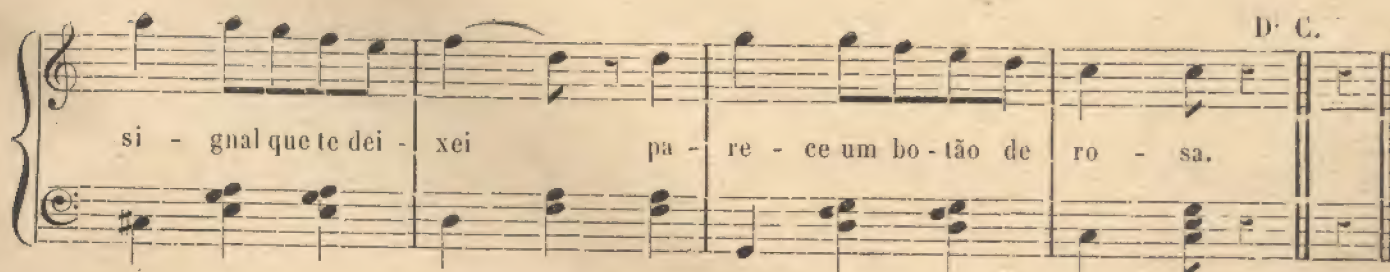
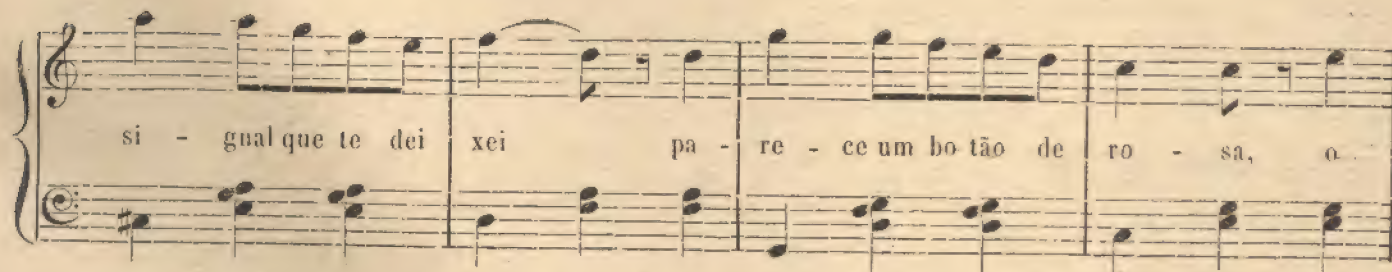
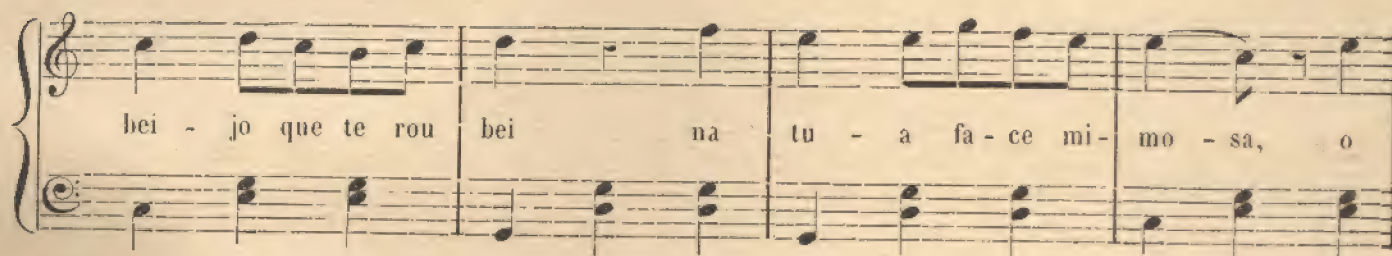
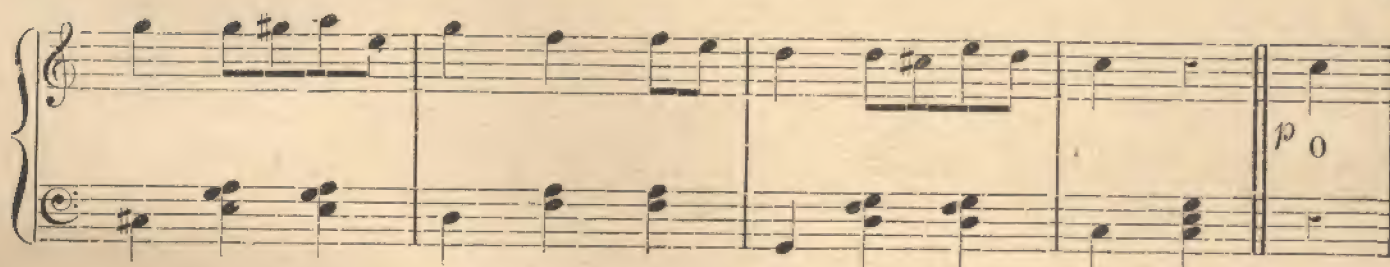
TROVAS E DANÇAS

N.º 7

Á Ex.ma Snr.a D. Ricardina Leite Guimarães.

TROVAS E DANÇAS

N.º 8

Á Ex.ma Sur.a D. Petronilla de Veiga.

LUNDUM DA FIGUEIRA

Á Ex.ma Snr.a D. Laura Ribeiro de Mesquita.

A viola vae na rua,
Ai Jesus!
Perto vae o tocador:
Menina venha á janella,
Ai Jesus!
Venha ver o seu amor.

Oh meninas da Figueira
Accudam ao Cabedello,
Deu um navio á costa
Com enfeites p'ra o cabello.

A' sombra da laranjeira
Está o meu bem a chorar,
Mais vale não prometter,
Que prometter e faltar.

Quem me déra, oh menina,
A' tua porta morar,
Mas ai, o mundo murmura,
E' preciso disfarçar.

Vem cá tu, meu goivo roxo,
Creado na goivaria,
Quem quer bem chama por tu,
Amor não quer senhoria.

Já te disse, meu amor,
Quem ama que aperta a mão,
Sempre foste e has de ser
Prenda do meu coração.

Recolhida em Coimbra, em 1870.

A YAYASINHA

LUNDUM

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Elvira de Castro Monteiro.

Minha doce yayasinha
Quando está toda enfadada,
Dá pancadinhas na gente...
E' bem bom, não dóe, nem nada.
  Gosto d'ella só por isso,
  Que a pancada tem feitiço.

A's vezes bulo com ella
Para vel-a amofinada,
Dá-me e... puxa-me os cabellos,
E' bem bom, não dóe, nem nada.
  Gosto d'ella só por isso,
  Que o enfado tem feitiço.

Hontem, brincando com ella,
Pregou-me uma dentada,
Clamei-lhe mesmo ferido:
E' bem bom, não dóe, nem nada.
  Gosto d'ella só por isso,
  Que a dentada tem feitiço.

Um dia, dando-lhe um beijo,
Poz-me a lingua ensanguentada,
Então me rindo lhe disse:
E' bem bom, não dóe, nem nada.
  Gosto d'ella só por isso,
  Que seus modos tem feitiço.

Este tango é brazileiro, mas muito vulgar em Portugal, com lettras diversas e sem ella. A musica parece ser de author portuguez.

CANTO DO SUICIDA

VULGO FADO DOS CEGOS

Á Ex.ma Snr.a D. Ernestina Herminia Fonseca do Espirito Santo.

A musica d'este fado foi recolhida em 1874 e não tinha lettra propria; a presente poesia foi-lhe posteriormente applicada.

CANTO DO SUICIDA

Anjo, silencio!... não chores...
Amei-te muito... que importa?
Vem beijar-me a face morta...
Ouvirás sons do teu nome.

Quando a luz da vida escassa
N'estes olhos já não brilhe,
Não chores, anjo, não chores...
Foi um destino... cedi-lhe.

Escuta o hymno, que extremo
Sinto aqui no coração...
Ouves gemer a paixão
N'este adeus ao mundo ingrato?

Luto... mal sabes que luto
Sinto aqui dentro ferver...
N'esta edade em que me mato,
Oh! tanto custa morrer!

Sempre a desgraça!... delicias
Nem uma tive em partilha...
Vi-te tarde, ó casta filha
Dos meus sonhos delirantes...

Olha... eu devo ter dos homens
Uma loisa... pobre sim...
Se m'a derem... vae de lucto
Uma vez chorar por mim.

Uma só não te crimino,
Se depois o esquecimento
Fôr no pobre monumento,
O epitaphio que tiver...

Mulher, amada na morte,
Levo saudades de ti...
Extrema crença d'um vivo
Eras tu não te perdi!

Se tivesse esta alma um vôo,
Tu fôras commigo... irias
D'este eculeo d'agonias
Onde vive e viveste!

Estas corôas borrifadas
Do sangue do coração,
Despe-as a fronte pendida...
Deu-m'as o mundo... ahi estão!

Venha o mundo e d'este sangue
Que inunda a face ao precito,
Escreva, cuspa na campa
Esta legenda — É MALDITO!...

Anjo! silencio! não chores...
Amei-te muito, que importa?
Vem beijar-me a face morta,
Ouvirás sons do teu nome!

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

FLOR DA MURTA

CANTIGA

Á Ex.ma Snr.a D. Constança Severina Povoas.

Esta cantiga parece datar do reinado de D. João V e ser allusiva aos amores d'este monarcha com D. Luiza Clara de Portugal, cognominada a *Flor da murta*. Foi esta dama a mãe dos infantes D. Gaspar e D. José, irmãos naturaes de D. José I. Era casada com D. Jorge de Menezes, de quem diz Camillo Castello Branco: «marido honrado, que morreu de paixão na quinta da Ferrugem em 1735.» Ainda hoje ha em Lisboa a rua da *Flor da murta*, proxima do palacio dos Menezes, á rua de S. Bento.

SENHOR LADRÃO

DANÇA DE RODA

Oh senhor ladrão
Ande direitinho,
Não queira ficar
No meio sósinho.

No meio sósinho
Não hei de ficar,
Que a esta menina
Me vou abraçar.

A esta menina
Que agora entrou.
Deixem-a dançar
Que ainda não dançou.

Recolhida em Coimbra.

OH LADRÃO

CANTIGA

Á Ex.ma Snr.a D. Ambrosina Salgado.

O ladrão, ladrão,
Que vida é a tua!
Comer e beber
Passear na rua.

Toma, leva, amor,
Que vida é a tua!
Toma, leva, amor,
Passear na rua.

O ladrão, ladrão,
Já lá vae p'ra o Pio,
No meio do caminho
Deu um assobio.

PIRIQUITO

CANTIGA

Encontrei um periquito
Na calçada de Sant'Anna;
Boa meia, boa calça,
Sapatos á castelhana.

Sapatinho de tres solas
Com saltinho amarello;
Você cuida que me engana,
Não me engana, só se eu quero.

Na calçada de Sant'Anna,
Apesar de bem segura,
Quando o meu amor lá passa
Não ha pedra que não bula.

Recolhidas no districto de Coimbra.

LADRÃO

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Belisa d'Almeida Soares.

Quando eu ia p'ra a escola
Cahiu-me o livro no caes:
Apenas vi os teus olhos
Já não pude estudar mais.

Oh ladrão que te vaes embora,
Oh ladrão que te vaes assim,
Oh ladrão que te vaes embora,
Não te lembres mais de mim.

O meu amor é um cravo
Só eu o soube escolher;
Para o craveiro dar outro
Ha de tornar a nascer.

Eu amei dois olhos pretos,
Que me foram dois traidores:
Quem diz que o preto é fiirme
Entende pouco de cores.

Eu já fui o teu amor
Agora já o não sou;
Se ainda para ti ólho
Foi geito que me ficou.

Graças a Deus que já chove
Pinguinhas no meu jardim:
Graças a Deus que já tenho
Meu amor ao pé de mim.

Recolhida em Coimbra. O estribilho *Oh ladrão*, etc., canta-se com a mesma musica.

AMOR BRAZILEIRO

CANTIGA

Á Ex.ma Snr.a D. Hortencia de Souza Figueiredo.

Inda sou quem era d'antes,
Inda sigo os mesmos passos:
Quando vou á tua rua
As pedras p'ra mim são laços.

Tenho-te amor mais seguro,
Que ao mesmo proprio dinheiro,
Gloria em meu peito,
Ai! amor brazileiro.

Oh meu amor, dá-te o somno,
Vae-te deitar a dormir,
Que eu não quero ver penar
A quem hei de possuir.

Julgavas que eu te queria,
Barquinho de cantareira;
Julgavas que eu era tola
Se eu por ti tinha cegueira.

Meu coração está fechado,
Está fechado não se abre:
Foi-se embora o dono d'elle,
Não está cá, levou a chave.

Toma lá que te dou eu
Estas duas laranjinhas,
Já que te não posso dar
Dos meus olhos as meninas.

Recolhida na Figueira da Foz.

O NUNES CACILHAS

MARCHA

À Ex.ma Snr.a D. Maria Carolina do Valle.

Recolhida no Vimieiro, provincia do Alemtejo.

O VALVERDE—LADRÃO

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria do Carmo Guimarães.

Recolhida pelo Ex.mo Snr. J. Nunes Sereno em Villa Viçosa.
Dança.—E' como a do *Snr. ladrão*, e egualmente a lettra.

ALDEIA DAS LARANJAS

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Rosa Ermelinda das Neves.

Oh Aldeia das laranjas,
Onde se geram limões,
Encontrei uma menina
De *paleio* co'os cidadões.
De *paleio* (1) co's cidadões,
Ao pé da estrada real:
Quem tem o seu bem á vista
Passa a vida menos mal.
Passa a vida menos mal,
Passa a vida alegremente,
Oh Aldeia das Laranjas,
Ao pé da estrada corrente.

Esta rua tem pedrinhas
Hei de mandal-as varrer,
Com uma vassoura de prata
Que d'ouro não pode ser.

Por cima se ceifa o pão,
Por baixo fica o restolho;
Raparigas não se enlevem
Em rapaz que empisca o olho.

Rigorosa penitencia
Me deu meu confessor,
Que não falla-se contigo
Que te perdesse o amor.

A penitencia é grande
Não a posso cumprir,
Hei de fallar ao amor
Aonde quer que o vir.

(1) *Paleio*, calão moderno que significa conversa.
Recolhida no Alemtejo.
DANÇA. — Em valsa ou em mazurka, mas mais vulgarmente em passeio caminhando os pares uns atraz dos outros passando cada individuo o braço pelas costas do seu par.

O TREVO

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Corina Augusta de Macedo.

P'ra apanhar o trevo,
O trevo no ar;
P'ra apanhar o trevo
N'uma noite de luar.

P'ra apanhar o trevo
Não te encolhas, oh Maria,
P'ra apanhar o trevo
Mesmo ao romper do dia.

P'ra apanhar o trevo,
Oh Maria, não te encolhas,
P'ra apanhar o trevo,
O trevo de quatro folhas.

Esta cantiga appareceu no Porto pelo S. João de 1898; primeiro canta-se uma quadra desgarrada e depois é que segue o estribilho.

FRUM-FRUM-FRUM

CANTIGA

Recolhida no Alemtejo.

FADO DO ZÉ POVINHO

Á Ex.ma Snr.ª D. Maria das Dores Souza Barreto.

Ao pé do monte de Ayró
Onde só de uma pégada,
Deu á fonte da Virtude
Que ahi nasce, vida e fama.

Pelo caminho de cima
Com uma talha apedrada,
Pucarinho de Extremoz
Em prato de porcellana,

Ia Leonor pela sésta
Para a fonte buscar agua,
Lavradora que de todas
E' por formosa invejada.

Leva o cabello em rolete,
Melenas dependuradas.
Gargantilha de belorios
Com relicario de prata.

Colete de seraphina,
Figa de azeviche á banda,
Ramal de coraes no braço,
E camisa debuxada.

A todos quantos encontra
Com seus olhos prende e mata,
E com ser escassa a moça
Dão seus olhos muitas dadas.

Mais passos devo ás pedras
Do que á tua formosura,
Que as pedras duras não fogem
Tu foges e mais és dura.

Se sabeis que vos adoro
Não sejaes esquiva sempre,
Que amor com amor se paga,
E só quem paga não deve.

A lettra que ouvimos cantar com este fado pertence a um poemasinho *Auto da Lavradora de Ayró* publicado em 1678; vem nas *Poesias* de Antonio de Villasboas e Sampaio, impressas em Coimbra em 1841.

D. AGUEDA DE MEXIA

ROMANCE

Á Ex.ma Snr.a D. Ursula de Jesus Ferreira.

Era uma menina bella,
Discreta e bem parecida,
D. João a namorava,
Mil requebros lhe fazia,
Por fidalgo e gentil moço
Ninguem tanto a merecia;
Mas o pae d'aquella moça
Por melhor conselho havia
Casal-a com um mercador
Que áquellas partes vivia.
D. João quando isto soube
Por pouco se não morria:
Foi-se dali muito longe
Sem dizer para onde ia.
Tres mezes por lá andou,
Tres mezes n'essa agonia.
Mandou sellar seu cavallo
Sem cuidar no que fazia;
Deitou por esses caminhos
Sem saber aonde ia.
O cavallo é quem andava,
Cavalleiro obedecia;
Passou por terras e terras
Nenhuma não conhecia.
A' sua tinha chegado,
Onde estava não sabia,
Té que veio a passear
A' rua de sua amiga;
A's casas onde morava,
Janellas aonde a via,
Tudo é coberto de preto
Mais preto que ser podia.
Mandou chamar uma dama
Por Deus e á cortezia:

—Dize-me tu por quem trazes
Ausencias tão doloridas?
«Trago-as por minha senhora
Dona Agueda de Mexia,
Que é com Deus a sua alma,
Seu corpo na terra fria;
E por vós foi, Dom João,
Por vosso amor que morria.

Dom João quando isto ouviu
Por morto em terra cahia;
Os seus olhos não choravam,
Sua bocca não se abria.
Mirava a gente em redor
A vér o que elle faria.
Foi-se direito á egreja
Onde sua dama tinha:

Eu te rogo, sacristão,
Por Deus e Santa Maria,
Que me ajudes a erguer
A campa da minha amiga.
Ali a viu tão formosa
Tal como d'antes a via.
Pôz os joelhos em terra,
Os braços ao ceu erguia;
Jurou a Deus e á sua alma
Que mais a não deixaria.
Puchou por um punhal d'ouro
Por lhe fazer companhia.
Permittiu a Virgem Santa
A Virgem Santa Maria,
Que se não perdesse uma alma
E um milagre se fazia:
A defunta a mão direita
Ao seu amante estendia,
Seus lindos olhos se abriram
A sua bocca sorria;
Volta á vida que se fôra
Com todo o amor que não se ia.
Seu pae o foram buscar,
Já estava na agonia;
Vêm amigos, vém parentes
Todos com grande alegria;
E a D. João dão a esposa
Que mui bem a merecia.

Recolhida no Alemtejo.

CANTIGAS CARNAVALESCAS

N.º 1

Á Ex.ma Snr.a D. Justina Candida Malheiro.

As meninas d'esta terra
Todas mimosas flores,
Não ha outras como ellas
Se se casam por amores.

As meninas d'esta terra
Todas felizes o são:
Quando se deixam de amar
Foge amor do coração.

Os rapazes d'esta terra
São uns puros cavalheiros,
Quando quizerem casar
Vão á mercê de dinheiros.

Os rapazes d'esta terra
Tem os corpos elegantes;
Quando fallam ou escrevem
São uns burguezes galantes.

E' muito antiga. Recolhida no Alemtejo.

CANTIGAS CARNAVALESCAS

N.º 2

Á Ex.ma Snr.a D. Alice Laura de Sá.

Estas tres cantigas pertencem ao antigo reportorio carnavalesco, em que o disparate, os termos immundos e demasiado livres, eram a base divertida e engraçada. A primeira foi recolhida no Porto e a segunda no Alemtejo.

FADO DO CELTA

À Ex.ma Snr.a D. Delphina Alice da Fonseca Ferreira Pinto.

Poesia de A. d'Azevedo C. Branco.

UM CELTA

—

L'élément essenciel de la vie poetique du celte, c'est la aventure...

E. Renan.

—Oh minha mãe, tenho medo
De fazer-lhe a confissão,
De lhe contar um segredo,
Que trago no coração.

« Pois é justo esse receio
De contar segredo teu
A quem te embalou no seio,
A quem a vida te deu?

—Se eu lh'o revelar agora,
Se o meu segredo disser,
Minha mãe decerto chora...
Quer, pois, que o confesse? quer?

« Advinho-o... foges da casa
Que foi feita por teu pae...
Paciencia, meu filho... Casa.
Espera que eu morra e sae.

Que te custa? eu vou-me embora;
Não tens muito que esperar.
—Valha-me Nossa Senhora!
Não posso vel-a chorar.

«Eu irei lavrar as leiras,
Irei a vinha podar,
Estenderei pelas eiras
O trigo para o malhar.

Casa, filho.—A minha ideia
E' outra, querida mãe:
E'... deixar a nossa aldeia
E ir pelos mundos além.

Desde que vi tantos povos
Lá da serra do Marão,
D'uma fraga onde poem ovos
As aguias pelo verão,

Desejo correr cidades,
Não me sinto bem aqui,
Parece-me ter saudades
De terra em que já vivi.

Quando o sol ás tardes vejo
Ir para onde fica o mar,
Oh minha mãe, que desejo,
Que vontade de embarcar!

«Que te falta aqui, meu filho?
Não tens a junta dos bois?
Campos de trigo e de milho,
A vinha? que falta, pois?

Temes, por ventura, a fome?
—Tem razão. Fico; porém...
Esta terra não me come,
Se morrer depois da mãe.

« Ai! filho, estás enganado,
Infeliz do passarinho,
(Bem diz o velho dictado)
Que nasceu n'um pobre ninho!

Esta canção deve ser cantada a *duo* por uma senhora e um homem (fazendo de mãe e filho como indica a poesia).

ORA ADEUS, ADEUS

CHULA

Á Ex.ma Snr.a D. Constança Salazar.

Andantino

585

Ora adeus, adeus,
Adeus que eu me vou:
Não chores, amor,
Que eu ind'áqui 'stou.

O meu bem me disse,
E achei-lhe gracinha:
—'Sta chegado o tempo
De tu seres minha.

Ao cimo da praça
Se vende aguardente,
A dez reis o copo
Que regala a gente.

Oh amor, amor,
P'ra que é que disseste,
Que havias de vir,
E nunca vieste?

Meu bem não tem nada
E eu sou pobresinha;
A sua riqueza
E' egual á minha.

Se eu quizera amores,
Tinha mais de trinta:
Eu tenho só um,
'Stou na minha quinta.

Já tocam os sinos
Lá na freguezia;
Vão os namorados
A' missa do dia.

Toma lá, amor,
Toma lá limão,
Colhido de noite
Pela fresquidão.

Sabe bem o vinho
Por copo de prata,
Não posso q'rer bem
A quem me maltrata.

O meu coração
Ao ver-te se abriu;
Tornou-se a fechar
Quando te não viu.

Por mais que tu queiras
Não foges decerto;
Entra no meu peito
Que é um ceu aberto.

O meu bem me disse:
—Oh linda Maria,
Essa tua cara
E' a luz do dia.

Recolhida na Figueira da Foz pelo Ex.mo Snr. Pedro Fernandes Thomaz.

A NOITE DE NATAL

ROMANCE

Á Ex.ma Snr.a D. Deodata de Magalhães Pessoa.

PRIMEIRA VERSÃO

O gallo bateu as azas
Quando o Salvador nasceu,
Os anjos todos cantaram,
Glorias ao céo descendeu.
Deus andava pelo mundo,
Mas San Pedro assim dizia:

«Quem não quer pobres em casa
Tambem me não quereria?

Vinte quatro de Dezembro
Foi a noite do natal,
Que rompeu a primavera
Meia noite do signal.
Vamos, vamos nossa gente,
Que aqui não fica ninguem,
Vamos visitar Maria,
Teve o Menino em Belem.
Em Belem nasce o Menino,
O bom Jesus verdadeiro,
Que desceu do céu á terra
A livrar do captiveiro.

SEGUNDA VERSÃO

A Virgem nossa Senhora
Está ao portal de Belem,
C'o seu menino nos braços,
Jesus! que está tanto bem!
Cantou-lhe uma cantiguinha:

«Filho meu, que te farei?
«Não tenho cama, nem berço,
«Em braços te embalarei.
«C'o as lagrimas dos olhos
«Filho meu te lavarei!
«Na manguinha da camisa,
«Filho meu, te alimparei.
«Nas mantilhas do meu rosto,
«Filho meu, te embrulharei.

TERCEIRA VERSÃO

A lua vae tanto alta
Como o sol ao meio dia;
Mais alta ia a Senhora
Quando p'ra Belem corria.
San José ia atraz d'ella
Sem alcançal-a podia;
Quando chegou a alcançal-a,
Já seu Menino nascia.
San José foi para o céu,
Os anjos lhe perguntaram:

—Como ficou lá Maria?—
Como Rainha a trataram.
Respondeu-lhe San José
Cantando a Ave Maria:
«Maria lá ficou bem,
Ficou n'uma estrebaria,
Com suas portas de prata,
E paredes de ouro fino,
Quem seria o lavrador,
Que taes portas lavraria?
Era o Menino Jesus,
Filho da Virgem Maria.

Recolhida na ilha de S. Jorge. Esta musica é antiga, e vae sendo abandonada por outras mais modernas. Canta-se na noite do Natal. A parte poetica foi recolhida pelo Ex.mo Snr. Dr. Teophilo Braga.

OH LIDAE

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Gervasia de Faria Leitão.

Agua molle em pedra dura,
Ai, ai, ai,
Tanto dá até que fura,
Oh lidae, lidae, lidae,
Oh lundum, lundum, lundum,
Oh do ré-té-pum.

Quem do alheio se vestir
Na praça se ha de despir.

Quem tem filhos tem cadilhos,
Quem os não tem cadilhos tem.

Quem tem amores não dorme,
Quem os não tem adormece.

Quem canta seus males espanta,
Quem chora seus males augmenta.

Das mulheres que fallam latim,
Ai, ai, ai,
Livrae-nos S. Joaquim,
Oh lidae, lidae, lidae,
Oh lundum, lundum, lundum,
Oh do ré-té-pum.

Tanto dá a agua na pedra
Até que a faz amollecer.

Das mulheres que mi... em pé
Libera nos, Dominé.

Quem boa cama fizer
N'ella se ha de deitar.

A quem doêr a barriga
Que a esfregue com uma figa.

OS REIS MAGOS

ROMANCE

Á Ex.ma Snr.a D. Julia Amelina dos Santos Lima.

Chegados são os tres Reis
Da parte do Oriente,
Visitar o Rei da Gloria,
Noso Deus Omnipotente.
Em caminho de um anno
Gastaram só treze dias,
Com favor muito soberano
Do Infante Rei Messias.
Guiados por uma estrella,
Que a todo o mundo dá luz,
Iam ver outra mais bella
Que era o Menino Jesus.
Elles ouviram dizer
Ha presepio em Belem,
Onde estava Deus nascido
Remedio p'ra o nosso bem.

Herodes como malvado,
Como perverso inimigo,
A's avessas ensinou
Aos tres Reis o caminho.
A estrella se escondeu
Chegada a uma cabana,
Logo os tres Reis adoraram
A Jesus neto de Anna.
Oh meu menino Jesus
Em que palhas estaes deitado,
Sendo vós o Creador
Que o mundo tinhas creado!
Offereceram-se ao menino
Cada um por sua vez,
Por a lapinha ser pequena
Não couberam todos tres:

Offereceram-lhe ouro fino
Como Rei oriental,
Incenso como divino
E myrrha como a mortal.
Porta aberta, meza posta,
Cantemos com alegria,
Nado é o Rei da gloria
Filho da Virgem Maria,
Que nasceu pobre em Belem
Para a todos nos salvar,
Entre a mula e o boi bento,
Que o estava a bafejar.
Patriarcha San José
Pegae no vosso menino,
Que entre palhas 'stá deitado
A chorar que é pequenino.

Os anjos com alegria
Musicas lhe vão cantando,
E' o Rei dos altos ceus
Que na gloria está reinando.

Gloria seja a Deus-Padre,
E a Jesus Christo tambem;
Gloria seja ao Espirito Santo,
Para todo o sempre. Amen.

Este romance é antigo e canta-se na ilha de S. Jorge na noite de Reis. A lettra foi recolhida pelo Ex.mo Snr. Dr. Teophilo Braga.

YAYA

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Adelina Ferreira Pinto.

Esta canção foi recolhida no Brazil pelo Ex.mo Snr. Francisco Newton. Comquanto a poesia seja creoula a musica é puramente africana.

TODOS BEBEM

AMPHIGURI

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Maria do Pilar Ferreira.

Rapazes, meninos,
Fazem desatinos,
E bebem os vinhos
Na venda, senhora.

Nizas e casacas,
Capas e capotes,
Bebem aos potes
Na venda, senhora.

Tambem o Quintella,
Com fama de rico,
Tambem molha o bico
Na venda, senhora.

Tambem o Vigario
Com o seu canto-chão,
Bebe p'lo cangirão
Na venda, senhora.

Tambem os Antonios,
Que são capitães,
Bebem aos tostães
Na venda, senhora.

Freiras e frades,
Repicam os sinos
E bebem dos finos
Na venda, senhora.

Esta cantiga é muito antiga, parece datar do reinado de D. Maria I. Deve ter mais lettra mas não nos foi possivel obtel-a.

MEU DOCE BEM

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Valeriana da Penha Peixoto.

Recolhida no Alemtejo.

FADO LAZARISTA

Á Ex.ma Snr.a D. Carlota Pinheiro.

Transcripto por L. Sollari Allegro.

Torradinhas com manteiga,
Torradinhas em Belem!
Não queremos ter caridade
De França, tres ao vintem.

Muita velha delambida,
Pelos muitos annos seus,
O que dar não póde aos homens
Vai-o agora dar a Deus.

Tem contas no toucador,
Traz comsigo o breviario,
Vae buscar allivio ás penas
No santo confessionario.

Que para velha garrida,
Para quem se acabou tudo,
Não ha consolo na vida
Como um frade rochunchudo.

Torradas e mais torradas,
Por cima café, limão:
Venha para cá o diabo,
Mas lá frades, isso não.

Torradas e mais torradas,
Por cima café, limão:
Se não sahem os taes frades
Teremos grande funcção...

A' amabilidade do Ex.mo Snr. L. Sollari e Allegro, distincto paleographo da Camara Municipal do Porto, devemos o presente fado Lazarista que foi publicado em Lisboa no *Asmodeu* de Setembro de 1858. Este fado conservou uma excessiva popularidade durante uma dezena d'annos, e para isso concorreram os factos que lhe deram origem.

Em 1856 foram introduzidas em Portugal as Irmãs da Caridade vindas de França, para o serviço dos hospitaes e das escholas. Esta novidade no nosso paiz excitou em muitas senhoras de todas as classes sociaes, ou por suggestão ou por capricho, o desejo de se filiarem n'aquella instituição. Isto provocou uma corrente de opinião opposta que se levantou por todo o paiz. A imprensa liberal e os comicios, combatendo com as armas desde o mais serio ao mais ridiculo, fizeram com que um dia as Irmãs da Caridade abandonassem precepitadamente os hospitaes e os azylos. Foi devido a este successo que o grande tribuno José Estevão Coelho de Magalhães instituiu em Lisboa o primeiro asylo de S. João; achando na rua as creanças que as irmãs da caridade haviam abandonado, foi com ellas mendigar donativos, para crear aquelle asylo.

Este fado resume as manifestações populares d'aquella epocha.

DIGA USTED QUE SIM

CANTIGA

Á Ex.ma Snr.a D. Ruth de Mattos.

Esta cantiga é velha e comquanto tenha a palavra hespanhola *usted*, é portugueza.

O CABELLO ENTRANÇADO

DANÇA DE RODA

O meu coração é terra
Hei de mandal-o lavrar;
Para semear desejos
Que tenho de te lograr.

Nunca vi altar sem velas,
Nem egreja sem senhor,
Nem casada sem marido,
Nem donzella sem amor.

Eu subi ao marmelleiro,
Corri-o de nó em nó;
Quem tem o amor carreiro
Tem paciencia de Job.

Recolhidas no Alemtejo.

PULADINHO

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Rita de Freitas Parada.

Oh José, se tu quizeres
A tua roupa lavada,
Paga a uma lavadeira,
Que eu não sou tua creada,
Que eu não sou tua creada,
Que eu não sou creada tua,
Oh José, se tu quizeres,
Já te podes pôr na rua.

Quatro coisas ha no mundo,
Que eu desejava saber:
Cantar bem, tocar guitarra,
Jogar o pau, saber ler.

Pauladinho certo, certo,
Pauladinho certo, não,
As moças de Villa Nova
Já não vão a Portimão.
As moças de Villa Nova
Já não vão a Portimão.
Pauladinho certo, certo,
Pauladinho certo, não.

Se tu visses o que eu vi,
Na villa do Vimieiro,
Uma velha a dar n'um homem.
A's mãos ambas co'um cacheiro.

Recolhida no Alemtejo.

VÁ DE GIRA-GIRA

DANÇA DE RODA OU PASSEIO

Á Ex.ma Snr.a D. Claudina Rosa de Mattos.

Não é na Salvada
Que estão meus amores:
E' na rua Nova
Lá dos Mercadores.
  Va de gira-gira,
  Brinca tudo, brinca tudo,
  Este par é meu
  No dia d'entrudo.
  Vá de gira-gira,
  Brinquem todos que aqui 'stão
  Este par é meu
  Na noite de San João.

Oh amor, não digas
Mal da minha gente.
Póde ser que sejas
Inda meu parente.
  Vá de caracol,
  Minha rica pomba,
  Aqui andaremos
  Do sol para a sombra.
  Do sol para a sombra,
  Da sombra para o sol,
  Minha rica pomba
  Vá de caracol.

Recolhida no Alemtejo.

FADO JOÃO DE DEUS

Á Ex.ma Snr.a D. Herminia Ernestina Ferreira Pinto.

Quando vejo a minha amada
Parece que o sol nasceu;
Cantae, cantae alvorada
Oh avesinhas do ceu.

N'essas aguas do Mondego
Se pode a gente mirar,
Ellas procuram socego...
E vão caminho do mar.

A rosa que tu me déste
Peguei-lhe, mudou de côr;
Tornou-se de azul celeste
Como o ceu do nosso amor.

Não me falles da janella
Que te não ouço da rua;
Falla-me de alguma estrella,
Que te vou ouvir da lua.

Dizes que a lettra não deve
Ser nunca tão miudinha;
Mas grada ou miuda escreve,
Que o coração adivinha.

Não digas que me não amas
A ver se tenho ciume;
Os laços do amor são chammas
E não se brinca com lume.

A virgem dos meus amores
Sobresae entre as mais bellas:
E' como a rosa entre as flores,
E' como o sol entre as estrellas.

Eu zombo do sol e chuva,
Noite e dia, terra e mar;
Ais de uma pobre viuva,
Se os oiço, dá-me em chorar.

A sombra da nuvem passa
Depressa pela seara;
Mas a nuvem da desgraça
Já de mim se não separa.

Eu bem sei qual é a tinta
Que dás ás faces mimosas;
E' o carmim com que pinta
Deus Nosso Senhor as rosas.

Quando eu era pequenino
Que chorava a bom chorar,
A mãe beijava o menino,
No beijo se ia o pezar.

Nunca os beijos que te dei
Me venham ao pensamento...
Correi lagrimas, correi
Para o mar do soffrimento.

Faça Deus maior o mundo,
Terra e mar e ceu maior,
Que nada faz tão profundo,
Tão vasto como este amor.

Se tua mãe te vigia
Faz tua mãe muito bem;
Com joias de tal valia
Não ha fiar em ninguem.

Na alma já não me assoma
Aquella antiga visão;
A rosa perdeu o aroma
A luz perdeu o clarão.

O author da musica inspirando-se na poesia do grande lyrico, baptisou-a com o seu nome. Lettra d'este fado João de Deus.

ILLUSÃO

CANÇONETA

Á Ex.ma Snr.a D. Ophelia de Castro Silva.

Quando a vida voava entre sonhos,
N'essa edade de meiga illusão,
Foi então que amei uma virgem
Que era o idolo do meu coração.

N'um olhar eu lhe disse: Eu te amo!
N'outro olhar respondeu-me: E's amado!
Traiçoeiros espelhos do peito,
Taes mysterios me tem revelado.

No bulicio importuno do baile,
Onde a dança é o rigor da folia,
Tua imagem era linda e tão bella,
Como um raio do ceu parecia.

Quiz fugir, mas fugir p'ra bem longe,
Para ver se podia esquecel-a,
Era embalde, onde quer que estivesse,
Nunca, nunca eu deixava de vel-a.

Mas a custo se calaram nos labios
As palavras ardentes d'amor;
Não fiz jura, nem quiz ser perjuro
Nem quiz ser alcunhado traidor.

Quiz nos braços d'uma nova amante
Esquecer este meu pensamento,
Deixar uma entregue ao desespero,
Seguir outra, um amor de momento.

Esta canção é brazileira, mas muito conhecida em Portugal.

D'ONDE VENS, OH ROSA?

ORPHEONICA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Carolina de Souza Basto.

D'onde vens, oh Rosa?
Eu venho da Maia.
Que trazes, oh Rosa,
Linda Rosa?
Uma bella saia.

D'onde vens, oh Rosa?...
Eu venho d'alli,
Que trazes, oh Rosa,
Linda rosa?
Que te importa a ti.

D'onde vens, oh Rosa?
Venho de Coimbra.
Que trazes, oh Rosa,
Linda Rosa?
Uma coisa linda.

D'onde vens, oh Rosa?
Eu venho de Bemfica.
Que trazes, oh Rosa
Linda Rosa?
Uma coisa rica.

D'onde vens, oh Rosa?
Eu venho do Porto
Que trazes, oh Rosa,
Linda Rosa?
Um rapaz garoto.

D'onde vens, oh Rosa?
Eu venho de Lisboa.
Que trazes oh Rosa,
Linda Rosa?
Uma coisa boa.

D'onde vens, oh velha,
Que vens derribada?
Que trazes, oh velha,
Linda velha?
Sardinha salgada.

D'onde vens, oh velha?
Eu venho da praia.
Que trazes oh velha,
Linda velha?
Berbigão e raia.

D'onde vens, oh velho
Que vens derribado?
Que trazes, oh velho,
Lindo velho?
Bacalhau salgado.

E' esta uma das canções que as raparigas entoam a duas e tres partes nas arrancadas do linho, sem acompanhamento, a não ser em occasião de descanço que algum moço pegue na viola e lhe marque o rythmo que lhe addiccionamos.

QUANDO EU ERA PEQUENINO

LUNDUM

Á Ex.ma Snr.a D. Celeste da Purificação Teixeira Couto.

Já beijava-lhe a boquinha
Fechadinha,
Como da rosa o botão;
E se ao abril-a sorria,
Eu sentia
Palpitar-me o coração.

Mas hoje como sou grande
E se expande
Em meu peito mais ardor,
Já não acho quem me beije,
Quem deseje,
Ou acceite meu amor.

Se a furto beijo a priminha
Brejeirinha,
Vae dizer tudo á vóvó;
Ouço logo uma raspança...
Que mudança!
Até fallam-me em cipó!

Assim é, embora eu jure
E rejure,
De não dar mais beliscão;
Se peço um beijo á priminha
Velhaquinha,
Me responde:—Ora! pois não!

Quando penso no passado
Mal gosado,
Lembra-me um canto que ouvi;
E' pura moralidade,
E' verdade,
Nunca mais o esqueci:

«O gallo emquanto criança
Tem pitança
Que lhe dá mimosa mão;
Depois de velho, coitado,
Alquebrado,
Bate co'o bico no chão.»

Este lundum é brazileiro, mas muito vulgar em Portugal, onde o conhecemos desde 1864.

TRES PALMINHAS

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Arminda Albina Guimarães de Cerqueira de Souza.

DANÇA. — Os pares defronte uns dos outros, meneiam-se como no *Vira* e só batem tres palmas na ultima parte que é repetida. Não lhe conhecemos lettra propria, nem estribilho.

QUANDO EU ERA PEQUENINO

LUNDUM

Á Ex.ma Snr.a D. Celeste da Purificação Teixeira Couto

Allegretto

600

p

Quan-do eu e-ra pe-que-ni-no, que dia-bi-nho; Mais tra-ves-so ha-via en-

tão? Quan-do as mo-ças me bei-ja-vam, me a-bra-ça-vam, já lhes da-va be-lis-

cão, E brin ca-va co'a pri-mi-nha. Ma-ri-qui-nhas, es-con-di-dos no quin-

Já beijava-lhe a boquinha
Fechadinha,
Como da rosa o botão;
E se ao abril-a sorria,
Eu sentia
Palpitar-me o coração.

Mas hoje como sou grande
E se expande
Em meu peito mais ardor,
Já não acho quem me beije,
Quem deseje,
Ou acceite meu amor.

Se a furto beijo a priminha
Brejeirinha,
Vae dizer tudo á vóvó;
Ouço logo uma raspança...
Que mudança!
Até fallam-me em cipó!

Assim é, embora eu jure
E rejure,
De não dar mais beliscão;
Se peço um beijo á priminha
Velhaquinha,
Me responde:—Ora! pois não!

Quando penso no passado
Mal gosado,
Lembra-me um canto que ouvi;
E' pura moralidade,
E' verdade,
Nunca mais o esqueci:

«O gallo emquanto criança
Tem pitança
Que lhe dá mimosa mão;
Depois de velho, coitado,
Alquebrado,
Bate co'o bico no chão.»

Este lundum é brazileiro, mas muito vulgar em Portugal, onde o conhecemos desde 1864.

METTE, METTE

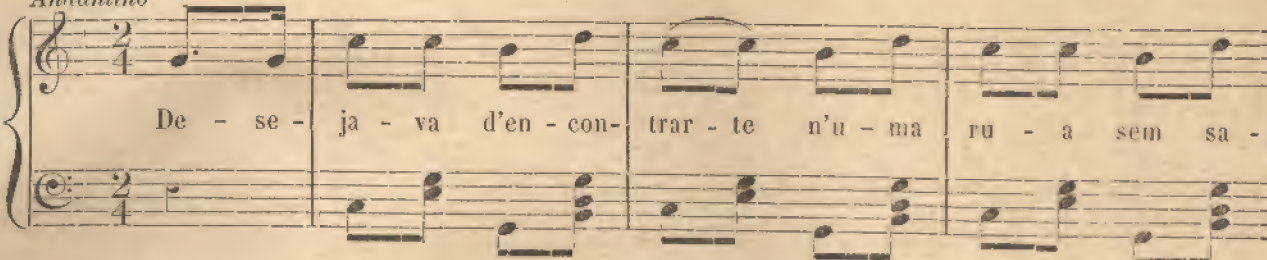
CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Deolinda de Freitas Sampaio.

Foste metter intrujices
A casa do regedor,
Por causa das intrujices
Estou de mal co'o meu amor.

Ora mette, mette, mette,
Ora mette com cuidado,
Se metteres devagarinho
Vou-te livrar de soldado.

Ora mette, mette, mette,
Ora mette a tua peta,
Se a metteres bem mettida
Vaes escrever na gazeta.

Esta cantiga appareceu pelo verão de 1898; investigando, soubemos que ella provinha d'um grupo theatral de gayatos da Rasa ou proximidades.

Quando um anno depois se manifestou no Porto a benignissima epidemia classificada de *Peste Bubonica*, o povo pouco crente na realidade d'uma peste séria, contra a qual as excessivas medidas profilaticas e preventivas fizeram levantar protestos ao commercio e á industria: desorientado e animando-se no protesto das collectividades respeitaveis, e até no opinião duvidosa de alguns clinicos, serviu-se d'esta musica para applicar versos ridicularisando os successos e invectivando os medicos mais em evidencia como propaladores d'uma falsa epidemia. Nãc poupou o humorismo popular o desmantellado edificio para colericos que tinha o nome do local onde estava construido—*Guellas de Pau*,—e que a Meza da Misericordia, para terminar as chufas, mandou reparar e chrismou em *Hospital do Senhor do Bomfim*. Com cantigas mais ou menos directas que a policia prohibiu nas ruas, applicava o povo grosseiro estribilhos satyricos e até obscenos.

SERRA DE MONCHIQUE

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Angelica Joaquina Baçau.

Desejava de encontrar-te
N'uma rua sem sahida;
Que te queria perguntar:
—Que te importa a minha vida?

Lá na serra de Monchique
Se formou um regimento;
Ai!
De cabeças de sardinhas
E o gato é o sargento.

Os teus amores, oh menina,
Chegam d'aqui a Lisboa.
A tua louca cabeça
Não vem dar em coisa boa.

Lá na serra de Monchique
Encontrei uma flôr
Ai!
Puz-lhe no pé um letreiro:
Não me deixes meu amor.

A rabaça tambem tem
Repartimentos na folha;
Toda a vida ouvi dizer:
Em quanto ha duas ha escolha.

La na serra de Monchique
Ha alecrim ás mãoschinhas;
Ai!
Tanto merecem a Deus
As altas coma as baixinhas.

DANÇA.—De roda; no estribilho os pares giram sobre si fazendo *balancé*, e no fim do ultimo verso, que deve ser quasi recitado, param interrompendo a dança e batem fortemente com o pé no chão.

BAHIANA

MIUDINHO

À Ex.ma Snr.a D. Thereza Maria d'Alvarim Pimenta.

Mulatinha da Bahia,
Ai, seu bem,
Já não come bacalhau;
Come bello limão doce,
Ai, seu bem,
Bella farinha de pau.

Já fui á Bahia,
Tambem ao Pará,
Quem não tem carapinha
Que não venha cá;
Mas eu que a tenho,
Por isso cá venho.

Mulatinhas da Bahia,
Ai, seu bem,
Foram-se lavar ao mar;
Deixaram as aguas turvas,
Ai, seu bem,
Sendo ellas um crystal.

Eu fui á bahia,
Eu fui ao Pará,
Meu bem foi-se embora:
—Psiu, psiu, venha cá.
Meu bem foi-se embora:
—Psiu, psiu, venha cá.

Mulatinhas da Bahia,
Ai, seu bem,
Foram passear á praia;
Com sapatinhos de seda,
Ai, seu bem,
Vestidinhas de cambraia.

Eu fui a San Paulo,
Eu fui ao Goyaz,
Cheguei á Bahia
Voltei para traz.
Cheguei á Bahia
Voltei para traz.

Este lundum que no Brazil tinha a designação de *miudinho*, foi trazido para Portugal pelos nossos marinheiros, nos tempos da navegação á véla.

VENHO DO DELGADO

DANÇA

À Ex.ma Snr.a D. Isabel Rodrigues d'Alvarim Pimenta.

Recolhida no Alemtejo. E' antiga. Dança-se de roda ou em passeio.

CANÇÃO GUERREIRA

DAS

AMAZONAS DE DAHOMEY

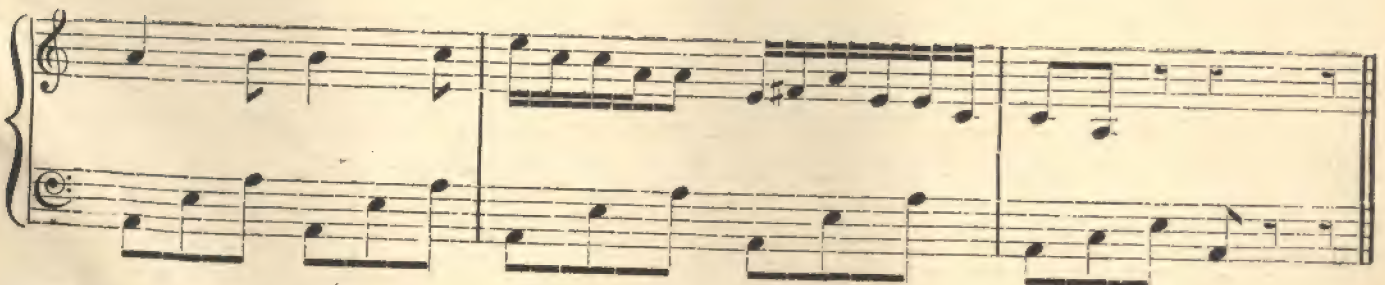
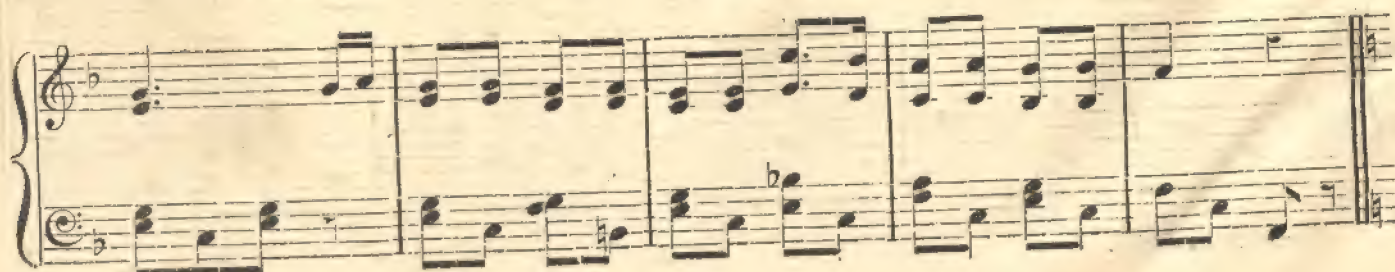
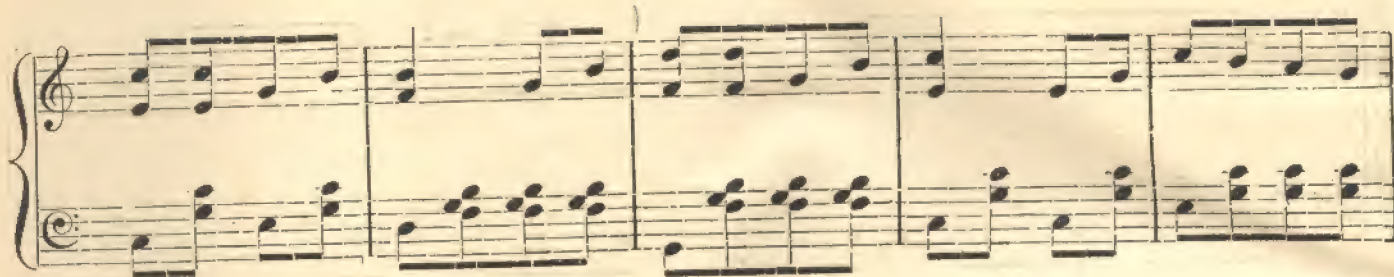
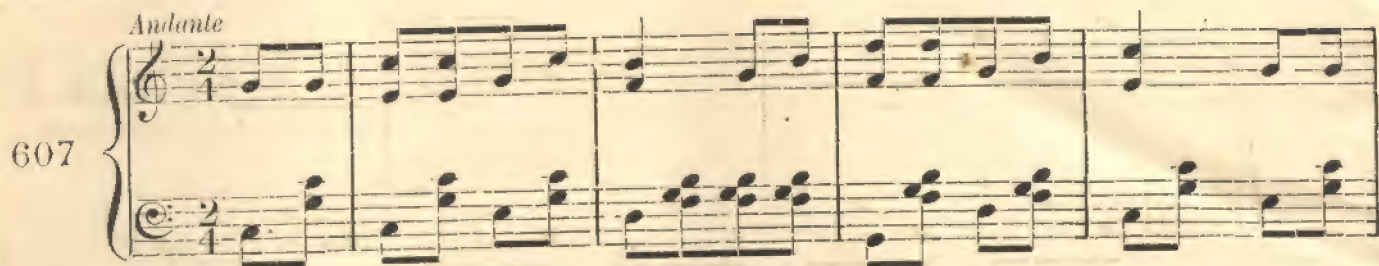
Á Ex.ma Snr.a D. Anna Newton.

Devemos á amabilidade do nosso amigo e distincto explorador africanista o Ex.mo Snr. F. Newton esta e outras musicas indigenas que aquelle dedicado investigador recolheu nos respectivos povos africanos.

A guarda real do soberano de Dahomey, hoje suprimida por influencia da França, era constituida por mulheres. Estas amazonas que acampavam no recinto do paço, renunciavam ao casamento e alistavam-se nas fileiras. Envergavam um uniforme de soldado, um calção encarnado ou verde, uma tunica, uma banda de seda e um capacete. Companheiras dos homens, aos quaes se assemelhavam pelas suas fórmas masculinas, tinham a vaidade de os excederem em coragem e no desprezo da vida, excedendo-os, tambem, muitas vezes, na crueldade rancorosa e fanatica.

D'esta e das seis canções seguintes não recebemos a lettra propria, e como está a terminar a publicação do *Cancioneiro*, para não as adiar para futura edição, resolvemos publicar a musica pela sua importancia.

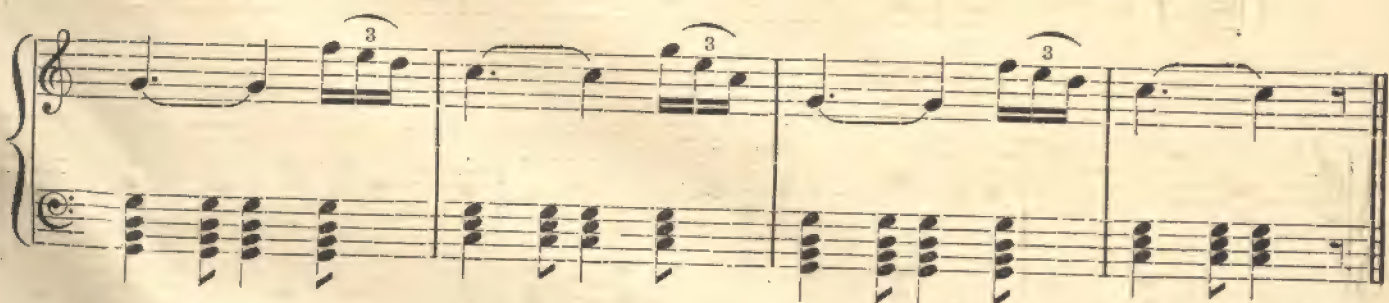
MARCHA GUERREIRA

À Ex.ma Snr.a D. Cacilda Fernandes da Silva.

Recolhida na Africa.

CANÇÃO DE S. THOMÉ

Á Ex.ma Snr.a D. Laura Newton.

SELÉ, SELÉ

Á Ex.ma Snr.a D. Maria José Allen Souto.

Recolhidas na Africa.

CANÇÃO DAS LAVADEIRAS

Á Ex.ma Snr.ª D. Elvira Newton.

Andantino

609

ANAGOU

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.ª D. Maria Leonor Allen Souto.

Moderato

610

CANÇÃO DA ILHA DO PRINCIPE

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Maria Luizello.

O NAUFRAGO

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Julia de Magalhães.

Ai do triste, errante naufrago,
Perdido no alto mar,
Que vê as perfidas ondas
O seu barquinho quebrar.

Quem virá em seu soccorro,
Onde encontrar praia amiga
Que lhe dê consolo á dôr,
Que lhe suavise a fadiga.

Como a errante andorinha,
Combatida pelo vento,
Cruza o espaço fadigosa
Quasi a cahir sem alento.

Assim eu procuro os mares
Desbordando de amargura,
Sem uma esperança de luz,
Sem futuro, sem ventura.

Devemos ao Ex.mo Snr. Padre João Silveira Madruga a presente canção que nos diz ser muito conhecida nas ilhas dos Açores.

HYMNO NACIONAL 1.º DE DEZEMBRO

Á Ex.ma Snr.a D. Julia Adelaide Mattos Loureiro.

lha - nos em mil se - is cen-tos e qua - ren - ta.
CORO
Já mais os po - vos con- sin tam, não, não, não, ju - go es-tra-nho em Por - tu -
gal, não, não, não, Vi - va, Dom Lu - iz pri - mei - ro, que é
nos - so ir-mão, Rei sem i- gu - al, Vi - va Dom Lu - iz pri -
mei - ro, que é nos - so ir-mão Rei sem i - gual.
8ª

O valor dos Portuguezes
E' mui grande e mais se augmenta,
Venceu elle os Castelhanos
Em mil seiscentos e quarenta.

Jámais os povos consintam,
Não, não, não,
Jugo estranho em Portugal,
Não, não, não,
Viva D. Luiz Primeiro
Que é nosso irmão, Rei sem igual.

Valorosos portuguezes,
Festejae dia primeiro
De Dezembro, em que explimos
O ferreo jugo estrangeiro.

Jámais os povos consintam,
Não, não, não,
Jugo estranho em Portugal,
Não, não, não,
Viva D. Luiz primeiro
Que é nosso irmão, Rei sem igual.

Ninguem ha que a patria venda
Ao cruel jugo estrangeiro,
Só algum qual Vasconcellos,
Esse ministro int'resseiro.

Jámais os povos consintam,
Não, não, não,
Jugo estranho em Portugal,
Não, não, não,
Viva D. Luiz Primeiro
Que é nosso irmão, Rei sem igual.

Portuguezes denodados,
Filhos da Luza Nação,
Conservae a Liberdade
D'Elrei o quarto João.

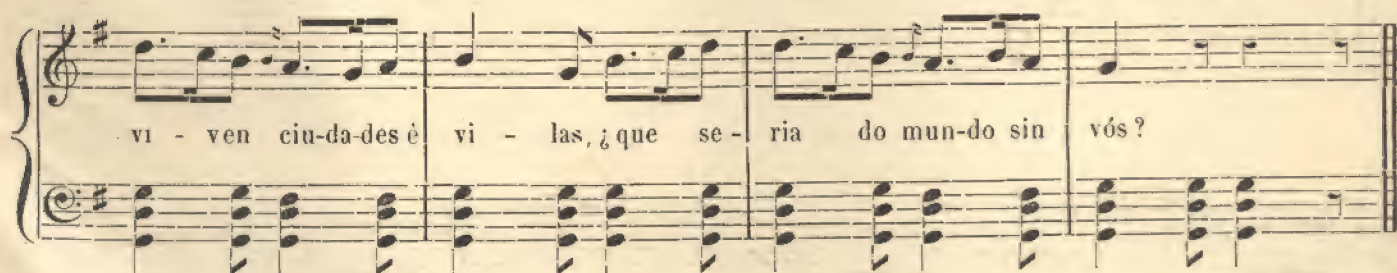
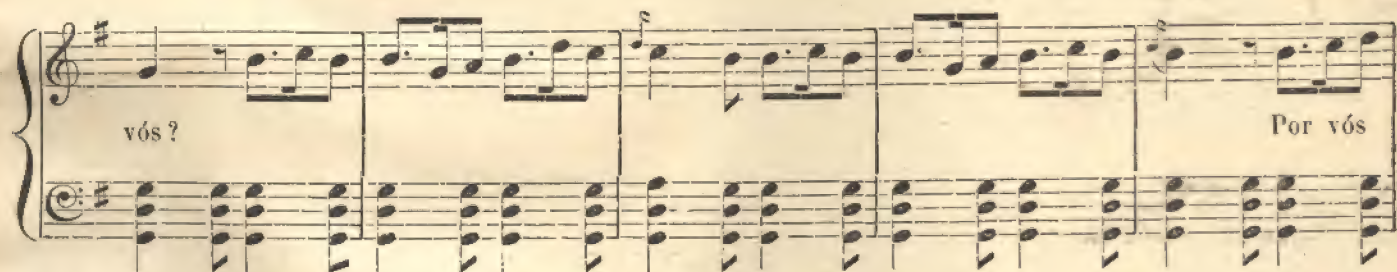
Jámais os povos consintam,
Não, não, não,
Jugo estranho em Portugal,
Não, não, não,
Viva D. Luiz Primeiro
Que é nosso irmão, Rei sem igual.

Este hymno não é uma peça artistica, nem na musica nem na lettra, mas tem o merecimento de mostrar na sua rudez os sentimentos de independencia que animam o povo portuguez no seu patriotismo e affecto ao seu rei, quando este lhe sabe conquistar o coração.

Este hymno appareceu em Lisboa por volta de 1864, pouco depois de se organisar a Commissão Patriotica que solemnisa todos os annos a data gloriosa da independencia de Portugal. Não conhecemos o author ou authores.

A MODA GALLEGA

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Hartemisia da Conceição Teixeira Couto.

DANÇA.—A moda gallega é dançada por um par (se ha mais todos fazem o mesmo), dama e cavalheiro defronte um do outro, tocando castanholas, balanceam-se em forma de valsa a dois tempos, dando de vez em quando algumas voltas, depois voltando costas com costas, vão andando em volta; em seguida a dama fica no centro, dançando sempre, e o cavalheiro vae dançando em roda virado para a dama; depois fica elle no centro e a dama por sua vez faz a mesma dança rotativa, porém, de costas para o cavalheiro; este vae depois seguindo a dama e procura ensejo de que ella lhe caia nos braços, semelhando um desmaio: voltam-se então um para o outro e dançam como no principio. A musica é feita por gaita de folle, tambor, pandeiro e castanholas.

SANJOANEIRA

CANTIGA

Á Ex.ma Snr.a D. Delphina Antunes Leitão.

Recolhida na Foz do Douro em 1893.

LUNDUM DA FOZ

Á Ex.ma Snr.a D. Amelia T. da C. G. Alves d'Azevedo.

Moderato com 8a

616

Eu qui ze - ra que ao mor -rer mi-nh'al- ma fi-cas-se a- qui, só-men- te pa-ra sa - ber o que di - ri - as de mim.

Tris - te vi - da é a da mu - lher, vi - da tris - te e es - qui - si - ta.

Se é fei- a nin - guem a quer, vi - ve em pe - na se é bo - ni - ta.

AS VACCAS

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Augusta da Costa (Braga).

Andante

617

Ao portal de vossas vaccas
Mamei leite, fez-me somno;
Santo Antão vos guarde as vaccas,
Mais a vós que sois seu dono.

Ao portal de vossas vaccas,
Mamei leite nos tetinhos;
Santo Antão vos guarde as vaccas
Mais os vossos bezerrinhos.

Recolhida nos Açores pelo Rev.mo Snr. Padre Cunha. E' muito antiga e ainda hoje se canta e baila na Ribeirinha da ilha do Pico.

OH BRINCHES

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Emilia Candida Guimarães Costa.

Andante

618

Recolhida no Alemtejo.

SERAPHIM JOÃO

MARCHA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Newton.

Recolhida pelo Ex.^mo Snr. Francisco Newton na Ilha Brava, do archipelago de Cabo Verde. Esta musica é antiga e applicam-lhe lettra diversa.

ESTRELLA D'ALVA

TOADA

Á Ex.ma Snr.a D. Izaura Newton da Costa Cabral.

Recolhida pelo Ex.^mo Snr. Francisco Newton, na Ilha do Principe.

E' uso nos casamentos da ilha do Principe os noivos não se deitarem n'aquella noite; andam em romaria pelas portas das egrejas, e só depois que a estrella d'alva desapparece é que retiram para casa. Durante a perigrinação vão cantando esta toada, ora o noivo ora a noiva, a que o coro das pessoas amigas que os acompanham corresponde.

AS BAILADEIRAS DE GÔA

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Estephania Martins.

Allegretto

621

Sou fi - lha da no - bre Gô - a, sou da In - di - a

na - tu - ral; a - qui te - nho os me - us a - mo-res e o

meu rei em Por - tu - gal, a - qui te - nho os me - us a -

Sou filha da nobre Gôa,
Sou da India natural;
Aqui tenho os meus amores
E o meu rei em Portugal.

As palmas olham a terra
E as arequeiras o ceu;
Pois vale mais quem se curva
Do que quem tanto se ergueu.

Nem sempre chora quem pena,
Nem sempre o mar mostra escolhos,
Nem sempre ri quem se alegra,
Nem dorme quem fecha os olhos.

Esta musica foi recolhida na India Portugueza pelo Ex.mo Snr. Francisco Newton.

MANDÓ DE GÔA

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ᵃ D. Bertha Luizello.

Andante

622

Ai se for's um di - a Gô-a, Ma-né Ti-ro - lé, lá ve - rás o que el - la é; Ma-né Ti-ro- lé, as mu - lhe - r's só to - mam chá, Ma - né Ti - ro - lé, os ho - mens to-mam ca - fé, Ma-né Ti - ro - lé.

Recolhida na India Portugueza pelo Ex.ᵐᵒ Snr. Francisco Newton.

Errata á pag. 285

Já estava esta obra impressa até á pag. 288, quando tivemos a agradavel surpreza de abraçar o nosso amigo, o distincto naturalista o Ex.ᵐᵒ Snr. Francisco Newton, que vinha de Cabo Verde em visita á sua familia. O nosso amigo fez as correcções que inserimos junto, como erratas, e com a competente lettra indigena, como especimen. As outras canções não tem lettra propria porque os indigenas usam improvisos d'occasião.

Errata á pag. 287

Á Ex.ma Snr.a D. Magdalena Luizello.

MOUROS

Moderato

611

Dialecto indigena: Vae pe - la lu - a um ban-do de mue - los, vae pe - la lu - - - a um ban-do de mue - los, pe - lei-já com fô - ça con - ta a lei quis - tám.

Traducção litteral: Vae pe - la ru - a um ban-do de mou - ros, vae pe - la ru - - - a um ban-do de mou - ros, pe - le-jar com for - ça con - tra o rei chris - tão.

CHRISTÃOS

O' - la vá - mo, vá - mo, vá - mo, pa - la a guel-la pe - le - já; a lei mue - lo tem di - nhe - lo con - ta la nós pa - ga - lá.

O - ra va - mos, va - mos, va - mos, pa - ra a guer-ra pe - le - jar; o rei mou - ro tem di - nhei - ro con - tra nós pa - ga - rá.

Esta musica pertence a uma especie de auto que se representa ao ar livre, na Ilha do Principe, extrahido do romance historico Carlos Magno (Calo magáno, lhe chamam os indigenas) Esta representação tem logar nas ruas durante o mez d'Agosto em honra das festas a S. Lourenço: formam-se dois tablados nos extremos d'uma rua, um egalanado de panno encarnado representando uma fortaleza com uma bandeira da mesma côr, tendo no centro o crescente; aqui é a fortaleza dos mouros com o seu rei etc, os actores são todos raparigas pretas, vestidas de encarnado. O outro, adornado com pannos brancos representa tambem uma fortaleza tendo a bandeira branca com uma cruz preta, é a fortaleza dos Christãos, os actores são igualmente raparigas indigenas vestidas de branco. Nas luctas e outras peripecias parlamentares ou de rapina os actores descem dos tablados, e toda a rua é d'elles (ou melhor d'ellas) para pôr em pratica encarniçadamente o seu jogo de scena.

Quando desce dos tablados cada grupo canta as toadas como vão indicadas na musica.

ADDENDA AO PROLOGO

— Pela sympathia e intelligencia que revela da nossa musica popular, o snr. Hussla pode considerar-se, sob o ponto de vista musical, como um naturalisado. Tão portuguez, como Marcos Portugal era italiano. Ha affinidades que em arte conferem uma patria distincta da patria juridica, ainda que o caso constitua excepção.

— Completando as citações do texto, ha a acrescentar o livro de John Milford «Peninsular sketches during a recent tour London, 1816», que insere a pag. 205 uma «portuguese modinha or air» sobre as palavras «Lindos olhos matadores», e a pag. 209 outra sobre as palavras «Por muito minha vontade»; e o «Portugal illustrated in a series of letters by the Rev. W. Kingsey — London, 1828», que comtem as canções «Eu bem sei dos teus amores» e «Entreteres meu pensamento», além do nosso Hymno da Carta.

Quanto ao «Album de musicas nacionaes — 1858», attribuido por Grove, no seu diccionario, a João Antonio Ribas, pudemos havel-o á mão depois de publicado o prefacio do 3.º volume d'este Cancioneiro. O seu titulo completo é: «Album de musicas nacionaes portuguezas constando de cantigas e tocatas usadas nos differentes districtos e comarcas das provincias da Beira, Traz-os-Montes e Minho, estudadas minuciosamente e transcriptas nas respectivas localidades por J. A. Ribas — Porto — C. A. Villa Nova.»

Contém a Chula da comarca de Penafiel, Vareira do concelho de Louzada, Trolha d'Afife, As Peneiras Mariquinhas meu amor, o Regadinho, a Raptada ou o Cavalleiro do Mondego, o Fado atroador de Coimbra, a Chula d'Amarante, Manoel tão lindas moças, Tricana d'aldeia (de Villa Real) e o Fado rigoroso.

E' a 2.ª edição do Album a de que nos servimos, e não traz indicação de data.

Novembro de 1899.

M. R.

ERROS MAIS IMPORTANTES QUE ESCAPARAM NA MUSICA, EM ALGUNS EXEMPLARES

Musica	n.º	178—Pag.	40—3.ª	pauta;	5.º	compasso	mão	esquerda	= a penultima nota deve ser *fa*,
»	»	184— »	48— »	»	3.º	»	»	»	= a segunda nota deve ser *sol*.
»	»	198— »	72—4.ª	»	2.º	»	»	direita	= a segunda nota deve ser *do*.
»	»	207— »	86—2.ª	»	1.º	»	»	esquerda	= a segunda nota deve ser *la*.
»	»	208— »	89—3.ª	»	»	»	»	direita	= o rè deve ser *sustenido*.
»	»	» — »	» — »	»	2.º	»	»	»	= idem
»	»	» — »	» —4.ª	»	3.º	»	»	esquerda	= a ultima nota deve ser *mi*.
»	»	» — »	» —5.ª	»	»	»	»	»	= a primeira nota do terceiro tempo deve ser *do* ♯
»	»	» — »	90—1.ª	»	»	»	»	»	= os *sis* devem ser *bemoes*.
»	»	» — »	» —3.ª	»	»	»	»	»	= o primeiro accorde de terceiro tempo deve ser dois *sis* em 8.ª
»	»	» — »	91—2.ª	»	2.º	»	»	direita	= a ultima nota do 1.º tempo deve ser *la*.
»	»	» — »	» —4.ª	»	5.º	»	»	»	= o *re* deve ser *sustenido*.
»	»	» — »	» — »	»	4.º	»	»	esquerda	= a primeira nota do 3.º tempo deve ser *si*.
»	»	» — »	» —5.ª	»	1.º	»	»	»	= a segunda, a quarta e a sexta nota devem ser *sis*; e a terceira e quinta nota *soes*.
»	»	» — »	» — »	»	2.º	»	»	»	= idem.
»	»	» — »	» — »	»	3.º	»	»	»	= a 2.ª, a 4.ª e 6.ª notas são *dós*; a 3.ª e a 5.º são *lás*.
»	»	» — »	» — »	»	4.º	»	»	»	= a 2.ª, a 4.ª e a 6.ª notas são *sis*; a 3,ª e a 5.ª são *socs*.
»	»	» — »	92—1.ª	»	»	»	»	»	= os *res* devem ser *sustenidos*.
»	»	» — »	» — »	»	5.º	»	»	»	= idem.
»	»	» — »	» —2.ª	»	1.º	»	»	»	= ~~o segundo e terceiro tempo deve ser em colcheias~~.
»	»	» — »	» —4.ª	»	4.º	»	»	direita	= a nota superior do primeiro accorde deve ser *mi*.
»	»	» — »	» — »	»	3.º	»	»	esquerda	= no 2.º tempo as notas superiores devem ser *mis*; a ultima nota inferior do 3.º tempo deve ser *sol*.
»	»	209— »	93—2.ª	»	2.º	»	»	»	= nas partes brandas de ambos os tempos devem ser *lás*.
»	»	220— »	112—5.ª	»	7.º	»	»	»	= a nota superior deve ser *sol*.
»	»	226— »	123—2.ª	»	5.º	»	»	direita	= a 2. nota inferior do 1.º tempo devem ser *sol* ♯ e o *si* do 3.º tempo deve ser *bemol*.
»	»	238— »	142—1.ª	»	3.º	»	»	esquerda	= o *fa* deve ser *sustenido*.
»	»	242— »	150—2.ª	»	1.º	»	»	direita	= a nota superior do 3.º tempo deve ser *re*.
»	»	249— »	182—5.ª	»	»	»	»	»	= o 3.º tempo dever ser um *fa*.
»	»	263— »	18[illegible]—1.ª	»	4.º	»	»	»	= deve ser accorde de *do* e *mi*.
»	»	» — »	» — »	»	5.º	»	»	»	= o primeiro tempo accorde de *do* e *mi*; e o terceiro tempo unicamente *mi*.
»	»	278— »	213—	»	1.º	»	»	esquerda	= a 1.ª nota deve ser *la*.
»	»	289— »	231— »	»	2.º	»	»	»	= a 1.ª nota superior deve ser *mi*.
»	»	291— »	234—2.ª	»	4.º	»	»	direita	= a ultima nota deve ser *sol*.
»	»	» — »	235—1.ª	»	—	—	—	—	= as divisões de compasso devem considerar-se d'uma só linha.
»	»	298— »	246— »	»	2.º	»	»	direita	= a ultima nota deve ser *sol*.
»	»	» — »	» —2.ª	»	»	»	»	»	= idem.
»	»	301— »	252— »	»	[illegible]	»	»	esquerda	= a 1.ª nota deve ser *do* e os tres accordes *la* e *mi*.
»	»	308— »	261— »	»	2.	»	»	»	= os accordes devem ser *mi, sol, si*.
»	»	» — »	» — »	»	3.º	»	»	»	= os accordes devem ser *si, re* ♯, *fa* ♯, *si*.
»	»	325— »	288—3.ª	»	2.º	»	»	»	= a primeira nota deve ser *do*.

INDICE

FIM DO TERCEIRO VOLUME

Um assignante d'esta obra que embirra com a musica n.º 601 pediu nos que a substituissemos por outra, ao menos para o exemplar que elle possue, promptificando-se a pagar a despeza que isso occasionasse; nós, porém, gratuitamente lhe satisfazemos o desejo na folha junto que deverá ser cortada e collocada no logar da outra, e egualmente a distribuimos a todos os senhores assignantes pois que pode haver mais algum de identica susceptibilidade.